

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

O DIA É DA RUA, A NOITE É DO ALBERGUE: condições e
contradições de um abrigo de regime aberto para adolescentes
em situação de rua na cidade de Fortaleza.

Diocleide Lima Ferreira

Fortaleza, 2000

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

O DIA É DA RUA, A NOITE É DO ALBERGUE: condições e contradições de um abrigo de regime aberto para adolescentes em situação de rua na cidade de Fortaleza.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Sociologia.

ORIENTADOR: Prof. Dr. César Barreira

Fortaleza, 2000

BANCA EXAMINADORA

Trabalho realizado junto ao Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, em Fortaleza-Ce, aprovado por:

César Barreira (Orientador)

1º Examinador

2º Examinador

Em: _____ de _____ de _____.

A papai e mamãe, as duas
pessoas mais especiais da
minha vida.

AGRADECIMENTOS

Se tem uma coisa que eu gosto de fazer na vida, é agradecer. Talvez pela veia interiorana que tenho, que é muito forte, mas, principalmente, por achar que agradecer é sempre um gesto nobre. Então, aproveito esse momento para agradecer a todos que me ajudaram de alguma maneira nesse percurso de tantas descobertas. Aos meus pais, que sentem o que eu sinto, seja nos momentos de alegria, seja nas aflições. E que sempre me fizeram levantar a cabeça e nunca desistir. Eles são “show”!

Às minha duas irmãs, Dione e Dioclécia, que mesmo reclamando o tempo todo por causa da minha bagunça (livros em cima da mesa, no chão, etc.), sempre são muito solidárias e se prontificam a me ajudar como podem. Agradeço a elas também pelas nossas “besteiras”, nossas manias e alegrias juntas. As nossas diferenças é que mais nos une.

Às minhas tias – Aldelice, Socorro, Rosalba, Clara, Very, Marta e Alda, e, minha avó, Nenzinha, por quem tenho muito apreço e pelo carinho de mãe que me oferecem.

Saindo um pouco do âmbito familiar, agradeço:

Ao CNPq, pela bolsa que custeou meu Mestrado. Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC, especialmente os que ministraram todas as disciplinas que cursei.

A César Barreira, um agradecimento especial, pela paciência que teve comigo, e, por ter me ensinado a crescer na Sociologia como pesquisadora.

Às professoras Glória Diógenes e Lúcia Morales pelas contribuições que deram na banca de qualificação, momento que em fez repensar toda a pesquisa.

Ao pessoal do LEV: Gil, Domingos, Rose, Janaína, Leonardo, Rosângela, e Joelma, pessoas com quem compartilhei meus primeiros momentos de pesquisadora profissional e com quem divido divertidos momentos na vida.

Aos colegas de turma no Mestrado, com quem, vez ou outra, dividia as angústias e as alegrias da pesquisa de campo e da escrita da dissertação: Raquel de Carvalho, Vera Costa, Adriana Simeão, Marcos Diniz, Virgínia, José Dias, Leonardo Damasceno, Maria Lourdes dos Santos, Isaurora Cláudia, Nilson Almino e Hélade Nogueira (*In memoriam*).

Aos “bares da vida”, que tantas vezes serviram de *locus* para embates teórico-metodológicos. E rememoro os velhos tempos de GAE (Grupo de Apoio Emocional), que nasceu das angústias provocadas pelas definições de objetos de pesquisa, do grupo que dele fazia parte: Isaurora, Nilson, Leonardo eu e uma doutoranda: Ceíça Fraga, que aproveito para agradecer-lá pelas conversas sérias que tínhamos e por seus “alertas” em relação ao futuro.

À Janaína Zaranza, por ter-me levado a conhecer o albergue I. Mas também por ser uma grande amiga e ter-se tornado muito presente na minha vida nesses últimos três anos.

A Leonardo Damasceno de Sá pela amizade de vida, pelas discussões teóricas, pelos incentivos, pela alegria, pela sinceridade, companheirismo, enfim, por tudo isso e pelo que estar por vir.

A Francisco José Gomes Damasceno por tantas “histórias” contadas, bebidas e vividas. Além de ser uma pessoa que sempre me abriu os olhos para as surpresas da vida acadêmica.

À Ana Maria pela ajuda que deu nas correções do trabalho, e por estar sempre a fim de ouvir as minhas besteiras, além de ser uma pessoa admirável pela sapiência e pelo zelo com os amigos.

À turma 26 do curso de Pedagogia em Regime Especial da UVA, do Colégio Mariano Martins com quem aprendi a gostar de ensinar.

A Cristiano, Rogério, Katiano, Lica, Valeska Sá, Keila, Rachel, Wagner, Elisângela, Tânia, Vinícius, Ana Carolina, Roberta, Jéssia, Nadson, Jardel, D. Raimunda, D. Mazé, Edna, Wellington, Marcelo, Ricardo, Christiane, pessoas que fazem parte de todos os momentos da minha vida.

Ao corpo técnico do albergue I pela permissão que deram de acompanhar seus trabalhos: educadores sociais, Coeli (coordenadora), Socorro (Pedagoga) e aos policiais militares pela disponibilidade.

Aos adolescentes e crianças que dormiam no albergue I. vítimas do descaso social, pessoas que, apesar dos pesares de suas vidas, sabem sorrir, brincar, agradecer a Deus pelo que têm, tecer sonhos, desejar. Sentimentos encobertos pelos “riscos” que fazem parte de suas vidas. Mais do que a todos que agradei, devo fazê-lo a esses sujeitos pela realização desse trabalho, e, pelos novos amigos que ganhei.

À noite o frio é grande
De dia o sofrimento é bastante
Quero sair dessa, meu irmão
Dia e noite sem lar, sem pão. É foda!
Meus amigos e amigas se afogando nas
drogas...
Tô com fome, tenho que rangar
Mesmo sem querer, vou ter que batalhar
Tirar o pouco de quem sou muito pra
ganhar
Só um pinote, um bote, já era...Veja só!
Mamãe olhava e pensava que eu teria um
futuro melhor
E agora eu estou na pior
A rua não tem faz-de-conta...
Um dia você bate e outro você apanha
É assim a real sem retoque!
Meu nome é Linda,
E por cima do compasso, se liga no toque.
Presta atenção na idéia por que é a nossa
rima.
Libere os ouvidos para o som da periferia.
Acredite, ainda existe uma saída!Se liga!Dê
um outro rumo à sua vida.
Não quero ver o sol quadrado e nem ficar
presa num quarto...só poder ir ao pátio...
Assim é pior, não quero levar uma vida só...
Eu já sou de maior. Não quero isso nem pra
você, nem pra mim.
Vou parar, vou pensar
Vou mudar a minha vida sim!
É difícil, mas não é impossível!
Querer é poder
Acredite nisso!
Vou procurar um trabalho...
É pouco, mas não é roubado,
Tá ligado?!

Tem que ser malandro de verdade pra não
morrer na pilantragem!
Pra não cair na mão dos homem
E mal para detrás das grades
Então meu irmão, se liga!Preste atenção,
saia dessa vida!
Sou sua amiga, vou te ajudar a curar essa
ferida.
Vem comigo na rima, sai dessa vida
bandida!
Dispensa a lombra...Oh, réu!
Se não, você vai mais cedo pro cemitério
O jogo é bruto, a coisa tá feia
Se cair na mão da Lei, já era...mofa na
cadeia!
Esse é o fim que o sistema deixou pra você
e pra mim... vamos dar a volta por cima?
Faça como eu, dê um outro rumo à sua vida
Acredite, ainda existe uma saída
Se eu tivesse naquela vida das antigas,
estaria negando usando dois ou tomando
umas biritas...
Talvez não estivesse nem viva!
Mano, mana, ouça o que eu digo. Vem
cantar comigo. Eu sou mais forte contigo.
Escolha o seu caminho!
Se você continuar assim, as lombras vão te
matar!
O veneno do sistema vai te derrubar...
A vida vai ser melhor, pode acreditar!
Quebre as correntes, recomece outra vez.
Liberte sua mente.
Tchau, tchau...
Vou trabalhar!
Até a próxima, tente mudar!
Acredite, ainda existe uma saída!
Se liga, dê um outro rumo à sua vida...

(Rap de uma adolescente do albergue, a Linda, que “morou” no abrigo e era rapper do grupo
Formação de rua – MH₂O Cultura de Rua)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo, analisar o processo de ressocialização de adolescentes em “situação de rua”, na cidade de Fortaleza-CE. O *lócus* da pesquisa é o Albergue 01, núcleo de atividades integrantes do Pólo Central de Atendimento a crianças e adolescentes, vinculado à Fundação de Bem Estar do Menor do estado do Ceará (FEBEMCE). O referido albergue é um local entendido como casa de regime aberto, ou seja, é um abrigo que agrega crianças e adolescentes habitantes das ruas de Fortaleza, e está previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), enquanto uma Medida de Proteção aos que estão em “situação de rua”, assim como para os que saem dos regimes sócio-educativos fechado e semi-abertos. O grupo de adolescentes que trabalhei, em específico, foram adolescentes que advinham dos regimes sócio-educativos fechados e semi-abertos, por serem enquadrados enquanto infratores, não descartando completamente os que estavam de fora deste perfil. A pesquisa foi realizada entre os anos de 1997 a 2000. E a metodologia utilizada neste intercurso foi a observação participante em todas as atividades direcionadas aos adolescentes, assim como me atribuí de recursos como entrevistas com adolescentes, educadores sociais, psicólogos e policiais, que trabalhavam no local. Também lancei mão de pesquisa em arquivos do Albergue 1, sobretudo nas fichas de acompanhamento dos adolescentes. A dissertação foi elaborada na forma de uma descrição um tanto densa dos momentos vividos no Albergue 1 com indivíduos que, em virtude da violência do Estado brasileiro, construíram uma trajetória de institucionalização, sendo “amparados” e, ao mesmo tempo, “violados” por esse mesmo Estado. E, mesmo com a chegada do ECA, suas trajetórias de vida ainda se subjulgam à reprodução de valores sociais tensos e carregados de descrédito. As categorias de análise: ressocialização, cidadania, direitos, silêncio, trabalho, risco, estigma, institucionalização e diferenciação orientam a escrita desta descrição, que, dinamizada pela temática mais geral da violência, mostram a reordenação das Políticas voltadas para o atendimento a crianças e adolescentes no Brasil a partir do início dos anos 1990.

Palavras-chave: ressocialização, crianças e adolescentes, cidadania.

ABSTRACT

This study aims to analyze the process of socialization of adolescents in "homeless" in the city of Fortaleza. The place of research is the Hostel 01, core activities within the Campus Service Center for children and adolescents, working with the Foundation for Welfare of Minors in the state of Ceará (FEBEMCE). This hostel is a place regarded as home of the open, that is, a shelter that brings children and adolescents living in the streets of Fortaleza, and is referred to the Child and Adolescent (ECA) as a Measure to Protect who are "homeless" as well as for those who leave schemes socio-educational semi-closed and open. The group of teens who worked in particular, were teenagers who stemmed the socio-educational schemes closed and semi-open, being framed as offenders, not discarding those that were completely out of this profile. The research was conducted between the years 1997 to 2000. And the methodology used in this intercourse was participant observation in all activities directed at adolescents, as I assign resources such as interviews with teens, educators, psychologists and police officers on duty there. Also make use of research in the archives of Hostel 1, especially in the monitoring reports of adolescents. The dissertation was prepared in the form of a somewhat dense description of the moments experienced in Hostel 1 with individuals who, because of the violence of the Brazilian state, built a path of institutionalization, and "sustained" and at the same time, "violated" by that State. And even with the arrival of the ECA, their life histories are still overtake the reproduction of social values tense and charged with disbelief. The categories of analysis: re-socialization, citizenship, rights, silence, work, risk, stigma, institutionalization and differentiation guide the writing of this description, which, driven by more general theme of violence, show the reordering of policies aimed at assisting children and adolescents in Brazil since the early 1990s.

Keywords: rehabilitation, children and adolescents, citizenship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I: TRABALHO DE CAMPO: O LOCUS DE DEFINIÇÕES	19
Alguns antecedentes da definição do objeto: uma sondagem nas instituições....	19
Aspectos que contribuíram para a reformulação do objeto de pesquisa.....	28
Os melindres do trabalho de campo.....	31
Cronograma e técnicas auxiliares no trabalho de campo.....	39
CAPÍTULO II: DESCREVENDO O ALBERGUE	41
A origem do abrigo.....	41
As regras do abrigo.....	44
O corpo técnico e suas funções.....	45
Cada regra, uma lógica.....	50
As atividades sócio-educativas.....	57
As oficinas de arte.....	57
As oficinas de saúde e sexualidade.....	59
As atividades religiosas.....	61
As oficinas de hip hop.....	62
Os passeios culturais.....	65
As dimensões das atividades sócio-educativas.....	67
CAPÍTULO III: A PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: SILÊNCIO E MARCA DE DISTINÇÃO	69
Trabalhando com o silêncio.....	71
Rompendo o silêncio: um adolescente como ilustração.....	73
CAPÍTULO IV: OS FILHOS DO PÓLO/ALBERGUE E OS FILHOS DA PRAÇA	82
Os filhos do Pólo/albergue.....	86
Atividades de trabalho.....	87
Atividades esportivas.....	90
Os filhos da praça.....	94
CAPÍTULO V: A CHEGADA À MAIORIDADE: E AGORA?	99
Representações e rituais dos “dezoito anos”.....	100
A maioridade dos “di menor”.....	102
Táticas de sobrevivência dos “di maior”.....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
BIBLIOGRAFIA	119

INTRODUÇÃO

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) foi implantado em 1990 para legislar a política assistencial voltadas à crianças e adolescentes brasileiros em defesa dos seus direitos. Incentivando a criação de alternativas que garantam a cidadania, traz propostas para a educação formal, educação de rua e para o controle social das políticas e práticas com crianças e adolescentes de qualquer classe social¹,

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhes, por lei ou outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual, e social, em condições de liberdade e dignidade.

(Art. 3º - ECA)

O ECA elege a família, a comunidade e o Estado como asseguradores dos direitos citados anteriormente. Caso a família não tenha as condições necessárias para oferecer esses direitos às suas crianças e adolescentes, o Estado assume tal responsabilidade:

o direito à vida, saúde, alimentação, educação, esporte, lazer, profissionalização, cultura e dignidade, se não são proporcionados através da família, serão alcançadas pela criança e pelo adolescente através da ação estatal: segundo o ECA, é a isso que o Estado se propõe. Aparentemente intervindo apenas como corretor de rota, se transforma em navegador que localiza, adentra, estabelece, recompõe, julga, condena e absolve, quer pela lei jurídica, quer pela norma assistencial.

(PASSETI et all, 1995: 53)

Ou seja, é o Estado que se responsabiliza pelas “faltas” inerentes à população pobre da sociedade brasileira. E a classe pobre da população brasileira

¹ Ver **MÉNDEZ**, Emílio Garcia. O Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil. Da situação irregular à proteção integral: uma visão latino-americana. In: _____ . **Infância e cidadania na América-Latina**. São Paulo: HUCITEC/Instituto Ayrton Senna, 1998.

está diretamente associada à produção de violência e criminalidade no país. Devido a esse fator, uma grande preocupação em torno das crianças e dos adolescentes pobres vieram à tona, também com a criação do ECA.

Para o ECA, todas as crianças e adolescentes pobres estão em “situação de risco”, ou seja, numa situação de intensa preocupação, pois é a condição de pobreza que coloca esses indivíduos em contato com a delinqüência e com as punições². Os adolescentes e crianças envolvidos com infrações passam a estar “em conflito com a Lei”; e, devido a maioria deles viver nas ruas das grandes cidades, são chamados de “crianças e adolescentes em situação de rua”³. Nos dois casos, a maior preocupação é com a possibilidade de promover Políticas Sociais com Medidas de Proteção Sócio-educativas que se voltem para o direito à cidadania das crianças e adolescentes.

Em Fortaleza, vários projetos e programas de atendimento foram criados para a garantia das exigências do ECA. Alguns foram implantados pela Fundação Estadual de Bem Estar do Menor do Ceará (FEBEMCE), outros por Organizações Não-Governamentais (ONG's). Esses programas e projetos visam a prevenção da entrada de crianças e adolescentes no mundo das infrações, no caso das que estão em “situação de risco”. Para as que estão em “situação de rua” ou cometendo infrações, os programas de atendimento visam à reintegração ou ressocialização destas em instituições de regime aberto ou fechado.

O regime aberto corresponde aos lugares onde as crianças e os adolescentes participam de atividades sócio-educativas, podendo entrar e sair do local por vontade própria. O regime fechado corresponde à privação de liberdade determinada judicialmente, e, de acordo com o ECA, só pode ser aplicada a adolescentes que estejam envolvidos em atos infracionais.

Tendo em vista as novas exigências do ECA, analiso neste trabalho um abrigo, dentre os vários existentes no programa de atendimento da FEBEM-CE⁴,

² O ECA substitui o termo delinqüência por atos infracionais, então os delinqüentes passam a ser chamados de infratores.

³ Ao longo do trabalho usarei o termo “crianças e adolescentes em situação de rua” para identificar os atendidos no albergue.

⁴ A FEBEM-CE era o órgão em nível estadual responsável pela política de assistência a crianças e adolescentes em situação de risco, assim com também era responsável pela reintegração social das crianças e

considerado de regime aberto: o Albergue 1, uma espécie de abrigo que agrega crianças e adolescentes habitantes das praças e calçadas do Centro da cidade de Fortaleza.

O Albergue 1 ganhou destaque, principalmente, devido, ao contrário de outros abrigos e programas de atendimento, funcionar à noite, no horário dedicado ao descanso. No albergue são realizadas as atividades sócio-educativas, as quais se distribuem em: atividades artísticas, atividades religiosas, atividades de cuidado com o corpo e saúde.

Nesse sentido, o Albergue 1 serve como espaço físico e institucional para uma tentativa de ressocialização, ou seja, de reingresso dos adolescentes⁵ na sociedade, tendo como meta guardá-los e orientá-los para uma vida de “disposição para o trabalho” e, por esse meio, tornarem-se “cidadãos reconhecidos socialmente” e capazes de se transformarem em adultos responsáveis, na ausência da assistência do Estado.

Para tanto, os adolescentes deverão obedecer às regras do albergue, sendo inseridos num contexto onde tudo pode desfavorecê-los se vierem a cometer muitos deslizes, como opor exemplo, o ato de consumir drogas ou mesmo, demonstrar preguiça na hora de executar as tarefas. Eles deverão entrar num processo disciplinar, o qual tentará desvinculá-los dos seus antecedentes infracionais e os colocarão diante de uma situação de possibilidades de mudança de vida. Dentro dessa possibilidade, encontram-se indivíduos marcados socialmente por uma vida marginal, querendo, a todo o custo, transformar-se em caras de bem (Adolescente do sexo masculino, 17 anos).

O presente trabalho visa, então, analisar esse processo de ressocialização em regime aberto com adolescentes em “situação de rua”. Cabe frisar que nessa categoria estão adolescentes envolvidos com atos infracionais, tais com: consumo

adolescentes em situação de rua e em conflito com a Lei no Ceará. Com a sua extinção, essas duas tarefas passaram a ser exercidas pela Secretaria do Trabalho e Ação Social do Estado do Ceará. O albergue surge então, numa nova fase da Política de assistência à criança e ao adolescente no Ceará.

⁵ O atendimento do albergue é preferencial a adolescentes. As crianças são recebidas e passam no máximo uma noite no abrigo, sendo logo encaminhadas ao SOS Criança, onde as medidas específicas para esse público devem ser tomadas.

de drogas assaltos, agressões com uso de violência física, tráfico de drogas⁶, e, ainda, os adolescentes que já tiveram passagens por outros abrigos da FEBEM-CE, inclusive os de privação de liberdade.

Tendo em vista um público que apresenta uma diversidade nas suas trajetórias de vida, pude definir o albergue, com seu aparato disciplinar, enquanto locus de estudo e dali colher dados extras como: o silêncio dos adolescentes egressos da privação de liberdade, a problemática da maioridade e os conflitos criados em torno da indisciplina e da desordem dentro e fora do abrigo.

Os trabalhos de autores que abordaram a questão da reintegração social no Brasil, de forma mais específica me foram bastante elucidativos, como é caso do trabalho de Lígia Costa Leite sobre a conscientização através da escolarização (1991); assim como o trabalho de Alba Zaluar (1994) uma etnografia sobre projetos de resgate da cidadania com a utilização da arte e do esporte, e ainda, a etnografia de Hélio R. Silva e Cláudia Milito, trabalho sobre projetos assistenciais no Rio de Janeiro, onde o papel do educador de rua é evidenciado no novo jogo de relações entre adolescentes e crianças que vivem nas ruas e nas instituições agregadoras após a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Os trabalhos de Lígia Costa Leite (1991) e Alba Zaluar (1994), se enquadraram no meu contexto teórico devido às abordagens das duas autoras estarem ligadas diretamente a formas de atendimento das instituições que cuidam de crianças e adolescentes pobres que vivem nas ruas ou passam pelo que hoje chamamos de situação de risco, ou seja, não moram na rua, mas a condição de pobreza, não os livram de assim estarem a qualquer momento. O fator mais interessante é que os projetos analisados pelas duas autoras, não fazem parte do aparato estatal. São, na verdade, programas alternativos originados, muitas vezes, de iniciativas voluntárias ou do apoio de organizações não-governamentais.

Lígia Costa Leite (1991) apresenta um trabalho no qual analisa a ressocialização dos que ela chama “meninos de rua”, da cidade do Rio de Janeiro. Um projeto chamado Escola tia Ciata, uma escola municipal, a qual agregava adolescentes e crianças que se encontravam em situação de rua, com o intuito de

⁶ Essa afirmação foi feita com base nas fichas de identificação dos adolescentes que frequentam o albergue.

dar-lhes os princípios básicos da civilização (ELIAS, 1994) através da escolarização. Essa escola funcionava no Sambódromo da Praça da Apoteose, e, principiou com a tentativa de alfabetizar adolescentes e crianças moradores de rua do Centro do Rio de Janeiro, para que estes obtivessem o saber exigido pela sociedade. Dado esse primeiro passo, a Escola leva o aluno a perceber que o aprender está associado ao prazer e à descoberta, sendo um ato criativo de libertação (LEITE, op. cit., 1991), e não um modo de ascensão social como é representada geralmente. Leite classifica essa escola como “a Escola Imaginária”, que se transformou em “Escola Real”, pois pensada enquanto utópica, tornou-se práxis, uma vez que levou o seu público alvo a se interessar pelo aprendizado. A escola não logrou o êxito esperado, devido a conflitos gerados pela falta de “tato” dos professores e coordenadores com a proposta criativa, que era levar o aluno a conhecer o mundo que o marginalizava e mostrar a ele suas capacidades e seus encantos desconhecidos, a magia (LEITE, op. cit., 1991) não reconhecida nos que, historicamente, eram desprovidos do poder de a revelarem; e, também, por falta de interesse político na proposta da escola, pelo contrário, a escola deixa de funcionar quando a Prefeitura do Rio de Janeiro notou que ela denunciava a negação da cultura popular no sistema instituído de ensino público.

A Escola Tia Ciata desenvolvia um trabalho assistencialista não deixando de lado o desmascaramento dos nossos padrões culturais, fator que não se sustentou devido ao nosso sistema educacional não produzir especialistas para lidar com esse tipo de público. Mas mesmo com essas dificuldades, pôde-se constatar a viabilização da alfabetização de meninos de rua e a inserção profissional de dezenas de jovens que vivem à margem do sistema escolar.

A experiência descrita por Ligia Costa Leite, mostra o quanto existe um desinteresse da parte dos órgãos que fazem as políticas sociais em desenvolver projetos de ressocialização de crianças e adolescentes pobres no Brasil. O que faz com que se reproduza no senso comum a lógica do castigo como solução para pôr fim na delinquência juvenil, a mera reprodução da ordem social através de forças repressivas.

O trabalho de Alba Zaluar (1994) me deu um bom suporte por ser um conjunto de etnografias de projetos alternativos com base no resgate da cidadania⁷ para crianças e adolescentes pobres através do esporte e da iniciação profissional em oficinas de trabalho e de escolarização em três cidades diferentes do Brasil, numa tentativa relativizadora de ouvir as várias vozes que estavam inclusas nos projetos⁸. Ao contrário de Leite (1991), que se inclinou para um trabalho de denúncia do descaso público com “meninos e meninas de rua” com a experiência “doce e tortuosa” da Escola Tia Ciata. Zaluar (1994) focaliza as relações dos jovens com as instituições encarregadas de socializa-los para a cidadania, dizendo que:

O foco está posto na cidadania, nos seus limites e contradições na sua vinculação com o trabalho e seus ardis. Não a moda com seu tempo rápido e seu consumo avassalador, mas o aparato institucional, que se constrói em tempo lento e não segue os ditames de nenhuma vanguarda.

(ZALUAR, 1994:27)

A importância desses trabalhos para a pesquisa, está, exatamente na intersecção entre ambos: a transformação dos indivíduos para uma boa aceitabilidade no meio social, tendo em vista as suas histórias de vida, com o uso de recursos como o esporte, a arte e a escolarização para o trabalho. No caso dos adolescentes com quem trabalhei, tais recursos também foram utilizados, e, as transformações se faziam necessárias, principalmente devido à maioria (18 anos) que se aproximava, e que, conseqüentemente, o aparato institucional deixaria de existir. Porém, nem todos conseguiram chegar ao objetivo almejado pela instituição: a ressocialização, fazendo com que toda a estrutura do albergue e

⁷ A autora usa como referência a concepção de cidadania de Wanderley Guilherme dos Santos, a qual se baseia na profissionalização como uma garantia do ser cidadão, e não nos valores inerentes ao conceito de membro da comunidade. Porém, ela atribui o direito de uma cidadania incompleta às crianças e aos adolescentes pelo fato desses indivíduos não terem as mesmas responsabilidades jurídicas que os adultos.

⁸ Alba Zaluar pesquisou os programas desportivos da fundação Roberto Marinho – PRIESP e o RECRIANÇA, no Rio de Janeiro; o PIM de Curitiba, que priorizava a educação pelo trabalho e o Programa Integrado de Atendimento ao Menor de Goiânia, que oferecia, como o Pólo de Atendimento em Fortaleza, uma assistência voltada para a educação, o esporte e a profissionalização durante o dia, e, à noite, os atendidos podia dormir em um albergue, onde faziam atividades voltadas para a arte.

do Pólo Central se voltasse contra os que não lograssem os êxitos desejados e os deixasse, literalmente falando, de fora da instituição.

De acordo com Silva e Milito (1995), para trabalhar com meninos de rua, não se deve omitir os seus interesses, pois não adianta falar somente de atendimentos institucionais colocando o “menino de rua” como um mero receptor de regras. Ao tentar fazer o exercício de saber o que interessa a este sujeito, em específico, é importante evidenciar também os interesses dos que estão ao seu redor, principalmente os educadores de rua⁹. No entanto, isso é preocupante no sentido que, toda a sociedade, com a sua “cultura da evitação” (Silva e Milito, 1995) acaba, muitas vezes, não respondendo aos interesses dos adolescentes e das crianças em situação de rua, atendidas pela FEBEM ou programas afins. Daí a pergunta: ressocializar para quem e para quê?

Para Violante (1983), é no interior da ambigüidade institucional que as crianças e adolescentes realizam subjetivamente a sua própria ambigüidade, um misto de decência e malandragem. E, aos dezoito anos, outros dilemas tomarão conta de sua trajetória.

O trabalho está dividido em cinco capítulos. O primeiro é dedicado à trajetória metodológica, constituindo uma descrição dos momentos de definição da pesquisa, tendo como mote o trabalho de campo, seus dilemas e descobertas.

No segundo capítulo descrevo o albergue 1 enquanto espaço de construção das regras, como se dá a sua aplicação e qual a lógica de cada uma.

O terceiro capítulo reserva à descoberta do silêncio dos adolescentes acerca da privação de liberdade e dos elementos que se faziam presentes para a construção desse silêncio. Enfatizo as representações que adolescentes nunca privados totalmente de liberdade faziam dos que já haviam passado por essa “penalidade”.

No quarto capítulo, faço uma abordagem do albergue enquanto um espaço delimitador de conflitos e classificações simbólicas, construídas a partir da ordenação das vidas dos adolescentes que lá vivem como “moradores”, dos que são proibidos de entrar no abrigo e dos que vivem de “passagem” pelo local.

⁹ Categoria de profissionais criada para exercer o trabalho com crianças e adolescentes nas ruas e praças das cidades brasileiras.

No quinto e último capítulo, analiso a chegada da maioridade e os rumos que ela dá aos ex-adolescentes, os quais irão ingressar no mundo social “normal”. Ainda neste capítulo, analiso a dimensão da chegada à maioridade dos adolescentes que não podiam entrar no abrigo, “os filhos da praça”, como marcas simbólicas, o que Velho (1994 a) classifica enquanto “violência e destino”.

CAPÍTULO I

TRABALHO DE CAMPO: o *locus* de definições

Alguns antecedentes da definição do objeto: uma sondagem nas instituições

Em 1997, quando iniciei o mestrado, minha intenção de pesquisa era voltada para a ressocialização de adolescentes numa instituição de privação total de liberdade.

Em Fortaleza, existem três instituições de privação de liberdade: o Centro Educacional São Miguel (CESM) só para adolescentes do sexo masculino; o Centro Educacional D. Bosco, também só para adolescentes do sexo masculino, e o Centro Educacional Aldaci Barbosa, para adolescentes do sexo feminino.

O CESM é o único dos centros educacionais que se destina à privação total de liberdade, pois é neste local que ficam os adolescentes do sexo masculino que cometem atos infracionais graves¹⁰

As outras instituições são destinadas aos adolescentes que tenham cometido atos "infracionais leves" para os quais não necessitem permanecer em total privação, ou seja, possa exercer algumas atividades fora da instituição, sob determinação judicial e mediante vigilância.

Posto em prática a partir de 1990, o ECA veio trazer uma série de questionamentos principalmente a respeito da punição a "menores infratores", a qual perdia toda a conotação de "correção" violenta e repressiva das legislações anteriores, diminuindo a atuação violenta da polícia ou de qualquer pessoa sobre

¹⁰ O ECA considera ato infracional, crimes e contravenções penais dispostas no Código penal brasileiro, e, divide os atos infracionais em graves e leves. Os graves são atos cometidos mediante violência (assaltos acompanhados de agressão física, assassinatos, homicídio et.) ou grave ameaça à pessoa – Art. 122. Os crimes leves são os que dispõem do uso de violência direta a outrem (porte de drogas é o mais comum).

crianças e adolescentes em situação de rua, se travestindo em medidas sócio-educativas, levando em conta a gravidade da infração, como já esclarecido anteriormente.

Em 1996, havia sido criado em Fortaleza, um albergue para Crianças e adolescentes que dormiam nas ruas do centro da cidade, e uma amiga do curso de Ciências Sociais trabalhava como educadora social no local. Ela sabendo do meu interesse em trabalhar com adolescentes infratores que estivessem recebendo as medidas sócio-educacionais, me informou sobre a presença de adolescentes que já haviam passado por privação de liberdade no albergue. Isso me interessou, mas a minha vontade era fazer trabalho numa instituição de privação de liberdade. Por isso escolhi o CESM.

Então fui em busca do meu objetivo¹¹. Fui para o CESM, que se localiza no bairro Jardim União, na periferia de Fortaleza. Um local de muros altos, com guaritas em cada canto dos muros, e policiais nas guaritas. Um complexo prisional em tamanho menor, o desenho era o mesmo. O portão de entrada dava para uma sala de recepção, e para entrar tive que gritar por alguém que estava ao fundo da sala. Era um vigia, que me perguntou o que queria, eu disse que iria conversar com a diretora, e ele foi buscá-la para verificar a veracidade do que eu dizia. A diretora veio, e mesmo sem me conhecer, confirmou a história e deu consentimento para que abrisse o portão. Entrei e nos dirigimos logo à sala da direção, onde conversamos por duas horas.

A diretora foi muito simpática, me mostrou documentos da instituição, me ofereceu cafezinho, me apresentou à Psicóloga, e conversou sobre sua pesquisa para monografia de especialização no curso de Serviço Social, pois trabalhava com as famílias dos privados.

Expliquei minha pesquisa, os meus objetivos e dei meu projeto para que ela lesse. Ela gostou, mas me falou que para entrar e fazer o que me propunha, investigação através de observação participante, teria de conseguir autorização judicial, devido a todos os adolescentes que ali estavam, se encontrarem sob responsabilidade judicial. Informou-me onde era o Juizado da Infância e da Adolescência e me

¹¹ Fevereiro de 1998.

orientou no que deveria falar para o Juiz. Emprestou-me alguns planejamentos de atividades executadas no local. Sai bastante otimista! Estava quase tudo pronto para entrar em campo.

Antes mesmo de ir pedir autorização judicial, a diretora me ligou, pedindo desculpas, mas eu não poderia realizar minha pesquisa no local, pois a direção geral da FEBEM-CE estava proibindo a execução de atividades que não tivessem cunho sócio-educativo direto com os adolescentes. Além do que o momento na instituição não estava propício a qualquer que fosse o objetivo do estudo. Pois estavam prevendo explodir uma rebelião a qualquer momento e se isso acontecesse é que ficaria difícil de fazer a pesquisa. Alguns dias depois houve mesmo um foco de rebelião no CESH, sendo os adolescentes logo dominados pela polícia.

Ainda assim fui deixar os documentos que a diretora havia me emprestado duas semanas após o ocorrido. Chegando ao local, dois policiais me receberam, me identifiquei e pedi para chamarem a diretora, um deles foi e quando ela veio, disse que eu não poderia nem entrar, pois as "coisas estavam muito tensas". Pediu que compreendesse, pois não poderia fazer nada por mim. Daí, retomei sem saber o que fazer. Mas lembrei do albergue e da disposição que a minha amiga havia demonstrado para me levar ao local. Entrei em contato com ela, que logo conseguiu marcar um encontro meu com a coordenadora do albergue.

Redefini meu objeto de estudo a partir da informação que tinha sobre a presença de adolescentes que já haviam estado sob privação de liberdade no abrigo.

Uma semana após fui recebida pela coordenadora do albergue. E meu objeto de estudo, então, era fazer um estudo com os adolescentes egressos de privação de liberdade, que freqüentavam o albergue.

No albergue:

A minha entrada no albergue 1 se deu por intermédio de uma amiga que trabalhava no local como educadora social. Conheci o abrigo no dia 15 de abril de

1998. Fui apresentada à coordenadora e aos educadores. Na ocasião de apresentação expus a minha intenção de pesquisa no local à coordenadora e a mesma deu permissão para que utilizasse o material que fosse necessário e me sentisse à vontade para ir ao abrigo quantas vezes quisesse, pois conforme anunciou: *a intenção daquele espaço era se tornar o mais aberto possível, e era muito interessante que houvesse uma participação maior da comunidade universitária junto aos adolescentes.*

Ficou claro todo um interesse da coordenadora que o abrigo fosse visualizado num patamar de mais importância, no sentido de que se definia enquanto um espaço renovado de práticas de atendimento na FEBEM-CE:

A sua presença aqui é para nós do albergue um fator muito positivo do ponto de vista de reconhecimento do albergue e do pólo enquanto partes da instituição FEBEM-CE que têm um propósito novo, uma forma de atendimento diferenciada, uma relação de abertura não-repressiva com os meninos de rua¹².

Seria, então de interesse da coordenação que o trabalho de pesquisa feito no local servisse também como uma forma de propagandear o atendimento a adolescentes em situação de rua, o que de fato não era bem o meu interesse.

Não dispensei as boas vindas da coordenadora e iniciei o trabalho tão logo foram feitas as formalidades da apresentação. Estava traumatizada com a experiência anterior, e achava que não poderia perder tempo.

Fui levada a conhecer as dependências do abrigo, pela coordenadora, o que me proporcionou um contato inicial com os atendidos, diria até uma olhada bem por cima do que mais tarde passou a ser da maior importância. Qual não foi minha surpresa ao ver tanta gente bonita! Fiquei impressionada com a beleza de alguns adolescentes que jogavam futebol na quadra de esportes, a robustez de seus corpos, e a estética facial, o que não era uma característica geral, mas nos que vi foi algo que me apanhou de surpresa logo quando esperava ver meninos fedidos e sujos, como a gente costuma vê-los nas ruas.

Apesar de todas as regras de Metodologia e de todos os textos lidos; vi que cometia uma infração grave (grifo meu) em relação ao papel do pesquisador: o

¹² Notas de diário de campo. 25 de abril de 1997.

erro primário de entrar em campo carregada de preconceitos, de valores a cerca do que me propunha pesquisar.

Mas, isso dever-se-ia, primordialmente, ao significado que a FEBEM tinha para mim. Construção que fiz a partir das leituras sobre a história das políticas assistenciais brasileira, ou mesmo da história das instituições de correção e ressocialização, suas "marcas" e seus efeitos. Qualquer que fosse a proposta da instituição, para mim nunca deixaria de ser uma mácula na vida de quem por ela passasse. E isso se refletia no fato de ter como atores de minha empreita os nossos tão malfadados "mirins", denominação pejorativa que usamos em Fortaleza para identificar crianças e adolescentes que sobrevivem nas ruas da cidade a pedir esmolas ou a cometer delinqüências, resguardados na instituição recebendo uma injeção de civilização e disciplinarização para serem possivelmente inseridos no mundo que os exclui. Conforme Barreira (1998: 20)

É possível dizer que as ciências sociais, quando trabalham com os excluídos da história ou os processos de exclusão, têm, no horizonte de suas reflexões, a recuperação das identidades desclassificadas. Há uma espécie de identificação entre o investigador social e os excluídos da história. Assume-se dar voz aos excluídos, a exemplo dos operários, dos camponeses, dos favelados, das 'minorias sociais..

Porém senti a necessidade de relativizar meus valores quase militantes em relação à instituição, às crianças e adolescentes. Neste momento se fez realmente necessário ver os dois lados enquanto duas forças que se chocam e se necessitam. Este aspecto passou a ser um dos pontos centrais de minha pesquisa. Uma das primeiras afirmações que ouvi no abrigo foi:

Aqui a gente tem que bolar mil coisas pra atrair os meninos da rua, por que não tem quem queira sair da rua pra vim ficar aqui de babe ira, como eles dizem. A gente tem que ser ativo, criativo e cheio de imaginação, por que eles exigem isso da gente. (Educador)

Essa declaração do educador me fez ceder um pouco aos intuitos da instituição no qual iniciava minha inserção. Então fui vendo as diversas situações

e construindo a pesquisa de acordo com um movimento conflituoso, tentando encontrar um equilíbrio com os meus impulsos emotivos, que não foram poucos, mas que me esforcei muito para manter.

Quando entrei no albergue 1, nunca havia entrado numa instituição para "menores" antes, ou melhor, já havia ido ao Centro Educacional São Miguel, mas só entrei na sala da diretora, que fica bem perto portão de entrada e saí sem ter nenhum contato com os adolescentes privados, ou conhecimento do local. E ao adentrar o albergue, vendo as instalações, e sentindo um mal cheiro, que provinha de um banheiro localizado abaixo da escadaria que dava para o Pólo Central, imaginava toda a sorte de desleixo para com os atendidos. Porém uma das educadoras de plantão justificou o mal cheiro: dizia ser por causa de uma encanação velha que precisava ser trocada e a FEBEM-CE não havia liberado verba para o concerto, então de vez em quando passavam por complicações com o referido banheiro.

Nesta noite havia uma certa movimentação no albergue, pois era dia de oficina de hip hop, e muitos adolescentes entraram no abrigo. *O hip hop atrai muito os adolescentes*, me disse a coordenadora. A oficina estava sendo realizada numa sala do andar de cima do albergue, e na quadra de esportes alguns adolescentes jogavam futebol, enquanto algumas crianças recortavam revistas para um trabalho de colagem que fariam após o jantar. A casa estava cheia, e as atividades estavam a pleno vapor naquele dia. Quase não fui percebida pelos adolescentes. Preferi sondar o local somente com o olhar. Permaneci por algum tempo nos locais onde estavam sendo realizadas as atividades, e me impressionou a disposição dos rapazes que jogavam futebol, e o interesse dos adolescentes da oficina de hip hop em criar raps para serem apresentados na oficina seguinte, a qual fiquei com enorme curiosidade em ver e fui. Ainda nesse primeiro dia jantei com os adolescentes, mas fiquei numa mesa coma pedagoga e com o orientador de hip hop conversando sobre as letras dos raps¹³.

¹³ Estilo musical de conteúdo contestador, criado pelos jovens dos guetos negros norte-americanos, como forma de protestar contra as desigualdades sociais e o racismo.

Após o jantar vi a oficina de colagem, mas não permaneci até o final, pois precisei sair para um outro compromisso. No entanto, saí do abrigo com boas expectativas de trabalho, mesmo receosa de que de repente um outro percalço me atrapalhasse. Mas me lembrei que o albergue era um abrigo aberto, e rebelião provavelmente não poderia haver!

Era uma segunda-feira, e retomei na quarta para iniciar a verificação das fichas de identificação dos atendidos para saber quem seriam os meus “informantes-chave”.

Antes de iniciar a pesquisa nas fichas fui ver a oficina de hip hop e a surpresa com as letras dos raps ainda foi maior que com a beleza dos corpos dos adolescentes que jogavam futebol no primeiro dia. Não deu para gravar, aliás nem me preparei para tanto, mas consegui anotar trechos de alguns raps no momento e só depois consegui as letras por inteiro.

*Vocês não tão vendo, a nossa juventude morrendo, nas ruas
drogada, pivetes nas ruas cheiram cola e se acabam na
química, e ainda dizem que são o futuro da nação, mas como
podem ser vivendo em péssima condição?*

(trecho de rap de um adolescente, 17 anos)

*a rua não tem faz de conta um dia você bate no outro você
apanha*

(trecho de um rap de uma adolescente, 17 anos)

Naquele instante me veio a idéia de inserir o momento das oficinas de alguma forma na minha pesquisa, mas pensaria nisso depois. Ao iniciar a pesquisa utilizei o fichário de identificação dos atendidos no albergue para identificar os egressos da privação de liberdade antes de uma aproximação, pois a coordenadora não sabia ao certo quem já havia passado por privação de liberdade e esse dado estava com certeza nas fichas, por estas serem também uma espécie de histórico dos adolescentes e crianças que entravam no abrigo.

Verifiquei 180 (cento e oitenta) fichas. Contendo os seguintes dados: nome do tendido, filiação, endereço, idade, sexo e o que estava definido como "história de vida", que era um pequeno relatório escrito das causas da criança ou do

adolescente estarem morando nas ruas, contado por eles mesmos; e em anexo à ficha de cada atendido uma espécie de lista expedida pela FEBEM-CE de alguns abrigos por onde o atendido já teve passagem. Foi assim que tomei conhecimento do nome dos freqüentadores do albergue que tiveram em sua trajetória a passagem pela privação de liberdade. Seis adolescentes se enquadravam nos meus objetivos: cinco rapazes e uma moça.

Das cento e oitenta fichas verificadas, somente cinco crianças não haviam passado por nenhum abrigo da FEBEM-CE, e tinham vindo do interior do Estado. No momento duas delas estavam no albergue, mas seriam encaminhadas a um abrigo só para crianças. Segundo a coordenadora, *dali por diante elas conheceriam o mundo da FEBEM-CE.*

Em duas semanas terminei o trabalho de leitura no fichário. Terminada esta fase, já sabendo os nomes, me dirigi à coordenadora e pedi para que me mostrasse aos adolescentes escolhidos. Por sorte, todos eram bem freqüentes¹⁴ no abrigo, segundo a coordenadora, e na noite em que terminei a leitura das fichas, conheci três deles: três rapazes. Um estava jogando futebol, e os outros dois estavam conversando com um educador sobre o rap de uma adolescente.

Não me dirigi a eles logo no primeiro instante, procurei fazer a aproximação na hora da atividade de pintura, na qual pude manter um bom contato com dois deles (os mesmos que conversavam com o educador), ajudando-os nas pinturas.

Fui apresentada a todos os adolescentes na segunda visita que fiz ao local, mas nenhum dos seis se encontrava nesse dia. A coordenadora me apresentou como *pesquisadora e estudante da universidade, que estava ali para fazer uma pesquisa sobre o albergue* (coordenadora do albergue - Notas de diário de campo). Porém, não me coloquei assim para eles. Disse que era uma estudante, estava fazendo uma pesquisa no albergue e iria trabalhar com alguns adolescentes sobre a vida deles na FEBEM-CE. Um adolescente pediu para repetir o meu nome, pois ele não tinha ouvido direito. Repeti o nome, e disse que preferia ser chamada somente de Dio, mas eles ficaram me chamando de "tia".

¹⁴ Ser freqüente é comparecer todos os dias da semana no abrigo.

O albergue é um abrigo de passagem, ou seja, não oferece moradia aos adolescentes, muito embora alguns deles levassem pertences para guardar nos armários dos quartos e marcarem presença todas às noites no abrigo. Então procurei ir me inserindo da melhor forma possível nas noites do albergue participando das atividades sócio-educacionais.

la ao abrigo uma noite e outra não, com exceção dos finais de semana que o local era fechado, mas não acompanhava todo o ritual de entrada no albergue, chegava sempre próximo à hora do jantar, que era um horário bem interessante, onde todos os atendidos ficavam no refeitório e era possível ver se meus informantes-chave estavam presentes ou não.

A hora do jantar e a hora das atividades eram os melhores momentos que tinha para aproximar-me dos adolescentes, pois nesses momentos podíamos estabelecer diálogos. Foram os nossos primeiros momentos de interação.

Passados dois primeiros meses de pesquisa, mal tinha contactado com três adolescentes, e todos esses contatos haviam sido superficiais, foi quando decidi estar sempre munida de gravador para no momento que os encontrasse, ir diretamente ao que me interessava. E passou até certo ponto a dar certo. Mas tive uma outra surpresa: eles não se dispunham a falar sobre a privação de liberdade.

Conversava com eles, tentava ser descontraída, e sempre iniciava perguntando sobre o albergue, sobre o Pólo Central, a princípio sem uso de gravador. Mencionava o nome de outras instituições prováveis de terem passado e eles até falavam de algumas, mas nunca as de privação. Mencionavam as de regime de semi-liberdade, como é caso do Centro Educacional Dom Bosco, mas nunca o São Miguel. E quando cheguei a perguntar diretamente se tinham passado por privação de liberdade, a resposta foi **não**¹⁵.

Consegui falar com os seis, mas entrevista mesmo, só fiz com um, o único que se permitiu falar sobre a sua experiência de privação, ainda assim, depois de muito negar. Dos outros cinco só consegui fazer anotações de conversas no diário de campo.

¹⁵ No capítulo II, trabalho melhor esse aspecto da pesquisa.

À medida que seguia tentando conquistar os adolescentes para que falassem de suas experiências de privação, me inseria ainda mais nas atividades 90 e na realidade do abrigo. Fui me envolvendo com adolescentes que não faziam parte dos meus informantes-chave. Como é o caso de uma adolescente que gostava de conversar comigo, entretanto, nunca esteve numa privação de liberdade.

Uma série de acontecimentos foram descortinando aquele lugar, como dotado de diversas possibilidades de investigação. A começar pela "heterogeneidade" de adolescentes atendidos no abrigo à noite: são adolescentes que vivem na rua, cometendo infrações ou trabalhando, assistidos do Pólo nos cursos profissionalizantes, ex-privados de liberdade, integrantes do movimento hip hop, adolescentes pintores, músicos, desportistas, dançarinos, tristes, alegres, homossexuais, meninas grávidas, enfim, toda uma sorte de categorias que me faziam ver não só alguns adolescentes isolados com suas histórias de cárcere, mas adolescentes com várias histórias, interagindo no tempo e no espaço, enquanto sujeitos que oras fazem parte da vida institucional, ora fazem parte da "desordem" da rua como se fosse a sua casa (DA MATTA, 1991). Então não deixei o meu propósito inicial, como um todo, de lado. Reuni a ele mais alguns aspectos do abrigo que a meu ver o definia enquanto espaço aberto.

Aspectos que contribuíram para a reformulação do objeto de pesquisa

O primeiro aspecto, na verdade, foi um fato ocorrido na minha segunda visita ao albergue, quando a pedido de uma educadora, no final de uma atividade de pintura em cartolina com tinta guache, adolescentes, educadores, e eu, rezamos a oração do Pai Nosso de mãos dadas, por uma adolescente que estava prestes a completar dezoito anos. A adolescente estava presente, cabisbaixa e deprimida. Ao final da oração ela agradeceu a todos pelo que estavam fazendo e pediu a Deus para que a ajudasse em tudo "depois de Domingo" (18 de abril de 1998), que era a data de seu aniversário. Quando terminou a oração, dois adolescentes se aproximaram dela e choraram os três abraçados. Assisti àquele

momento sentindo uma enorme angústia pela situação da adolescente. Ela estava aflita, seus companheiros também e pelo visto, o abrigo não ofereceria nenhuma garantia para ela.

Fiquei muito preocupada com a sua situação e fui conversar com a coordenadora sobre o que tinha visto e sentido. Ela me falou que a instituição não podia fazer nada, *pois o Estatuto da Criança e do Adolescente era pontual, completou dezoito a jurisdição é outra, já é adulto, e a casa tinha que seguir as regras do ECA* (coordenadora). Mas ela estava tentando ver se conseguiria mantê-la no albergue por mais um tempo. Segundo a coordenadora já estavam tentando conseguir um emprego para ela numa ONG, *por ter sido exemplar e se mostrado capacitada para o trabalho, só não tinha para onde ir, por ter sérios problemas com a mãe, e enquanto não arranjasse emprego a vida dela vai ser complicada!* (Coordenadora). Após essa declaração, ela sorriu meio triste, e falou: *é sempre assim, um dia eles completam dezoito e só Deus...* (Coordenadora), depois se dirigiu à sua sala. Eu fui embora do abrigo, e só retomei uma semana depois.

Quando cheguei ao local pronta para iniciar a pesquisa nas fichas, fiquei surpresa ao ver a adolescente ainda nas dependências do albergue, e me dirigi a ela para cumprimentá-la e perguntar o que haviam decidido para ela. A mesma já bem aliviada, me falou que a coordenadora havia conversado com a direção da FEBEM-CE e permitiram que ela ficasse no abrigo por mais seis meses, enquanto arranjasse um emprego e um lugar para morar.

Fiquei feliz pela decisão da coordenadora, e até demonstrei a minha satisfação elogiando-a, foi então que me apresentou um projeto elaborado pelos educadores e coordenação do albergue juntamente com a coordenação do Pólo Central de Atendimento, para os adolescentes em vias de completar dezoito anos, que não tivessem para onde ir ao perder os direitos assistenciais da FEBEM-CE. Era o Projeto Egressos¹⁶, e recebia esse nome justamente por estar voltado para os jovens que estivessem deixando o albergue, especificamente, ao completar dezoito anos. O projeto tinha como objetivo colocar os adolescentes no mercado

¹⁶ Esse projeto será melhor discutido no quarto capítulo deste trabalho.

de trabalho, como forma de garantir-lhes um início de vida pós-institucional "segura", ou seja, afastados da vida delinqüencial.

O albergue, durante o tempo em que fiz a pesquisa, deixou de ser um abrigo de passagem e tornou-se espaço de moradia para oito adolescentes, que estavam mais próximos se tornarem adultos. E todo um investimento disciplinar estava sendo realizado com esses adolescentes no intuito de não mais retomarem às ruas quando chegassem à maioridade.

Um outro aspecto foram os diversos momentos de interação que há entre os adolescentes, entre eles e o corpo técnico, a coordenação e os policiais. Momentos que se construía e se desfazia fora das atividades sócio-educativas, nos corredores, na quadra, no refeitório, na sala de vídeo, travestido em alegrias, olhares, conversas informais, rodas de conversas, brincadeiras etc. Momentos de descontração, que modificam o albergue enquanto espaço de relações formais, cumprimento de atividades, para um espaço com momentos mais informais de relações, momentos de dimensões lúdicas, que se dissociam do espaço das regras.

Uma das cenas mais comuns de se ver no albergue era, no início da noite, alguns adolescentes estarem dispostos em círculo na quadra de esportes ouvindo música e conversando. Era a hora de colocar os *papo em dia* (Adolescente do sexo feminino, 16 anos).

Era um momento onde os acontecimentos diários se tornavam evidentes em forma de conversa. Mas também momentos para contar piadas, fofocar, lembrar fatos passados, ouvirem as músicas preferidas, mostrarem fitas ou cds que adquiriam em trocas ou empréstimos, mostrar a roupa nova, falar nas paqueras, etc. Lembrava grupos de vizinhos sentados nas calçadas de suas casas no final do dia, cenas pouco comuns no cenário urbano moderno-contemporâneo.

Nas rodas de conversa não havia restrições de participação. Não era algo instituído, mas acontecia todos os dias como se fosse um rito de iniciação da noite, e nos intervalos das atividades. Era o momento de encontro entre os adolescentes que passavam o dia nas ruas e os que permaneceram no Pólo a trabalhar. Cada um com sua novidade a contar.

Com as percepções que fui levantando no albergue, tive que alterar a metodologia, pois anteriormente utilizaria somente o recurso da escolha dos informantes através das fichas de identificação dos atendidos para a abordagem e de entrevistas somente com os adolescentes para o recolhimento de informações, além de não fazer nenhum acompanhamento mais direto dos informantes. Mas tive de passar por um período de adaptação com os adolescentes para não ter de fazer as entrevistas sem que houvesse um contato inicial e acabei por, além de colher os "silêncios" da privação, redefinir o objeto de estudo colocando a memória da privação como elemento constituidor do trabalho de pesquisa no albergue, o qual se tornou o foco da investigação.

A mudança de definição do objeto me deu a oportunidade de conhecer melhor a problemática da "menoridade" e de compreender a questão da ressocialização, que sempre foi o pano de fundo das minhas inquietações, pois tendo de freqüentar o albergue todos os dias, pude perceber o peso da ressocialização, suas marcas, produções e exclusões.

Os melindres do trabalho campo

O trabalho de campo no albergue me proporcionou uma série de momentos cruciais nos quais eu, enquanto pesquisadora emudecia: o desenrolar da realidade de adolescentes em constante conflito com a vida institucional e a vida de rua, o trabalho de educadores, psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, enfim, uma série de profissionais que tentam mediar esse conflito e por vezes defendendo o seu emprego se colocam contra os adolescentes, noutras ocasiões tomam as suas dores, a transição dos adolescentes para a fase adulta. Enfim um conjunto de situações das quais eu necessitaria conviver com elas para concluir minha análise.

Decidi fazer observação participante, por ser um método caracterizado pela convivência com os diversos informantes, *para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas* (BECKER, 1993: 47).

Passei então a ir todas as noites ao albergue e iniciar as minhas atividades desde a hora em que se abriam as portas para a entrada de crianças e adolescentes e só ir embora ao tocar a sirene para a hora de dormir - 18: 00h às 22:00h. Assim participava dos dois momentos do abrigo: as atividades planejadas para os atendidos, como o momento de construção das regras, e dos intervalos das atividades, como momentos de descontração nos quais era possível verificar conflitos e harmonias enquanto interações sociais naquele local.

De freqüente, me tornei assídua, o que para os adolescentes era um tanto confuso pelo fato de não ser educadora, ou pertencer a qualquer outra categoria de profissionais da instituição com os quais já eram tão habituados.

Me tornei bastante assídua chegando, por várias vezes, a ser tratada como educadora pelos adolescentes. Primeiro pelo fato de chamarem de "tia" como chamam aos educadores, e também por se dirigirem a mim para atender às suas necessidades, como por exemplo, procurar algum remédio, organizar o jantar, pegar objetos no almoxarifado e liberar o gravador para ouvirem músicas. Essas eram obrigações dos educadores, eu não tinha autorização para substituir o educador em qualquer que fosse a situação, porém os adolescentes e tampouco as crianças, compreendiam a minha posição no abrigo. Certo dia um adolescente me pediu para pegar um remédio, pois estava com muita dor-de-cabeça, e respondi que só quem podia era a educadora de plantão e no momento estava na cozinha organizando o jantar, ele olhou para mim e perguntou bem grosseiramente: *e o que é que tu faz aqui, fica aí só parada é?* Sorri para ele e respondi que sim, pois não trabalhava no albergue como educadora, e sim como pesquisadora.

A minha posição de pesquisadora, observadora, era sinal de inutilidade para os atendidos. Eu não dava ordens, não ia pra cozinha, não interferia nas ações erradas dos adolescentes, não tinha chaves das gavetas onde ficavam guardados remédios, nem chave de armários, onde ficavam os brinquedos e material educativo, e, principalmente, não dormia no abrigo.

Por várias vezes eles me perguntaram o motivo de não ficar para dormir. E eu sempre respondia dever-se ao fato de não ter autorização para tanto, pois eu

não era educadora ou policial, os únicos que permaneciam para dormir com os adolescentes. *E o que é que a senhora faz aqui, fica só olhando é?* Perguntou-me uma adolescente. E fui lhe explicar por que estava ali, sempre *a olhar*. Eu sentia a obrigação de explicar para eles o que estava fazendo, de maneira simples. Dizia que estava na universidade, e que precisava escrever um trabalho com um tema especial, e então havia escolhido trabalhar com os adolescentes do abrigo, falar um pouco sobre suas vidas, suas experiências na FEBEM-CE, desde que eles permitissem. Mas eu teria que conviver um pouco com eles, ver as atividades, depois fazer entrevistas. Enfim, acho que eles entendiam, pois com uns dias pararam de perguntar sobre esse assunto.

Uma série de outras perguntas faziam a mim todos os dias: onde morava, estado civil, idade, se tinha namorado, filhos, o que eu gostava de fazer, como era a minha casa, se tinha pai e mãe, se gostava de festas, se tinha carro, se eu era rica ou pobre, onde eu estudava, etc.

Tantas perguntas e inquietações a meu respeito, levou-me a pensar que também estava sendo objeto de investigação. Porém, os primeiros a fazerem perguntas foram os adolescentes, eu só respondia e os observava, deixei minhas perguntas para um outro momento, quando existisse uma relação mais aproximada com eles, pois os sentia uns tantos desconfiados para comigo, principalmente os adolescentes que interroguei inicialmente sobre a privação de liberdade. Deixei que neste momento a pesquisa fosse de certa forma conduzida por eles, pois estava pisando em território pouco conhecido e precisava, especialmente, da simpatia deles para permanecer os observando, os acompanhando em suas ações e comportamento.

Os momentos das perguntas se davam na hora do jantar, quando sentava no refeitório para jantar com eles, na hora das atividades, quando os ajudava a realizar as tarefas, ou os acompanhava nas palestras, ou mesmo nos momentos em que estavam sem atividades, ouvindo músicas ou assistindo televisão e conversando sobre o que ouvíamos ou víamos. Eles gostavam muito das novelas, principalmente as meninas, as quais sonhavam em estar ao lado de algum galã

que aparecia, ou de refletir nas personagens femininas da novela "As Chiquititas"¹⁷.

Os meninos gostavam mais de ver o Jornal Nacional e o Programa do Ratinho e se detinham bastante nas notícias que falassem sobre violência.

As músicas mais ouvidas eram os raps dos Racionais MC' s, funks, forrós, pagodes e música sertaneja. Era uma das cenas mais comuns no albergue, eu entrar e ainda no corredor do Pólo, ouvir as músicas dos Racionais Me' s, e em volta do *som*, estarem alguns adolescentes a ouvir atentamente as músicas, ou mesmo cantando, como forma de treinamento para cantarem os seus raps. Era como se a noite só iniciasse com a bênção dos Racionais. Os outros estilos musicais fazem parte do "brega", um tipo de música muito difundido nas classes populares brasileiras.

Outro fator que também serviu como meio de aproximação entre nós foram as festas realizadas no albergue, onde existia todo um esforço por parte dos adolescentes de organizarem atrações para a animação, faziam teatrinho, danças, mostras de artes, e recorriam muito a mim para que os ajudassem na organização. A primeira festa que participei foi em comemoração ao dia das crianças. A coordenadora me convidou para a festa. Estava sendo preparada uma peça de teatro sobre a vida do "menino de rua", e um dos educadores perguntou se eu gostaria de ajudar nos ensaios, e acabei atuando como uma espécie de diretora, o que agradou muito aos participantes.

Aos poucos fui me tornando a "tia Dió", e alguns me chamavam somente por Dió, fazendo a diferenciação entre eu e os educadores - os verdadeiros "tios". Aqui chamo atenção para a dimensão do ser chamada por "tia Dio". Antes só me chamavam por "tia", sem mencionarem meu apelido, eu era uma tia como as educadoras. Um dia ao chegar no albergue ouvi uma adolescente dizer bem alto: *a tia Dio chegou!*, pela primeira vez ouvia o meu nome, ou melhor, o apelido ser pronunciado por um adolescente no albergue. Estranhei, mas logo passei a ouvir

¹⁷ Novela, que, de certa forma, refletia a situação de crianças e adolescentes institucionalizados, pois as personagens viviam num orfanato, e, se apoiavam muito na figura de uma educadora que os defendiam das decisões malélicas de uma das administradoras da instituição.

outros adolescentes me chamarem da mesma maneira, e considerei como uma forma de familiarização dos adolescentes para comigo.

Ser considerada uma tia somente não tinha uma conotação de especificidade mais afetiva. Qualquer pessoa que chegava no abrigo era um tio, ou uma tia, o que me parecia uma forma de impessoalidade. Isso também notei em relação aos educadores. Alguns educadores mais próximos afetivamente aos atendidos eram chamados de tio ou tia, acompanhado de seus nomes ou apelidos, enquanto os que não eram tão próximos só eram chamados de tio ou tia. Muitas vezes ouvi adolescentes se referirem a educadores como *aquele tio ali ...* , ou *aquela tia ali*

No meu caso, o "tia Dio" ganhou um significado mais doméstico, no sentido de os adolescentes estarem criando confiança na pesquisadora através da criação de laços menos superficiais, menos frios, fazendo uma analogia a Durkheim, quando analisa as formas de classificação primitivas das fratrias das tribos australianas, *sob a forma de laços familiares* (1990, p:200), porém laços hierárquicos, ligados pela afetividade e pela afinidade.

Os adolescentes com quem mantive um vínculo maior, foram os que permaneceram no albergue enquanto moradores. Com eles houve um grande envolvimento, ao ponto de um deles um dia dizer que eu era *a sua melhor amiga*. Nós conversávamos muito sobre as nossas vidas. Eles me contavam seus maiores segredos, e eu os ouvia atentamente. Ligavam para minha casa, saíamos para passear nos shoppings, íamos ao cinema, nos encontrávamos na Praia de Iracema. Isso fez com que por alguns momentos eu fosse confidente e conselheira de alguns.

Um dia cheguei no albergue, e fiquei surpresa quando um dos adolescentes se aproximou de mim e perguntou: *tia, por que a senhora, tá triste?* Tentei negar estar triste, mas ele não acreditou e admiti, mas não queria falar a respeito. Ele me abraçou bem forte, me beijou e saiu. Nessa mesma noite, quando estava saindo, ele se dirigiu a mim e me entregou uma florzinha de plástico pedindo para eu sorrir, foi o que fiz, agradei segurei sua mão e fui embora emocionada com a preocupação dele.

Mesmo tendo essa aproximação maior com adolescentes chegando à maioridade, não deixei de fora os que não se enquadravam nesse limite de idade, devido haver uma diferenciação no tratamento com uns e outros em relação a quem tinha mais direitos, para quem se voltavam os esforços no abrigo. Então os analisei como meio de expor as desigualdades no interior do abrigo. Assim como também trabalhei com os adolescentes que viviam nas proximidades do albergue, e não podiam freqüentar o local, demarcando conflitos externos, mas intrinsecamente ligados à manutenção da ordem no abrigo. Com esses adolescentes os contatos foram mais difíceis, por que eram bastante arredios a quem quer que fosse do corpo técnico do albergue e do Pólo Central, e para eles eu fazia parte do grupo de educadores.

Os meus mediadores foram os próprios adolescentes do albergue, com os quais mantinham amizade e se diziam *irmãos pela rua*. Com especial participação de uma adolescente não componente do grupo dos diletos do albergue, mas com quem muito conversei antes de ser encaminhada para um outro abrigo, que era irmã de um dos líderes dos adolescentes da praça. Ela me apresentou ao irmão, e pediu para que ele não "mexesse" comigo, pois eu queria conversar em paz, e não tinha nada a ver com o Pólo, nem com a FEBEM-CE. Ele atendeu aos pedidos de sua irmã afirmando já ter ouvido falar de mim, por outros adolescentes e já havia me visto várias vezes quando entrava no albergue, sabia até qual era o meu carro. Tinha um aspecto ameaçador, era ríspido e pediu para que eu fosse rápida na conversa, pois ele não tinha tempo a perder. Mesmo assim falei do meu interesse em colher depoimentos dele e de seus companheiros de praça a respeito do albergue, e da proibição das suas permanências no local. Ele perguntou se iria sair no jornal, pois ele queria era *desmascarar aquele povo dali* [se referindo aos funcionários do albergue] (adolescente do sexo masculino, 17 anos). Respondi que não sairia nada no jornal e pude notar que ele se prontificava a dar entrevista para denunciar o atendimento no albergue. Mesmo não sendo do jornal, ele me concedeu entrevista e passou a ser meu "chapa"¹⁸. Todas às vezes

¹⁸ Ser um "chapa" para os adolescentes do albergue, significa ter relações amigáveis com os que lá estão, mas essa é uma gíria muito difundida entre os jovens brasileiros.

que me via chegar no albergue, ia me cumprimentar, e também passou a me chamar de "tia Dio". Além disso, me garantiu que falaria com outros adolescentes do seu grupo para conversar comigo.

Em relação aos educadores, coordenadora e policiais, a aproximação e interação com esses sujeitos, se deu mais facilmente, penso, pelo fato de ter sido levada ao local por uma educadora, e ter sido bem recebida pela coordenadora. Mesmo assim, o fato de estar sendo observada, gerou um desconforto para a execução do trabalho de uma educadora, a qual reclamou me afirmando o seguinte:

Admiro muito o seu trabalho, mas às vezes me incomoda a forma como você olha o meu trabalho, eu fico com medo de fazer alguma coisa que você possa criticar, por exemplo quando brigo com os meninos por que eles tão se danando muito e ameaço de colocar eles pra fora. Você pode achar isso errado, e é, mas às vezes é preciso, se não a gente não consegue fazer o nosso trabalho.

(Educador)

Essa declaração me deixou também incomodada, melhor dizendo, preocupada, afinal poderia estar provocando uma situação de desconforto com todos os educadores e isso poderia criar um problema de maiores dimensões entre eu e os educadores. Então conversei sobre o que ouvi com a coordenadora para saber se a minha presença estava sendo prejudicial a outros educadores, no caso de terem feito alguma reclamação, e ela me afirmou que nenhum educador havia reclamado nada a meu respeito.

Procurei então conversar sempre com a educadora para que ela não me visse enquanto alguém que estava fiscalizando o seu trabalho, e nunca iria chegar e criticá-la por suas ações com os atendidos, não era esse o meu objetivo. E considerava muito o fato de que os adolescentes também extrapolavam os limites de paciência dos educadores e que muitas vezes forçavam estes a retirar o adolescente da atividade. E isso era até comum entre os outros educadores, quando não estavam conseguindo obter um nível de atenção desejado por parte dos adolescentes nas atividades. Aliás, essa é a lógica da disciplinarização

escolar e mesmo não defendendo essa lógica, estava ciente de que a educadora cumpria o seu papel.

Desde então me preocupei em sempre fazer uma avaliação da minha presença no local com os educadores através de conversas e não mais ouvi comentários a respeito.

Os policiais me tratavam por doutora, ou professora. Era o modo como me diferenciavam dos outros por saberem que estava fazendo um trabalho para a universidade. Sempre foram muito simpáticos comigo, e até me escoltavam até o carro ou ao ponto de ônibus (ficavam comigo até o ônibus vir), quando saía do albergue já tarde (22:00h), pois temiam que fosse assaltada ou sofresse algum tipo de violência. O que era bem comum nas redondezas da Praça da Sé, devido ser um ponto onde se aglomeravam mendigos e adolescentes que não entravam no albergue para dormirem nas calçadas da Igreja.

A coordenadora e a Pedagoga sempre foram cordiais comigo também. A primeira exercendo seu papel de coordenação sempre me deixou à vontade para fazer o meu trabalho, nunca fui repreendida por ela. Sempre conversávamos muito a respeito da instituição, do que ela considerava renovação no processo de ressocialização. Ela sempre me antecipava o calendário de atividades do mês, pedindo opinião sobre algumas atividades que deveriam ser feitas. Por exemplo, a efetivação de passeios culturais. Apesar de não ter participado de todos os passeios como deveria, dei várias dicas no projeto evidenciando sempre a importância do conhecimento que o adolescente e a criança deveriam obter da atividade, levar os adolescentes a conhecer não só pontos turísticos como o projeto evidenciava, mas também lugares como o Museu do Ceará, o próprio centro da cidade, que eles tanto conheciam, porém passando para eles o conteúdo histórico e social que o centro já teve.

Com a pedagoga a relação era mais "intelectual", devido ao fato de ela estar sempre "por dentro" das leituras que eu fazia, sempre interessada nas discussões das disciplinas que eu fazia, pois ela era graduada em Pedagogia, mas havia feito Mestrado em Sociologia, e isso nos aproximou muito. E me deu certa segurança em discutir determinados assuntos referentes ao que me

propunha trabalhar no abrigo, por exemplo a relação de poder, os conflitos demarcados pelas diferenciações que o processo de disciplinarização acarretava, etc.

Por trás de todas essas relações e interações, existia uma aliança, onde cada um de nós, desejávamos representar seu "eu" (GOFFMAN, 1996) da melhor forma. Um "teatro de operações" onde cada um dentro do seu universo de representações se expunha para o outro sempre tendo em vista a visão que o outro ia ter de si. Esse ritual fez com que se criasse um sistema de confiança entre nós *com rosto, no interior de ações dadas* (cf. Giddens, cap.III, 1991).

Cronograma e técnicas auxiliares no trabalho de campo

A pesquisa teve duração de quinze meses no albergue. Esse período dividi em três etapas, quais foram:

- 1) A chegada no albergue: esse momento compreende as apresentações à coordenadora e aos funcionários do albergue e o primeiro contato com os adolescentes do albergue.
- 2) A pesquisa informal: Essa etapa constituiu o trabalho de observação da pesquisa. Foi também o momento de conquistar os informantes e de ser por eles conquistada. Foi nesse momento que se construíram as relações entre pesquisadora e pesquisados e onde foram levantadas percepções a respeito do espaço e de seu integrantes.

A terceira etapa se deu praticamente em concomitância com a segunda, e, só a considerei em separado, por se tratar da parte mais técnica da pesquisa, onde realizei entrevistas, pesquisei documentos, verifiquei as fichas de identificação dos adolescentes.

Entrevistei vinte adolescentes, a coordenadora do albergue, a pedagoga, cinco educadores e dois policiais. Num total de vinte e nove entrevistas.

Os documentos verificados foram as fichas de identificação e o Projeto de implantação do albergue.

O diário de campo também foi um recurso utilizado para anotações de momentos *quase fotográficos* (ADORNO,1991: 15) que ocorriam nos corredores, na quadra de esportes, no refeitório, em conversas paralelas, nas festas, enfim, o diário de campo serviu como auxiliar ao ato de investigar por revelar o "irrelevante" nas técnicas de pesquisa.

CAPÍTULO II

DESCREVENDO O ALBERGUE

A origem do abrigo

O albergue I do Pólo Central de Atendimento se localiza na Praça da Sé, no centro de Fortaleza, funciona como um abrigo para adolescentes "em situação de rua", ou seja para aqueles que fazem da rua a sua morada. É considerado uma instituição de regime aberto. O albergue é um anexo do Pólo Central de Atendimento¹⁹, funcionando apenas à noite durante todos os dias da semana e nos finais de semana²⁰, e tendo como objetivo acolher crianças e adolescentes que dormem nas ruas do Centro, protegendo-os da violência oferecendo melhores condições de dormida, realizando com eles "um trabalho sócio-educativo voltado para o seu crescimento pessoal e reintegração sócio-familiar" (Proposta de Atendimento Sócio- Educativo às Crianças e Adolescentes do Albergue).

Segundo a coordenadora pedagógica do albergue, este veio primeiramente suprir a uma das exigências do ECA, a qual *os meninos de rua precisam de atendimento num meio aberto, de um albergue para dormirem.*

Mas o projeto de um albergue em Fortaleza, para adolescentes e crianças que moram nas ruas, diferentemente dos albergues que hospedam jovens viajantes, começou a germinar a partir de uma pesquisa denominada "Meninos e

¹⁹ O Pólo Central de Atendimento é uma entidade da FEBEM-CE, de regime aberto, que tem como linha de trabalho a profissionalização de adolescentes carentes de Fortaleza. No Pólo, os adolescentes fazem cursos profissionalizantes e participam de atividades esportivas e artísticas, tendo também um trabalho voltado para o lazer. No Pólo, os cursos eram ofertados somente para adolescentes em situação de risco, ou seja, não aqueles que não moravam nas ruas do Centro. Com a abertura do albergue, o Pólo passou a receber adolescentes em situação de rua que tivessem uma "boa" frequência no albergue.

²⁰ Somente no segundo semestre de 1998 é que o albergue passou a funcionar aos finais de semana.

meninas de Rua Cenários de Ambigüidade", realizada em 1994 pela Secretaria de Ação Social (SAS) da FEBEM-CE, na qual foi detectada a existência de 186(cento e oitenta e seis)²¹ crianças e adolescentes, que faziam das ruas do Centro de Fortaleza o seu espaço de moradia²². Preocupados com tal situação devido às condições de segurança do centro da cidade, e à exposição na qual se encontravam aqueles indivíduos, algumas instituições governamentais e não-governamentais se reuniram para a criação de um projeto que apontasse soluções para o problema da dormida, tendo em vista também a diminuição da permanência de crianças e adolescentes nas ruas do centro de Fortaleza.

As instituições governamentais que participaram da elaboração do projeto, e posteriormente a sua concretização, foram: a FEBEM-CE, A Fundação Criança da Cidade (FUNCI), o Conselho Tutelar e o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Fortaleza; as instituições não-governamentais foram: a Fundação Terre des Hommes, o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, a Barraca da Amizade e a Pastoral do Menor. Este encontro ficou conhecido com "Encontro Interinstitucional" e todas essas instituições fazem trabalhos diretos com crianças e adolescentes, tendo como objetivo o incentivo à ressocialização destes que se encontram expostos nas ruas "a todo tipo de risco". Esse termo, mantido pelo ECA, define uma situação sobre a qual, em termos de denominação cabem as seguintes questões a respeito dos indivíduos em pauta: risco de quê? Risco para quem?

Há de convir que estão em situação de risco os que vivem em circunstâncias determinadas pelas "faltas" (ARENDDT, 1991): de dinheiro, de uma família estruturada, de uma boa moradia, de escolas, enfim, de direitos que tornem plenos os exercícios de cidadania. Então o risco passa a condensar a falta, e como consequência disso, as ações que suas vítimas possam vir a praticar em benefício próprio. A situação de risco está diretamente ligada à condição social dos que nela se encontram, a pobreza.

²¹ Esse número, em 1999, aumentou para 201, de acordo com nova pesquisa realizada pelo mesmo órgão, e, pelos cálculos da coordenadora pedagógica do Albergue, a tendência é aumentar nos anos dois mil, devido a constantes chegadas de adolescentes que vêm do interior do estado.

²² Esses dados foram retirados do projeto Proposta de Atendimento às Crianças e Adolescentes do Albergue.

A iniciativa de criação do albergue teve como prioridade o atendimento aos que se incluem na situação de rua, os quais tanto estão afastados das suas famílias, como evadidos da escola e inclusos no processo de marginalização social.

Em agosto de 1995 o projeto de construção do albergue como um anexo do Pólo Central de Atendimento foi aprovado e financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em convênio com a Secretaria da Ação Social do Estado do Ceará (SAS). E com a concretização da construção do albergue o Pólo passa também a trabalhar com os adolescentes em situação de rua, o que não acontecia anteriormente. Como informou a coordenadora pedagógica do albergue tudo ficou definido da seguinte forma,

o albergue é um serviço do Pólo. O Pólo é uma casa, também prevista pelo Estatuto, como casa em regime aberto profissionalizante, com o objetivo da iniciação profissional. Só que o Pólo, anteriormente, a clientela dele era mais voltado para a comunidade, e hoje, preferencialmente é dos meninos que estejam em situação de rua, ou seja, a porta de entrada é o albergue, o menino estando em situação de rua entra pelo albergue, e ele passa pela avaliação da equipe técnica, pela avaliação do pedagogo, pela avaliação do Serviço Social, e verifica-se a sua história de vida, faz-se visita domiciliar e tudo e depois o menino é encaminhado para o Pólo.

Embora, como define a coordenadora seja um serviço do Pólo, e ter sido construído no mesmo terreno, o albergue tem um corpo técnico de coordenação e manutenção de atividades diferentes das do Pólo. Isso é devido ao seu horário de funcionamento - à noite - enquanto o Pólo só funciona no período diurno. Algumas dependências do Pólo ficam à disposição do albergue à noite: a quadra de esportes, a cozinha e o refeitório. E, embora exista uma subordinação da coordenação do albergue em relação à coordenação do Pólo, todas as decisões, sejam de caráter burocráticos, sejam de práticas a serem exercidas no local, são todas tomadas em comum acordo de ambas as partes.

As regras do abrigo

Neste item apresento o albergue enquanto espaço de relações sociais cujo funcionamento é estabelecido por regras que possuem uma lógica de efeito transformador na vida dos adolescentes.

Como já foi dito o albergue é um abrigo de regime aberto com funcionamento noturno. A presença de crianças e adolescentes é voluntária. Eles entram se quiserem, mas se o fizerem, só saem no dia seguinte. Inicialmente a idéia era de que permanecessem por vontade própria, mas houve um certo receio por parte da equipe de elaboração das regras, que foi a mesma de elaboração do projeto, que os atendidos pudessem não permanecer no local após o jantar, não participando assim das atividades sócio-educativas, colocando "em risco" a atuação do albergue. Então para que o funcionamento do abrigo obtivesse resultados "mais significativos" foram elaboradas regras com o intuito de oferecer aos atendidos os cuidados previstos no ECA e "segurá-los" no abrigo. Tais regras se dispõem em:

- Horário de entrada: das 18:00h às 20:00h. neste período as portas permanecem abertas para a recepção da clientela;
- Banho: de 18:00h às 0:00.
- Jantar: das 20:00h às 20:00h. O jantar é servido no refeitório do Pólo, pois no espaço físico do albergue não tem cozinha e nem refeitório.
- Atividades sócio-educativas: às 20:30h. São atividades com intuito educativo, artístico, desportista e religioso.
- Encerramento das atividades e recolhimento aos dormitórios às 22:00h;
- Despertar: 6:30h (com música);
- Café da manhã: 7:00h; Saída: 7:30h às 8:00h

No albergue não é possível portar armas, nem drogas. Quem for "causador de brigas" no interior do estabelecimento levará suspensão ficando uma semana sem poder dormir no local.

Existem dois dormitórios no albergue, um para rapazes e outro para moças. Nos dormitórios existem camas do tipo beliches e armários para que possam

guardar pertences pessoais. São acomodações ventiladas, com grandes janelas reforçadas com grades, Os dormitórios devem ser limpos pelos próprios albergados antes de retomarem às ruas. Além dos dormitórios existe um salão amplo o qual funciona como sala de vídeo e de jogos, onde são realizadas a maioria das atividades.

O albergue dispõe de um aparelho de televisão, um vídeo cassete e dois aparelhos de som como recursos auxiliares na execução das atividades.

O corpo técnico e suas funções

Existe um corpo técnico formado pelos educadores sociais, uma pedagoga, e uma assistente social. Esta última assume também a função de coordenadora para manter os cuidados com os atendidos, e pôr as atividades sócio-educacionais em prática.

Atuando com esse corpo técnico está a polícia militar, a qual cabe a segurança do local, dos adolescentes, dos funcionários, além de serem os responsáveis pela revista dos meninos na entrada.

Os Educadores

São nove educadores que assumem os plantões no albergue, se dividindo em três para cada noite. Os educadores²³ fazem toda a parte de organização das atividades sócio-educativas e são responsáveis pelo controle dos horários, pelo relatório ou ata do plantão e por algumas oficinas de arte e brincadeiras.

A responsabilidade maior dos educadores no albergue é manter a ordem no local, intervindo em situações de conflitos entre os atendidos junto aos policiais, e tomando decisões na ausência da coordenadora. São também os educadores que ficam de plantão para atender às possíveis necessidades dos atendidos. Tendo o controle sobre todo o material utilizado no abrigo: material de higiene, lençóis,

²³ Alguns educadores tinham formação em nível superior, esse foi um dado a que não me ative. Mas lembro bem ter uma educadora formada em Ciências Sociais, um educador formado em História e uma outra se formando em Serviço Social.

toalhas, uniformes dos adolescentes e crianças; material utilizado nas atividades; tintas, papel, cartolina, fita gomada, colas, lápis, caneta, cordas, tecidos, massa modelar, etc.

Fica ainda sob controle do educador o uso de telefone por parte dos adolescentes e da água que bebem no abrigo. Toda vez que um adolescente sente sede, deve se dirigir à saleta dos educadores. A sala fica trancada à chave e cadeado para que os adolescentes não entrem, pois segundo um dos educadores,

eles tiram as coisas daqui e escondem pra vender lá fora e comprar cola pra cheirar. A gente tem que ter o maior cuidado, pois nem todos aqui têm já a consciência que deviam ter. E eu digo isso por que, não é todos, mas já aconteceu várias vezes deles levarem coisas daqui da sala, e às vezes das atividades. A gente já cansou de pedir pra não tirarem, por que é deles, para uso deles, só que tem que ter controle, por que se não eles acabam tudo de uma vez só. E a FEBEM-CE não libera material com tanta facilidade, aí a gente precisa ser chato às vezes pra não deixar eles desperdiçarem e nem roubarem pra trocar por droga o que é de todos. Isso é bom por que a gente tá passando pra eles a noção de que tudo na vida tem que ter controle, coisa que eles não têm, tudo o que pegam, até dinheiro roubado, que seja, eles papocam tudo numa farra só. Não pensam em nada. Então a gente tranca a sala se não vira a maior bagunça. Se quiserem água a gente vem e dá, se quiserem brinquedo, a gente vem e dá, remédio, do mesmo jeito, pra não haver desperdício.

E, ao final do plantão na manhã seguinte os educadores têm de dar o toque de levantar, esperar que os atendidos desocupem o abrigo, para que este seja fechado e reaberto somente à noite, novamente.

Segundo o ECA, o educador jamais deve agir de modo violento com os atendidos. Eles devem agir no papel de "conscientizadores e protetores" dos adolescentes. Caso ocorra algum conflito no abrigo, o educador deve mediar a situação fazendo com que os envolvidos se acalmem e se perdoem. Ou se houver algum caso de agressão o educador deve pedir o auxílio policial para retirada dos agressores e encaminhamento dos mesmos para a Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA), que se encarrega de analisar o caso e toma os procedimentos permitidos pelo ECA. Em se tratando de convívio com os adolescentes, é o educador quem mais o dia-a-dia, das crianças e adolescentes numa instituição, e

neste sentido podemos dizer, do universo simbólico. Tendo com eles um contato direto, chegam a compartilhar o linguajar, as gírias, e têm de certa forma, um aprendizado com o atendido:

Ai galera, tá na hora de rangar.
(Educadora chamando para o jantar)

A gente trampa aqui na maior seriedade, os cara é que não tão nem aí , e querem tirar uma com a gente, mas depois fica tudo beleza, por a gente não pode esquentar com eles.
(Educador falando a respeito do trabalho exercido com os adolescentes mais difíceis)

Para os adolescentes existem dois tipos de educadores no albergue: os *chapas* e os *carniça*.

Os *chapas* são os educadores mais flexíveis, que não ficam reclamando o tempo todo do barulho, do volume do som na quadra, nem das músicas. Deixam os adolescentes mais à vontade para ver TV e permitem que fiquem além das 22:00h.

Esses educadores mantêm um vínculo mais afetivo com os atendidos, no por se permitirem abraçar, beijar os adolescentes e serem abraçados e beijados por eles também. E, muitas vezes ajudam algum adolescente na compra de roupas, calçados, principalmente as que engravidavam, fazendo "chá de baby" conseguindo utensílios para o bebê.

Um dos educadores se envolveu de tal modo os adolescentes, que passou a ser, para eles, uma referência de educador. Esse educador foi um dos maiores incentivadores do movimento hip hop no abrigo, a atividade preferida dos adolescentes.

Os educadores *chapas* são ao que pouco fazem uso da autoridade para estabelecer a ordem no abrigo. São os mais queridos dos atendidos, e por isso, mais respeitados, no sentido de quase não são agredidos verbalmente pelos adolescentes.

Os *carniça* são os educadores mais rígidos no albergue. Os mais moralistas, e que não permitem relações muito aproximadas dos adolescentes

com eles. São na maioria das vezes aversos às "liberdades" que os outros permitem aos adolescentes. Não gostam das músicas que os adolescentes ouvem, e geralmente sofrem agressões verbais e são desobedecidos pelos atendidos.

Essa diferenciação que os adolescente fazem dos educadores permitem uma reflexão acerca do tipo ideal de educador para os adolescentes a partir de noções de permissividade e aproximação ou não.

A pedagoga

A pedagoga deve ter em vista o planejamento de todas as atividades sócio-educativas.

Ela é quem analisa a possibilidade de se empregar uma oficina, ou uma outra atividade extra, ou seja alguma atividade não realizada no abrigo comumente. Além disso, em conjunto com a coordenadora, assume a parte de análise dos adolescentes, o que ela chama de *estudos de casos*, que é quando o adolescente tem vínculos familiares, então é elaborada toda uma estratégia para o retorno dele à família.

A pedagoga não dorme no albergue, mas só pode sair do abrigo às 22:00, após realizadas todas as atividades educativas. É também a pedagoga em conjunto com os educadores que vai às ruas nos dias de pouca frequência no albergue, fazer o que eles chamam de *arrastão*. Uma espécie de busca de crianças e adolescentes nas ruas do centro da cidade. E conhece todos os adolescentes e crianças que entram no albergue. E muitas vezes assume a função de coordenadora, quando esta falta ao trabalho.

A coordenadora

A coordenadora fica com a parte mais decisiva e burocrática do albergue. A pedagoga e os educadores são subordinados à coordenadora, atendendo às suas decisões.

A coordenadora é assistente social, e além da coordenação do abrigo ela desempenha a função de receber os adolescentes e crianças, ouvir as suas histórias de vida e preencher uma ficha de identificação. A coordenadora elabora os "estudos de casos" dos adolescentes que têm vínculo familiar e autoriza o encaminhamento dos atendidos para outros abrigos quando necessário.

Os estudos de caso, é uma verificação da situação da família do atendido. A coordenadora, se dirige ao domicílio do adolescente a fim de conversar com seus pais, para se certificar das condições da família tanto a nível financeiro, como a nível de conflitos existentes. Os conflitos, a coordenadora define enquanto atos de violência cometidos contra ou pelo adolescente, ou contra outros membros da família que possam ter causado trauma ou revolta no adolescente. Constatadas as causas, a coordenadora tentava mediar acordos entre adolescentes e família ou membro em conflito; quando não se viabilizavam acordos, era iniciado processo de encaminhamento do adolescente para abrigos onde pudessem permanecer até que os conflitos fossem resolvidos.

Cabe à coordenadora a autorização da entrada de adolescentes drogados no local, assim como a suspensão de atendidos caso promovessem qualquer tipo de descumprimento grave das regras do abrigo, como: desrespeitar o educador, ser encontrado portando droga no albergue, ser flagrado cometendo algum ato infracional ou cometer atos violentos no abrigo. Como também analisar as propostas de atividades da pedagoga e levar à consulta e aprovação da diretoria da FEBEM-CE. Avaliar constantemente o atendimento com o restante do corpo técnico. Reunir-se com os adolescentes mais freqüentes para determinar prazos de colocação em programas de efetivação da reintegração, iniciada no albergue, do Pólo Central de Atendimento.

Nada passa pelo abrigo sem o conhecimento da coordenadora. A sua posição é de autoridade sobre todos, inclusive os policiais.

Os Policiais Militares

Os policiais cumprem plantão de vinte e quatro horas, são seis policiais, se dividindo em dois para cada plantão. Estão no abrigo para manter a segurança do local e das pessoas que transitam no albergue e no Pólo: funcionários, adolescentes, crianças e visitantes.

A necessidade de segurança policial no abrigo se dava devido ser permitida a entrada de qualquer adolescente e criança, sejam infratores, trabalhadores de rua, etc. o que se objetiva é evitar que haja algum tipo de conflito. A polícia está presente para amenizar a situação. Além do que os policiais são autorizados pelo Juizado da Infância e da Juventude a fazer a revista dos atendidos, e apreensão de armas que portem.

Eles montam guarda na portaria do abrigo, e de vez em quando fazem uma ronda por dentro do abrigo. Alimentam-se no local, e, geralmente recebem refeições melhores que a dos adolescentes. Têm as chaves dos portões de entrada, e não permitem a entrada de pessoas sem autorização da coordenadora no local.

Os policiais não podem usar de violência contra qualquer pessoa no abrigo. E não têm autorização para permitir a entrada ou saída de adolescentes sem conhecimento da coordenadora.

O contato dos adolescentes com os policiais é quase imperceptível, porém há alguns que têm boas relações com os policiais, assim como há os que querem distância de alguns dos soldados.

Cada regra uma lógica

Para ter acesso ao albergue, é preciso adentrar o Pólo, pois não existe uma portaria direta do albergue para a rua. A portaria é a do Pólo, e nela existem duas portas de passagem, uma que dá para a Rua Conde D'Eu, e outra que dá para a rua Rufino de Alencar. A da Rua Conde D'Eu é para os funcionários, policiais, corpo técnico de educadores e coordenadores, e demais visitantes.

A entrada da rua Rufino de Alencar, é exclusiva da clientela do albergue: as crianças e adolescentes "em situação de rua". Esta entrada dá para uma sala para a qual são levados e é feita uma revista por policiais do sexo masculino que fazem o plantão. Essa revista é realizada para ver se os meninos estão portando algum tipo de arma ou de drogas. A revista é a mesma tanto para adolescentes do sexo masculino, como para os do sexo feminino.

Os policiais usam um detector de metal manual, passando no corpo dos adolescentes e crianças, e fazem uma busca nas bolsas ou sacolas portadas pelos mesmos. Esse é um procedimento das instituições totais, onde os internados não são merecedores de confiança (GOFFMAN, 1996b). Tal procedimento se estende a instituições abertas como o albergue e traça uma divisão, que começa na portaria, entre o "mundo da rua" e o "mundo da instituição"²⁴. O primeiro é o lugar da perversão, da maldição, da desconfiança, da violência. O segundo é o lugar da reintegração, da limpeza, da purificação". Todos os atendidos são revistados. Quem entra pela porta da Conde D'Eu nunca é revistado. A desconfiança recai é sobre os adolescentes, os quais de tanto passarem por isto já consideram normal, natural:

Quando os guarda tã me revistando, eu nem ligo, num sou doido de trazer coisa pra cá. Mas tem menino aí que é doido e traz cigarro sem ser de maconha, e mesmo assim eles tomam
(Adolescente do sexo masculino, 14 anos)

Eu sempre trago uma bolsinha, assim uma pochete, sabe tia, e eles olham tudinho, desarruma a minha bolsinha par vê se encontram arma e droga aqui dentro, mas coitados, eu num pego todo dia, e quando pego fico lá na praça ou vou pra BeiraMar. Eu fico é fazendo hora com a cara deles dizendo assim: taí ó, tu num tá vendo não? Aí eles vão e dizem que eu tô enxiridinha.
(Adolescente do sexo feminino, 15 anos)

Por outro lado os policiais consideram a revista essencial para a manutenção da ordem no abrigo. E reforçam o discurso da *desconfiança*,

²⁴ Gilberto Velho (1994b), usa o termo "mundos" para evidenciar o caso das sociedades moderno-contemporâneas com processo de complexificação e diferenciação que tende a multiplicar espaços e domínios sociais e simbólicos.

Ninguém pode deixar passar hão, pois eles são capaz de tudo. Se hoje eu não faço a revista como tem que ser feita, amanhã vem o esperto e traz droga aqui pra dentro, como já aconteceu de um dos meninos desses aí esconder maconha dentro do gesso numa perna que tava quebrada. Ele foi flagrado lá dentro tentando tirar a droga de dentro do gesso, ou seja a gente não pode confiar. E tem um bocado aí que a gente se apega e gosta, mas mesmo assim, a gente não deixa passar.

(Policial Militar)

A lógica da correção é assumida sem os artifícios punitivos de violência física. No caso dos adolescentes, pois são esses os principais "clientes" do albergue, quando os adolescentes são flagrados portando drogas ou armas, é feito um registro numa ficha de ocorrência no local e eles são imediatamente encaminhados para a Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA), onde uma série de procedimentos são tomados. O adolescente é encaminhado para o setor de triagem da FEBEM-CE, e daí de acordo com decisões do Juizado da Infância e da Juventude, eles são enviados para suas famílias ou para outros abrigos/moradia. Os casos considerados graves são enviados para o Centro Educacional São Miguel, para a privação total de liberdade.

O momento do banho também tem o seu caráter purificador do corpo e da mente, a sujeira deveria ser eliminada: *A cabeça e o corpo limpos deixam a mente leve* (Frase de um cartaz fixado no albergue). Os adolescentes entram e se dirigem para a janela da sala de coordenação, onde fica um educador responsável pela entrega de toalhas e uniformes. O shampoo e o sabonete ficam nos banheiros para onde se dirigem. Existem dois banheiros: um feminino e outro masculino. Tem um outro banheiro coletivo fora do albergue, nas dependências do Pólo, porém as condições de uso não são boas, devido à encanação ser antiga²⁵. Os banheiros do albergue estão em bom estado de conservação e os próprios adolescentes devem se encarregar da limpeza feita após o banho de todos ou no outro dia depois do café da manhã. Ao terminar o banho, já com roupas limpas - o

²⁵ O prédio do Pólo Central é uma construção antiga, que remonta os primeiros casarões do Centro de Fortaleza, e, apesar de já ter passado por várias reformas, a fachada é a mesma.

uniforme²⁶, que também serve de pijama - retomavam ao janelão da coordenação para passar desodorante e limpavam os ouvidos, se necessário.

Chegam adolescentes com todos os tipos de doenças: micoses, seborréia, feridas expostas na pele e na cabeça causadas por falta de limpeza, bicho-de-pé, piolho. Nesses casos, além do banho, é necessário um tratamento à base de remédios para a cura. Então os educadores dão aseptol e miticosam, para os que têm micoses, e para os piolhos o tratamento é feito com Neocid. Toda essa higienização era feita com produtos de custos baixos, e não existia nenhuma prescrição médica para os tratamentos.

Há também o tratamento de vermes, feito sem prescrição médica, e sem nenhum tipo de exame. Uma série de remédios são enviados pela Secretaria de Ação Social e os educadores são orientados para controlar as doses de medicação de cada adolescente ou criança., geralmente feita coletivamente. A coordenadora reúne todos numa sala, com o objetivo de falar dos males causados por vermes e da necessidade de tomar remédios para isso. Anota os nomes dos que estão presentes dá a primeira dose de remédios, e marca uma outra reunião para quinze dias depois, quando deverá ser dada a segunda e última dose. Isso é possível devido à frequência dos adolescentes no albergue:

... eles vão e voltam, então fica fácil de controlar o tratamento. A gente pega o nome deles e no dia marcado, que já vai constar na agenda de programações do mês, a gente dá a Segunda dose aos que estão aqui. Os que não estão perdem o tratamento na vez, mas a gente tenta fazer de novo para que não fique em vão, é melhor pra eles.

(Coordenadora do albergue)

O banho e os tratamentos fazem parte uma limpeza externa e interna que traduz muito os hábitos higiênicos. "É correto andar limpo, faz bem à saúde", essa

²⁶ Os atendidos do albergue devem vestir os uniformes do abrigo, e suas roupas são enviadas para a lavanderia da FEBEM-CE. As roupas passam por um processo de esterilização, sendo lavadas a uma temperatura de 100° centígrados para a eliminação de germes. Mas tem adolescente que lava a própria roupa nos lavabos do albergue.

foi a regra que a medicina higienista impôs ao mundo civilizado²⁷. A permanência do sujo na instituição era mais um traço da rua a ser evitado.

A lógica do banho e dos tratamentos é a do estar cheirando bem e saudável. O mal cheiro, as feridas, os piolhos, incomodam, é feio e anti-estético. As regras sociais de boa aparência invocam a qualidade do zelo com o corpo, e neste caso a limpeza é fundamental. E para permanecer no albergue, todos tinham que estar limpos e cheirosos, apesar de muitas vezes, o banho parecer torturante para alguns. Estes são classificados pelos outros de "sebosos", "cascão" (personagem de histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa, conhecido por não gostar de tomar banho), "dorme-sujo", "fedorento", apelidos que servem para reforçar a padronização do costume da limpeza não só como constituinte do espaço disciplinador da instituição, mas da sociedade ocidental de uma maneira geral, ainda que tais padronizações que se configuram em *habitus* (ELIAS, 1996) percam o sentido na vida de rua, que deixa os meninos sujos de poeira, de "mazelas sociais e morais".

Os apelidos incutem no adolescente que não quer tomar banho a sua diferença em relação aos outros. Ele está mais sujo do que os outros, os quais procuram produzir nele um embaraço, que irá mexer em suas estruturas emocionais e este tenderá a mudar o seu comportamento "seboso". De acordo com Elias (1994: 123),

A expansão do patamar do embaraço talvez se ligue ocasionalmente a experiências mais ou menos indefinidas e, de início, racionalmente inexplicáveis, de como certas doenças são transmitidas ou, mais exatamente, talvez se ligue a medos e preocupações vagas e, por conseguinte, não esclarecidos, que apontam ambigualmente na direção que mais tarde será confirmada pela racionalização.

O incentivo ao banho busca um resgate ao costume de higiene pessoal, perdido na rua por não haver a obrigatoriedade, a cobrança de outrem, a "colação-

²⁷ Ver PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social 1860-1930.** fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf editora Ltda, 1993.

colada"²⁸. Na instituição as regras são postas e devem ser seguidas. O banho é uma obrigação e deve ser tomado.

A hora do jantar é sempre precedida de uma sessão musical, os adolescentes principalmente, adoram "curtir um som" antes do jantar. As preferências musicais são eram o rap e o funk, algumas vezes escutam pagode ou forró. Quando a sirene toca, fim de som, a hora do jantar é sagrada. Todos se dirigem para a janela da cozinha que dá para o refeitório, recebem o seu "rango"²⁹ e se dirigem para as mesas. Podem repetir o prato se quiserem. O refeitório cheio, o som desligado, mas os meninos não param de falar. Riem, brigam pela comida do outro, alguns reclamam por ter ganho menos comida do que outros, tinha menino que toma a comida do outro e sai correndo, enfim, uma verdadeira balbúrdia acontece na hora do jantar quando o albergue está cheio³⁰, coisa que não acontece quando não aparecem muitos adolescentes.

O cardápio varia de acordo com o que tem na despensa: sopa de carne com legumes, sanduíche de salsicha com carne de soja e suco de frutas, baião-de-dois com carne, ovos ou peixe; arroz com frango, canja de galinha com pão. Quando um prato se repete alguns dias os adolescentes reclamam, e alguns se recusam mesmo a comer.

A refeição é um dos pontos fortes do albergue, por ser muitas vezes esse fator que atrai adolescentes e crianças ao local:

Eu venho aqui quando num agüento a fome lá fora, às vezes até guardo um pouquinho de comida pra comer depois que me deito.
(Adolescente do sexo masculino, 13 anos)

Tem deles que aparece aqui, toma banho, janta e fica querendo sair, inventando qualquer coisa pra ir pra rua. A gente sabe que é só sair pra se agarrar com uma garrafa de cola.
(Educadora)

Eles chegam aqui se acabando de fome, depois de terem passado o dia cheirando cola, comem e querem voltar pra rua ..

²⁸ Gíria usada pelos próprios adolescentes quando dizem que alguém está exercendo algum tipo de pressão ou cobrança : “ a tia ta colando colado comigo”

²⁹ outra gíria que os adolescentes usavam para designar comida.

³⁰ O albergue tem capacidade para atender a quarenta adolescentes. Mas não chegava a aparecer esse número no local. No máximo, chegava a trinta o número de atendidos por noite.

(Coordenadora)

Tem menino aí que vem aqui só pra comer. Eu não, eu gosto de sossego à noite, e lá fora a gente não consegue ter. O albergue faz a gente se alimentar e sossegar.

(Adolescente do sexo feminino, 17 anos)

A alimentação se torna um ponto de atração os adolescentes ao albergue. Mas quem entra para se alimentar no albergue, não pode sair para a rua no mesmo dia e ainda deve participar das atividades sócio-educativas e cumprir regras. Por isso muitos adolescentes preferem ficar na rua.

Por outro lado, existem os adolescentes que gostam de estar no albergue, por que além de se alimentarem, têm a televisão, o som, gostam das atividades, enfim, aceitaram as normas do lugar, e convivem bem com elas, mesmo voltando para a rua no dia seguinte, para estes "*o dia é da rua, mas a noite é do albergue*" (Adolescente, 17 anos).

Uma coisa interessante que acontecia na hora do jantar, é que os adolescentes que optavam por ficar do lado de fora do albergue vinham para um janelão do refeitório que dava para a rua, e os que estavam dentro passavam comida para eles. Devido a isso a coordenação mandou colocar uma tela de proteção interna no janelão, o que evitava a "doação" de alimentos para os adolescentes que ficavam fora do albergue. Os de dentro se revoltaram contra a atitude da coordenação, alegando o direito que os que estavam do lado de fora tinham de se alimentar, mas a coordenação foi irredutível e manteve a tela de proteção na janela. Desde então, de vez em quando na hora do jantar, nós éramos surpreendidos com o barulho de pedras sendo jogadas no janelão, ou até mesmo chutes e gritos vindos do lado de fora do albergue.

Quando terminam o jantar, alguns minutos para a digestão, e mãos à obra, é a hora das atividades sócio-educativas. Após as atividades, que vão até as 21:30h, um momento de descontração até às 22:00h e soa o toque de recolher. É a hora de dormir. Todos pegavam um lençol e se dirigiam aos seus dormitórios. O despertar e o café da manhã, eu nunca vi, pois nunca dormi no albergue, a

coordenação só permitia que eu ficasse até às 22:00h, e nós só voltávamos a nos ver na noite seguinte.

As atividades sócio-educativas

As atividades sócio-educativas, fazem parte de um conjunto de medidas estabelecidas pelo ECA, que devem ser aplicadas a crianças e adolescentes tendo em vista o caráter educativo e cultural. No albergue, se dispõem em oficinas de arte, atividades religiosas, oficinas sobre sexualidade e saúde, oficinas de hip hop e passeios culturais.

Cada atividade tinha um dia específico: artes, às segundas-feiras; oficinas de saúde e sexualidade, às terças; quarta era dia das atividades religiosas; Quinta, hip hop, o qual, algum tempo depois foi substituído pelas oficinas de capoeira, as quais não acompanhei por ter assumido outros compromissos nesse dia; e, passeio pela cidade nas sextas-feiras, que ficaram conhecidas no albergue como "sextas culturais".

As oficinas de arte

A utilização da arte nas atividades reintegradoras com crianças e adolescentes em situação de rua e em situação de risco por algumas instituições tem substituído até mesmo algumas atividades profissionalizante, dando a oportunidade para crianças e adolescentes carentes descobrirem a sua "veia" artística, e através disso passe a se valorizar³¹. No albergue as atividades artísticas têm um caráter de *estimulador à criatividade e ao resgate da auto-estima do adolescente* (orientador de pintura). E são atividades diversas.

³¹ Fortaleza tem alguns grupos que se destacam com programas de arte para crianças e adolescentes da periferia, consideradas em situação de risco: a EDISCA (Escola de Dança e Integração Social para Crianças e Adolescentes) uma organização não-governamental, que faz do ballet uma forma de resgate da cidadania; o Circo Escola, projeto da Secretaria de Ação Social do Estado, que trabalha com os recursos do circo com forma de despertar o gosto por si mesmo, descobrindo as capacidades corporais; a Fundação Canto em Cada Canto, que trabalha com jovens da periferia formando corais musicais como forma de expressão da arte para o desvio dos adolescentes e crianças das ruas. Todos esses projetos exigem que os seus públicos estejam matriculados em escolas, a maioria em escola pública. A arte se torna um complemento da educação.

Há semanas em que são oferecidos cursos de pintura de quadros, outras cursos de colagem, noutras curso de escultura, teatro, tapeçaria, mosaico. Depende muito das decisões da coordenação, aliás dos financiamentos adquiridos para cada curso, que não são ministrados somente pelos educadores do abrigo. Na maioria das vezes, é contratado um especialista em cada modalidade de arte.

Nesses cursos, houve alguns destaques. Por exemplo, na pintura, um menino chegou a se destacar tanto que ganhou material de pintura do Pólo, e seus quadros, em número de seis, ganharam espaço numa exposição que houve no espaço cultural do Estoril³².

Na oficina de teatro, destacou-se uma adolescente, que ganhou uma bolsa de trabalho no valor de meio-salário mínimo e um curso de teatro com duração de um ano.

O curso de colagem rendeu muito sucesso aos meninos que participaram, pois ganharam uma exposição de montagens com colagem no próprio albergue e houve uma festa com a presença de políticos e imprensa local, além da distribuição de prêmios para os melhores trabalhos.

O incentivo ao desenvolvimento artístico é um ponto muito positivo na vida dos adolescentes, e eles mesmos se sentem bem com o reconhecimento:

A pintura me faz bem, eu esqueço das drogas, saio da rua e fico só aqui comigo, pensando na natureza, e pintando o mar, os pássaro. Eu gosto de pintar, eu desenhava em qualquer pedaço de papel, eu gosto. Quando eu não quero falar com ninguém, eu peço o material, e os educadores me dão, aí eu viajo pintando. Também fiquei feliz por que meus quadro foram lá pra exposição, até vendi e ganhei dinheiro. As pessoas gostaram do meu trabalho e eu fiquei orgulhoso, pela primeira vez na vida ... Mas agora eu tenho que arranjar um emprego pra poder continuar pintando.

(Adolescente do sexo masculino, 17 anos)

Meu sonho era ser atriz e atleta, e quero seguir uma dessas duas. Agora tô no curso de teatro, é muito legal, lá todo mundo é legal comigo. Só não sei como é que vai ser depois do curso.

(Adolescente do sexo feminino, 16 anos)

³² Um restaurante da Orla Marítma, muito conhecido em Fortaleza e freqüentado pelas classes mais abastadas da cidade.

Os adolescentes apontam vantagens em seus potenciais artísticos, porém lançam uma questão muito pertinente nesse processo de construção de novas subjetividades, que não depende só de um esforço pessoal, ultrapassa as barreiras da instituição e esbarra no que convencionamos chamar *convívio social normal*. No qual, o adolescente, ou qualquer outro indivíduo que tenha em sua vida o estigma da marginalidade, dificilmente deixará de ser olhado enquanto marginal. Foucault (1993) e Goffman (1988), analisam muito bem esse processo de deteriorização da pessoa, e a dificuldade de sua reinserção no meio social.

As oficinas de saúde e sexualidade

As oficinas de saúde e sexualidade trabalham temáticas ligadas à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez, ao conhecimento do corpo, à descoberta do desejo e do prazer sexual. Esses temas são trabalhados tendo em vista o número de adolescentes que são sexualmente ativos, e no caso se expõem ao risco de contraírem doenças por ser menor a possibilidade de informações sobre os métodos preventivos. No caso das adolescentes, além da exposição às doenças, ainda tem o problema da gravidez precoce, muitas vezes resolvido com abortos provocados.

Segundo a Pedagoga do albergue, a maioria das meninas que ali passam, já perderam a virgindade com os próprios meninos na rua,

Elas são novinhas demais e já estão praticando sexo aí a torto e a direito. Muitas vezes não sabem nem o que é a vagina, nem conhecem o menino com quem está transando. De vez em quando aparece uma grávida e agente encaminha para o serviço médico pra iniciar o pré-natal, mas quando a gente menos espera elas já têm é abortado, e ninguém pode fazer nada, por que nem todos os dias elas estão por aqui. Então na tentativa de evitar esse tipo de problema a gente incentiva a eles participarem das oficinas de sexualidade, tanto meninos, quanto meninas.

As oficinas são ministradas pelo Grupo de Apoio e Prevenção à Aids (GAPA), os quais também falavam sobre homossexualismo e prostituição. Esse

último preocupante aos olhos da coordenação, pois existia a desconfiança de que muitas adolescentes que freqüentavam o albergue se prostituíam nas praças do Centro e na avenida Beira-Mar, apesar de não haver uma confirmação oficial sobre esse assunto. Os educadores ficavam sabendo por conta dos "cochichos" que ouviam. Também haviam comentários a respeito de adolescentes do sexo masculino que, de vez em quando, faziam "ponto como michês" ou "garotos de programa" na Praça do Ferreira, no Centro. Um desses adolescentes chegou a me afirmar numa entrevista que fazia programa, mesmo participando das atividades do albergue e do Pólo:

Faço programa por dinheiro. Sou ativo, mas às vezes sou passivo também. Saio muito com homens de carrão, adoro carro. Também gosto muito de turista. Comecei a fazer programa por que não tenho trabalho, e me divirto muito nas boate com os meus amigos (risos). Já viajei com eles, e foi tão bom. Eu praticamente moro aqui, os programas eu só faço mais é nos final de semana e nas férias. Durmo aqui no albergue e passo o dia no Pólo, ou então vou andar por Fortaleza, pra conhecer mais a cidade.

(Adolescente do sexo masculino, 17 anos)

É uma oficina que atrai muito a atenção dos adolescentes. Perguntam sobre tudo o que podem. As meninas são as mais curiosas, principalmente em relação aos cuidados com a gravidez, às posições de práticas sexuais, e à masturbação. Muitos relatam fatos ocorridos nas relações sexuais, por exemplo quando a relação provoca dor. Um dia um menino relatou que algo estranho acontecia com ele quando praticava sexo: *o meu corpo se treme todinho, e eu num sei, eu penso que sou doente*. Enquanto isso os outros meninos riam dele. O orientador o fez saber que nesses momentos de tremedeira estava chegando ao ápice do prazer sexual.

Outro objetivo dessa oficina é a busca do controle dos impulsos sexuais, e a tentativa de conhecimento do sexo com responsabilidade e respeito pelo próprio corpo. E sempre ao final das oficinas os educadores distribuem preservativos para os adolescentes, fazendo demonstrações de como usá-los corretamente.

As atividades religiosas

As atividades religiosas são ministradas pela Irmã Alice e por um grupo de jovens da paróquia do bairro Padre Andrade localizado na periferia de Fortaleza. Têm como intuito trabalhar a fé dos adolescentes e crianças, os seus universos de espiritualidade, buscando *resgatar a paz interior, para a prática do bem, a solidariedade*. (Irmã Alice, freira que orientava o encontro).

Um outro elemento trabalhado nessa atividade é a importância da família tendo em vista ser a família o *lugar sagrado do adolescente*, conforme a Irmã Alice. O meio familiar visto enquanto sagrado, e local da segurança, e do acolhimento. A Irmã sempre causava comoção entre os adolescentes quando fazia reflexões acerca do papel do pai e da mãe, e do perdão que eles mereciam por terem negligenciado seus filhos.

As atividades são realizadas na quadra de esportes. Todos se dispõem em forma de círculo, e sentados se põem a ouvir as reflexões da freira, com sua voz calma e face serena.

Os adolescentes e crianças participam da atividade rezando, cantando, fazendo pedidos de bonança para suas vidas. Têm uma adoração especial pela Irmã Alice que é uma pessoa bastante carismática. Muitos que não querem entrar no albergue ficam no portão a esperar por ela, falar com ela e pedir a sua bênção.

A atividade religiosa traz em si uma dimensão que eu não imaginava existente entre os adolescentes: a dimensão da crença em Deus, da religiosidade. Nem todos os adolescentes sabem as orações da Igreja Católica, mas oram como podem, e não interrompem ou desistem de participar da atividade, que considero como uma pequena missa com direito a brincadeiras e dinâmicas. É o único momento em que fazem um silêncio absoluto no local, na hora de uma atividade.

Quando perguntava para alguns adolescentes sobre o que tinham achado da atividade religiosa, eles diziam:

Foi boa, eu pedi proteção a Deus pro dia de amanhã.

(Adolescente do sexo masculino, 15 anos)

Eu gosto de rezar e de cantar as músicas, a irmã Alice é muito boa, e ela protege nós aqui.

(Adolescente do sexo feminino, 16 anos)

As bênçãos da Irmã Alice³³ parecem ser mais importantes do que o objetivo da atividade. Ela era uma espécie de santa para os adolescentes. Suas bênçãos tinham mais um efeito de proteção do que a atividade com sua proposta de reflexão.

As oficinas de hip hop

As oficinas de hip hop³⁴ eram as que mais atraíam adolescentes para o albergue. Tinham alguns adolescentes que só entravam no albergue nos dias de hip hop, pois essas oficinas "*pareciam com festa*", diziam. O hip hop, foi uma manifestação artística criada por jovens dos guetos negros americanos, que reunia música (*rap*), dança (*break e smurf dance*) servindo para criticar a sociedade segregadora norte-americana e o preconceito contra o negro. Essa é uma definição em linhas gerais do que acabou gerando um movimento social que foi importado por diversos países. No Brasil, tomou a forma de Movimento Hip Hop Organizado e se define como conscientizador e politizador de jovens³⁵ Ganhou voz nas periferias dos grandes centros urbanos através de grupos formados por jovens pobres, e na sua maioria negros. São Paulo foi o berço do movimento no

³³ A irmã Alice faleceu antes do final da minha pesquisa. O dia de sua morte foi de muita comoção no albergue. Muitos adolescentes foram ao seu velório e sepultamento. Um ônibus da FEBEM-CE foi destinado ao transporte dos adolescentes. Não compareci aos atos fúnebres, e só retornei ao albergue um dia após. Os adolescentes ainda choravam quando alguém lembrava da freira. Mas as atividades religiosas continuam sendo realizadas, e agora duas vezes por semana: um dia um grupo da Igreja Católica e outro com um pastor da Igreja Batista.

³⁴ Usarei os verbos no tempo passado devido não haver mais a oficina de hip hop.

³⁵ Ver: DAMASCENO, Francisco José G. **O movimento hip hop organizado do Ceará/MH₂O-CE (1990-1995)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 1996. Ver também: DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento hip hop**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e do Desporto do Estado do Ceará, 1998.

Brasil e é onde mais sua atuação é mais devido à repercussão causada nas favelas da cidade.

A oficina de hip hop era coordenada pelo Movimento Hip Hop Organizado (MH₂O) Cultura de Rua³⁶, que trabalhava com os adolescentes incentivando-os a saírem do mundo das drogas e da rua. As oficinas tinham como intuito fazer com que os meninos ouvissem raps e discutissem a partir deles suas condições de vida. Os raps mais utilizados para essa reflexão eram os do Racionais MC's pela crítica à violência e à criminalidade entre jovens habitantes de favelas nas periferias das cidades brasileiras nas letras de suas músicas. E fazer com que os adolescentes pudessem criar seus próprios raps, utilizando sua linguagem e suas próprias experiências de vida como fonte de inspiração e crítica à sociedade que os marginaliza.

Havia também um interesse do Movimento em ensinar a dança do hip hop (break e smurf dance) aos adolescentes para que estes usassem também o corpo com um estilo de dança criado para protestar.

A identificação dos adolescentes com o Movimento, se deu devido a alguns fatores: a linguagem, que é a mesma utilizada na rua, ou seja gírias, e a maneira de falar despojada e lenta. Este aspecto facilita a interpretação das músicas.

Os coordenadores do Movimento partem de uma realidade social próxima dos adolescentes do albergue. A maioria é morador de favela ou de bairros periféricos de Fortaleza. Há um que já foi "menino de rua", já esteve em abrigo de privação total de liberdade na FEBEM-Ce, e hoje é um dos líderes do Movimento. Todos no Movimento se chama de "mano", o que significa irmão, dando assim um reforço substancial à relação dos envolvidos, como me afirmou Zezé, líder do movimento:

Nós aqui tudo somos manos. É a sociedade que reprime, que nos faz assim, mano dessa vida. Vida de rua, de favela, de periferia. Nós tamo aqui na FEBEM-CE, pra mostrar que eles podem sair daqui, e serem cidadãos de bem. Sair da marginalidade é a meta. E nós vamo conseguir, pra contrariar as estatísticas, nós vamo ensinar a esses meninos aí a lutar.

³⁶ Um dos grupos representantes do Movimento Hip Hop organizado em Fortaleza.

Todas as noites, mesmo sem terem a oficina de hip hop, os adolescentes ouviam raps e aprendiam as suas letras. Nessas oficinas também houve destaques: dois adolescentes que gravaram seus raps numa fita "demo" (fita cassete para demonstração das músicas), coordenada pelo Movimento, constituindo o grupo de rap "Formação de Rua". Além disso, se tornaram referências na FEBEM-CE como meninos "recuperados" através do hip hop.

Foi através do hip hop que eu abri os olhos, e aprendi a não me conformar com esse pouco que querem dá pra nós. Quem tem a FEBEM-Ce nas costa, como eu, num pode fazer muita coisa não, mas também num pode ficar calada. Eu vou completar dezoito e a FEBEM-CE num vai me dá nada, se eu não for por mim, ninguém vai sê.

(Adolescente do sexo feminino, 17 anos)

A pedagoga do albergue considerava o Movimento hip hop como *um ponto de fuga do normal*, devido à maneira anti-convencional utilizada para tratar do problema das drogas e da violência nas ruas com os adolescentes do albergue.

A sociedade precisa *civilizar*, ainda nos termos de Elias (1994), os seus indivíduos. E esse processo de civilização se traduz num movimento segregador daquilo que é determinado como repugnante: *o repugnante é removido para o fundo da vida social* (Elias, op. cit., p: 128).

A falta de banho, as feridas, a linguagem, a violência são as causas do repugnáveis. E o movimento hip hop, faz do repugnável o seu mote de trabalho, como afirma o líder do hip hop,

A gente não é a favor da violência, mas a gente pega essa violência e canaliza para criticar a sociedade que é injusta e preconceituosa. A gente mostra pros menino de rua que a sujeira não é feia, fede. A gente mostra pra ele que a sociedade quer que ele fique sujo, de todas as formas, pra ter em quem bater, ter quem massacrar, tá ligado!

(Líder do MH₂O Cultura de Rua)

As oficinas de hip hop acabaram, e um projeto de inclusão do mesmo no local enquanto atividade permanente foi elaborado, implantado, mas aos poucos foi extinto, por falta de verba. O albergue não conseguiu um órgão pagador para o projeto, o que tornou a situação difícil, por que haviam integrantes do Movimento que moravam em bairros distantes e pediam o mínimo que era o dinheiro da passagem, mas o albergue não pode manter o projeto. Mesmo com toda a dificuldade, voluntariamente o líder do Movimento (o Zezé) continuou indo ao albergue conversar com os adolescentes, mas acabou por assumir outros compromissos, os quais o afastaram do local. E o pessoal do hip hop se afastou, mas em todas as festinhas do albergue eles eram convidados a participar animando as festas com os seus raps e danças.

Os passeios culturais

Algumas sextas-feiras o albergue promove o passeio cultural para os adolescentes. Os passeios são organizados e orientados pelos educadores. Geralmente se dão em alguns pontos turísticos de Fortaleza ou em locais onde pudessem ver shows ou apresentações culturais. A FEBEM-CE cede um ônibus para a realização dos passeios, que devem ser marcados com antecedência.

Alguns locais que foram visitados e que eu pude acompanhá-los foram: o Aeroporto Internacional Pinto Martins, e o Centro Cultural Dragão do Mar. Não podia acompanhá-los sempre por que às vezes os passeios eram durante o dia, e nem sempre eu estava disponível.

A possibilidade de conhecer lugares novos encantava os adolescentes, ainda mais quando se tratava de locais onde eles sabiam que não eram "bem-vistos".

Eu moro perto do aeroporto, mas nunca entrei lá. Eu queria ver avião de perto e viajar nele. Mas menina como eu não pode entrar lá. Lá só entra gente de carro.

(Adolescente do sexo feminino, 15 anos)

Hoje foi um passeio muito massa. Eu gostei muito do aeroporto, é um lugar diferente, tão grande, tão limpo. E tinha umas pessoas lá

todo tempo olhando assim pra mim, eu vi. A parte que eu mais gostei foi ver o avião subindo, eu queria ir nele também.

(Adolescente do sexo masculino, 14 anos)

Tia eu tive medo da torneira do banheiro que se abria sozinha e se fechava sozinha também, aquilo ali é tudo doido. Agora lá tinha gente bonita só por que ia viajar.

(Adolescente do sexo feminino, 13 anos)

O contato com realidades diferentes, a percepção da grandeza, da beleza moderna, da limpeza, do requinte, da tecnologia, foi algo que os espantou assim que entraram no aeroporto. Se sentiam como se estivessem sendo engolidos por aquela grandeza. Logo depois tudo foi ganhando uma dimensão mais lúdica: sair e entrar para ver a porta abrir e fechar sozinha; procurar o "cara" que fazia a mágica de abrir a porta sem tocar nela; subir e descer na escada rolante; eram os meninos naquele momento estavam vivenciando um , princípio da antropologia: a familiarização com o estranho.

A ida ao Centro Cultural Dragão do Mar³⁷, também foi muito interessante. O Centro Cultural fica na Praia de Iracema, mas dá para ir a pé do albergue até lá. Mesmo se localizando perto do albergue, a maioria dos adolescentes que foram ao passeio não conhecia o Centro cultural. Fato que se explica por também ser, como o aeroporto, um local de lazer "refinado", feito para uma grupo social mais atinado com os eventos "cult"³⁸, coisa que "menino de rua" não tem acesso, nem sequer entende.

Uma educadora diz que:

esse contato com outras possibilidades faz com que o menino crie curiosidade sobre determinadas coisas. O Dragão é uma oportunidade de colocá-lo em contato com um nível cultural mais refinado, e ao mesmo tempo mostrá-lo coisas da nossa cultura, nordestina, que existe lá, e que eles não conhecem.

³⁷ O Centro cultural dragão do Mar é o maior centro cultural de Fortaleza, construído pelo Governo do estado na Gestão Tasso Jereissati, objetivando inserir o Ceará entre os grandes pólos artísticos do Brasil. O centro apresenta mostras de arte, realiza espetáculos teatrais, oficinas e cursos de arte, salas de cinema, shows com cantores renomados da Música Popular Brasileira. Mas tem como principal intuito, divulgar os artistas da terra.

³⁸ Abreviação de cultural. Os *cult* são pessoas mais eruditas culturalmente.

Os passeios mostravam outros lugares, outras delícias, encantos e belezas que o centro da cidade e a periferia não oferecem. O aeroporto e o centro cultural mostravam para os adolescentes a negação da pobreza. Um choque visual para os que estão acostumados com a sujeira, com a poeira, com as "baixas tecnologias".

As dimensões das atividades sócio-educativas

As atividades sócio-educativas de acordo com Leal (1998), atingem as seguintes dimensões: arte, cultura, Pedagógica, lúdica e esportiva, familiar, afetiva, axiológica, social, laboral- profissional.

As dimensões da arte, cultura e Pedagogia, procuram situar os adolescentes no espaço de atividades enquanto sujeitos criativos e inseridos em um meio cultural determinado, exercitando seu potencial artístico como forma de redescobrir e reinventar o mundo com todas as limitações, além de oferecer-lhes possibilidades desenvolver a escolarização para o exercício da cidadania.

As dimensões lúdica, esportiva e afetiva consideram a importância da alegria, o bom humor, o lazer, do gosto pelo riso na vida dos adolescentes e a fomentação de vínculos de aproximação com outras pessoas, fazendo-os perceber a importância dos sentimentos, deixando para trás as rixas entre os grupos e o individualismo. A prática de esportes, os exercícios físicos, ajudam no cuidado com o corpo. O bem-estar físico e mental, além de requerer uma certa disciplina propicia um afastamento das drogas.

As dimensões familiar, axiológica e social são fundamentais por trabalharem os valores sociais. A família é colocada como a instituição de maior importância, sendo o lugar do acolhimento do adolescente; a axiológica visa a reflexão por parte dos adolescentes sobre seus valores adquiridos na vivência de rua, na prática de infrações, na sua vidas familiar e institucional. Enfim dimensiona os valores formados nas suas histórias de vida. A dimensão social faz com que o

adolescente se compreenda enquanto ser social, construtor de relações e de sujeito da história, com direitos e deveres.

Todas as atividades têm o intuito de preparar o adolescente para ser profissionalizado e entrar no mercado de trabalho (dimensão laboral-profissional).

Essas atividades visam assegurar, através de um processo educativo, possibilidades de construção de novas subjetividades, isso se dá no momento em que elementos de uma subjetividade dominante utilizam-se de práticas sócio-educacionais, para a produção de uma subjetividade modelada (cf. GADELHA, 1998). Ou seja, toda uma produção de *sujeitos* através de práticas e saberes específicos (FOUCAULT,1993), regulamentando-os, disciplinarizando-os, agindo diferentemente nos seus corpos e na suas mentes, os colocando em contato com seus direitos e suas virtudes para se tornarem sujeitos úteis à sociedade.

CAPÍTULO III

A PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: silêncio e marca de distinção

Como iniciei a pesquisa no albergue tentando fazer um resgate da memória de adolescentes que tiveram experiências de privação de liberdade³⁹, pude, a partir deste enfoque, encontrar algo interessante e que ao mesmo tempo me colocava numa posição um tanto quanto difícil devido à definição do objeto a ser estudado: uma resistência. Uma tentativa de encobrir tais experiências por parte dos adolescentes. Eu não esperava tal ação, ao menos por parte dos adolescentes. Esperava algum tipo de resistência vindo da coordenação do albergue, o que não aconteceu. Mesmo tendo que verificar as fichas de identificação dos adolescentes nos arquivos, copiado documentos da instituição, etc.

Quando comecei a visitar o albergue existiam seis adolescentes com experiência de privação de liberdade freqüentando o local. Dos seis, cinco eram do sexo masculino e uma do sexo feminino. Não contava, porém, com o fator silêncio por parte dos adolescentes, e quando notei tal ação, levantei duas hipóteses: medo de falar ou vergonha de assumir que estiveram privados de liberdade.

Os adolescentes não mencionavam esse momento em suas vidas num primeiro momento, negavam ter passado por privação de liberdade. Esse foi um período de afirmação e ao mesmo tempo de frustração. Achava que eles estariam dispostos a responderem aos meus desejos de pesquisadora, devido a uma relação que se criou por conta da minha presença tão freqüente no local, e também em virtude de não ter sido apresentada para eles como educadora ou

³⁹ O ECA determina que o tempo de privação de liberdade pode variar de 45 dias a três anos, dependendo da gravidade da infração cometida (Art. 121 § 3º).

com alguma função que tivesse um vínculo direto com a FEBEM-CE. Fui apresentada pela coordenadora enquanto *pesquisadora, estudante da universidade, que estava ali para fazer uma pesquisa sobre o albergue* (coordenadora do albergue).

Não me coloquei assim para eles. Disse que era uma estudante, estava fazendo uma pesquisa no albergue e iria trabalhar com alguns adolescentes sobre a vida deles na instituição. Usei desse argumento para não causar de imediato um afastamento por parte daqueles que almejava ter como informantes.

Foi através das fichas do arquivo do albergue, nas quais continham um histórico dos adolescentes que fiquei sabendo das passagens por abrigos de privação, suas origens, por que estavam no albergue, enfim dados necessários para que identificasse os meus informantes. Então procurava sempre me aproximar daqueles que me interessava mais diretamente, muito embora sentisse uma necessidade de fazer algum trabalho com os outros adolescentes.

Ao abordar cada adolescente, já sabia um pouco de sua história de vida. Entretanto, procurava não tornar claro este prévio conhecimento. Tentei sempre dar importância a qualquer manifestação de diálogo que eles tentassem iniciar comigo numa esperança de conhecer, aproximar-se, ganhar o desconhecido. Fazer brotar dos ex-internos suas histórias de maneira que eles quisessem falar. E não ter de induzí-los.

Mera ilusão. Eles não falavam. Resolvi perguntar diretamente se eles já haviam passado por abrigos de privação de liberdade, ouvi frases curtas, tipo: *Não, eu nunca fui preso* (Adolescente do sexo masculino, 17 anos). Ou então: *Que é isso tia? Tá me estranhando?* (Adolescente do sexo masculino, 17 anos);

Já, mas não gosto de falar sobre esse lance aí. Isso é passado. (Adolescente do sexo feminino, 15 anos).

Essas respostas aguçavam ainda mais o interesse no assunto, porém os adolescentes fugiam dele, então, passei a tratá-lo como o assunto indutor de silêncio. Pois bastava mencionar tais palavras para que um tom sério e

constrangido modificando as faces dos adolescentes. E o silêncio reinasse entre nós.

Trabalhando com o silêncio

O silêncio é um aspecto que contém uma série de possibilidades de fatos, os quais são domínios do emissor, enquanto o receptor só pode observar, e esperar que ele se rompa, para se evidenciar enquanto dizível. Enquanto indizível, traz em si inúmeras interpretações dependendo do contexto em que esteja ocorrendo.

Veena Das (1999)⁴⁰, analisando a situação das famílias urbanas punjabi após a Partição da Índia, nos dá alguns elementos para uma análise do silêncio de algumas mulheres em relação a fatos que ocorreram durante tal período. Na sua análise, Veena Das, não encontra elementos visíveis, ou melhor, dizíveis, como a própria autora nomeia, para explicar o que acreditava ter acontecido com as mulheres que foram raptadas por mulçumanos no período da Partição. A autora ao estudar o caso de uma dessas mulheres, Manjit, encontra as respostas para o seu silêncio em manifestações de legitimação das violências que sofria por parte do marido. Manjit sofria em gratidão à honra que havia lhe sido reconcedida após a Partição com o casamento, quando então retomou ao seu povo. Porém Manjit não falava do que havia ocorrido durante o período em que esteve sob o domínio dos mulçumanos. Ela falava das violências no contexto familiar: as surras que levava do marido, a violência do marido contra os filhos e contra a nora. E, quando concordou em falar acerca dos acontecimentos da Partição para a autora, escreveu um documento repleto de metáforas que davam idéia de fatos "congelados", que segundo Veena,

... toda a emoção ligada àquele acontecimento primeiro era desviada para outras histórias que eram 'dizíveis' dentro do universo de parentesco das famílias punjabi ... ao passo que a

⁴⁰ In: DAS, Veena. Fronteiras da violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. V. 04, n. 40. São Paulo, jun. 1999.

violência súbita e traumática que faz parte da experiência da Partição parece ter sido congelada.

(op. cit.: 08)

Havia algum fato marcante o qual não deveria ser revelado de súbito. A tentativa de escrever metáforas a cerca dos acontecimentos da Partição mostram algo ligado provavelmente a fatores morais, dos quais a vida de Manjit poderia se tornar pior. O opróbio, vergonha, culpa, medo são sentimentos que podem explicar o silêncio de Manjit. Fazer um paralelo entre o silêncio de Manjit e o silêncio dos adolescentes que haviam passado por privação de liberdade é possível desde que se tenha a dimensão do quanto se pode apreender do sentido da privação de liberdade na vida dos adolescentes.

Antes de tudo deve-se evidenciar o seguinte: para ser levado à privação, o adolescente deve ter cometido alguma infração grave, de acordo com o ECA. E pelo resto da vida esse fator pesará em sua história. A privação é antes de tudo uma forma de punição, de acordo com Adorno (1993), duplamente punição:

Por um lado, pela adversidade as condições materiais de existência. Como tantas outras, carentes de alimentação, de habitação, de saúde, de escolarização e de lazer, enfim, destituídas dos direitos que deviam fazer de seu universo um mundo eminentemente infantil, um mundo onde realidade e o caráter lúdico da convivência com os outros se encontram entrelaçados em uma unidade indissociável. Por outro lado, punidas pela criminalização de seu comportamento. Aquelas que se encontram nessa condição são empurradas para o mundo adulto na medida em que são responsabilizadas pela incidência crescente de crimes e delitos de toda espécie, não obstante o discurso assistencialista dos códigos e das agências de amparo e proteção pretenda dissimular esse caráter.

(op. cit., 185)

Tanto a pobreza quanto a criminalização do comportamento, são apontados como fatores de convergência estratégicos para a construção do "delinqüente juvenil" (ZALUAR, 1994c; VELHO e ALVITO, 1996; DIÓGENES, 1998) no entanto o comportamento é o grande alvo do julgo social. Como já foi afirmado anteriormente, o adolescente privado de liberdade cometeu uma infração grave e

por isso foi punido. Resta saber se, no caso dos adolescentes que se recusavam a falar sobre a experiência de privação de liberdade, teria ocorrido algo durante esse período assim tão traumático, como no caso de Manjit, merecedor de tão grande silêncio? Ou, seria o fator de privação de liberdade um elemento reconstituído do ato infracional, ou seja, falar da privação era ao mesmo tempo revelar o motivo que o levou a ter passado por tal experiência. De acordo com Veena Das (1999), o silêncio é a manifestação de que determinadas violações da vida cotidiana não podem ser verbalizadas, porém seria o tempo o responsável pela reinscrição ou revisão das memórias da violência.

Os adolescentes com os quais pretendia trabalhar estavam ainda na fronteira da definição de suas vidas. A liberdade era algo real, eles estavam em regime aberto e isso me fez pensar que era como se um novo indivíduo tivesse acabado de nascer. Em termos foucaultianos, acabaram de ser produzidos, e tudo o que queriam era saber daquele tempo para diante, e não para trás. É a construção de um novo modo de viver que está em jogo, por isso não queriam falar. Foi então que um adolescente resolveu romper o seu silêncio e em forma de conversa, me contou alguns momentos de sua vida me possibilitando fazer algumas conclusões.

Rompendo o silêncio: um adolescente como ilustração

O primeiro a iniciar um rompimento de silêncio foi um adolescente de 17 anos transferido de Brasília para Fortaleza. Inicialmente ele não confirmava o fato de ter passado por privação de liberdade. No entanto, um dia o interroguei sobre o motivo da sua transferência para Fortaleza. Então ele relatou ter sido por conta de ameaças de morte que vinha sofrendo, devido à morte de um policial militar em Brasília, o qual ele mesmo fora o autor do assassinato. O Juiz da Infância e da Juventude daquela cidade havia decidido transferi-lo para Fortaleza, pois já iria

sair da privação total de liberdade e entrar no regime de liberdade assistida⁴¹, mas corria o risco de ser morto assim que saísse da instituição.

A experiência de privação para ele não era o principal motivo que o levava a ficar em silêncio. Segundo o próprio adolescente, o que mais o incomodava era o fato de ter assassinado um policial e por ter sido afastado de sua família⁴², dos seus amigos, além do que não poderia mais voltar a viver em Brasília. Ele não gostava de falar da morte do policial, foi o primeiro assassinato de sua vida. Dizia também não se arrepender, mas nunca iria esquecer do que sofreu por conta desse assassinato. Mesmo assim me descreveu como aconteceu o assassinato:

Eu era de gangue, quadrilha mesmo que roubava carro pra desmanche e vendia drogas. Me envolvi nisso com treze anos, por que me viciiei em cocaína e tudo era perto da minha casa. Num queria saber de estudar, meu negócio era cheirar pó. O dinheiro que a minha mãe me dava eu comprava droga, aí ela deixou de dá, aí um chapa meu me chamou pra vender cocaína com ele, e aí eu fui. A gente vendia muito pó pros filhinhos de papai de Brasília, já tinha freguesia certa. Depois esse mesmo cara me chamou pra fazer um assalto com ele e um pessoal lá de Goiânia e eu fui. A gente assaltou um carro de luxo de um cara num sinal de trânsito no Plano Piloto, e levamos pra Goiânia pro desmanche. Ganhamos muito dinheiro. No assalto eu fiquei só olhando no caso de pintar policial, ou alguém pra atraparlar. Daí foram vários assaltos e roubos de carro, mas aí eu ganhei uma arma, uma 38. Depois a quadrilha conseguiu armamento pesado mesmo, tipo escopeta e até AR-15, a gente era muito forte no ramo. A gente fazia o circuito Goiânia-Brasília, e a polícia vivia doida atrás de nós. Teve até um tempo que eu me afastei, por que minha madrinha me internou numa clínica pra viciado⁴³, e eu fiquei lá um bom tempo, mas foi só sair que eu comecei tudo de novo. Dos treze aos quinze anos, vivi só de aventura de drogas e assalto, aprendi a dirigir e a atirar. Conhecia muita gente, e arranjei uma namorada, ela chegou até a assaltar comigo uma vez. Mas a gente

⁴¹ A liberdade Assistida, como o próprio nome diz, é um regime onde o adolescente já deve ter cumprido parte de sua punição, e devido ao bom comportamento na instituição, é transferido para o regime aberto, no qual realizará atividades em liberdade, sendo este constantemente avaliado pelo corpo técnico da instituição aberta, devendo o mesmo se apresentar ao Juiz da vara da Infância e da Adolescência acompanhado de uma assistente social. No caso do albergue, a própria coordenadora, em datas definidas acompanha o adolescente, levando ao Juiz um relatório sobre o adolescente. A partir desse relatório, o Juiz delibera sobre a situação do adolescente.

⁴² O adolescente havia estudado até a quarta série do primeiro grau, e sua mãe trabalhava como empregada doméstica em casas de família em Brasília-DF.

⁴³ A madrinha era patroa da mãe.

acabou o namoro e eu não sei dela. Um dia a quadrilha saiu pra puxar carro, eram só três, aí nós puxamo uma F-1000. Quando a gente já tava no caminho de Goiânia, a polícia aparece e puxa o maior tiroteio. Era muita bala. Um pneu do carro foi acertado e nós paramos. E continuamos a atirar, e correr, até que um dos policiais se aproximou e eu acertei nele de cheio, no coração. O coitado não conseguiu nem se levantar. Quando os outros policiais viram que ele tava morto, aí foi que correram atrás de nós. Eu já tava cansado, quando caí, e um policial conseguiu me dominar. Ele tomou a minha arma e bateu, mais bateu tanto em mim que eu achava que ía morrer. Ele batia com pau, chute, soco ... foi muito ruim. Eu não sabia que ía matar o policial, mas eu também podia ter morrido, quando eu acertei ele, ele já tava bem pertinho de mim, e depois os outros só não me mataram por que não quiseram, mas o cara que bateu muito em mim disse que eu não escaparia noutra de jeito nenhum. Fui julgado e mandado direto pro CAGE, uma privação lá de Brasília. Lá tinha muita gente boa, mas eu fiquei assim, por que lá também tinha gente das outras gangues que disputavam o comércio do pó com a gente, e os caras não iam muito com a minha cara, e por mais que eu ficasse na minha, eles ficavam implicando comigo, só que eu nunca puxei briga com eles não. Depois que me pegaram outros dois da gangue foram presos também, um de menor e outro de maior. O de menor foi pro mesmo canto que eu tava, e me disse que os chefe iam me matar quando eu saísse por que a polícia vivia agora todo tempo na cola deles, e eles tavam achando que eu tinha entregado a rota, e como o esquema funcionava. Mas eu não tinha feito isso. Aí eu falei pro Juiz, e aí quando eu completei meu tempo de liberdade assistida, ele me transferiu pra Fortaleza, pois o meu pai vive aqui e o pessoal de Brasília não iria vim pra Fortaleza pra me matar.

Ele não colocava a privação como um fator preponderante, e sim a sua atuação enquanto delinqüente. E quando o interroguei sobre os seus dias no CAGE⁴⁴, ele me respondeu o seguinte:

Lá dentro a gente é colocado pras oficinas de trabalho e de arte. Tem gente que se torna bem amigo, e forma grupo de meninos que querem dominar o espaço, mas geralmente os educadores não deixam acontecer nada, senão pode ter rebelião, e outra coisa, tem muita peça ruim lá dentro, nem todo mundo tá a fim de mexer com eles. Existe também os que querem fugir, mas lá é difícil por causa do policiamento que é muito forte. Eu mesmo fiquei tranqüilo lá, cuidava das plantas e dos animais, que tem uma parte de horta e chiqueiro, e consegui a liberdade assistida mais

⁴⁴ O adolescente não sabia o significado da sigla CAGE, e eu por esquecimento não pesquisei. Mas o CAGE, segundo o adolescente, funcionava como abrigo de privação total de liberdade.

rápido. As vezes a gente briga com algum menino, mas é coisa besta. Agora que lá tem muita história de neguinho que é perigoso, tem. É lá só tem os perigoso, que nem o São Miguel daqui. As conversa são só de violência, briga de gangue, assalto, homicídio, tudo que é grave no Estatuto. Fica assim um monte de gente ruim junto, mas tem as atividades pra tentar afastar as ruindade de todos. Eu mesmo melhorei muito, mas ainda penso muito no que vivi. E tenho muita raiva daquele policial que matei. Fiquei muito sujo e não queria ser assim, é por isso que não digo a todo mundo o que passei, por que eu sei que todo mundo só vai olhar pra mim como se eu fosse um assassino, e não o cara que eu sou. E mais eu que quero mais é viver livre aqui em Fortaleza que é uma cidade muito bonita, com praia e festa.

Com essas palavras ele afirma ser a sua ação violenta o que pretendia esconder e não a experiência da privação, a qual trazia em si a própria denúncia do ato que cometeu: estava preso por ter cometido um assassinato a um policial. Fato que a seu ver, o tornava "sujo", ou seja, o que não queria ser. A noção que esse adolescente tinha do "sujo" era somente o ato do assassinato. Ele não se colocava enquanto "sujo" quando fazia parte de quadrilha de assaltantes, a hesitação que sentia era a de ser visto somente como um assassino. Isso se travestia na forma da representação que fazia acerca de si mesmo. Ele percebia que o seu ato se voltava contra si próprio, mas não por culpa sua e sim do policial. Pois se não fosse a morte deste, ele não seria um assassino, poderia até estar cometendo outras infrações, mas essa acusação talvez não estivesse recaindo sobre ele.

A estratégia do silêncio é inicialmente um fator de frustração para o pesquisador que só espera a ocorrência de tudo como planejou. Porém é um recurso para que se perceba outros pontos de vista a respeito do informante, e do contexto em que vive ou viveu, é uma maneira de fazer o pesquisador construir aspectos da vida do informante, e não somente confirmar hipóteses levantadas a seu bem querer.

No caso explicitado, o adolescente desmonta toda uma concepção que eu tinha a violência nas instituições. Fato que não posso afirmar inexistir, mas para ele não era o ponto de importância em seu silêncio. A sua preocupação estava no reconhecimento que teria pelo seu ato criminoso. Ele até aceitou as normas da

instituição como possibilidade de "se limpar", mas não parecia ver o quanto essa passagem contribuiria para a afirmação de uma classificação a seu respeito. Seria então o crime cometido o que deveria ser considerado como um ato simbólico, na medida em que achava ser o fato de ter se tornado um assassino o motivo de seu reconhecimento.

A possibilidade de ser chamado por alguém de assassino o deixava triste, ao longo da conversa, várias vezes ele repetiu:

Tia, isso faz parte do meu passado, não pense que eu sou uma pessoa perigosa, eu não sou. Eu não quero ser. Eu não desejava matar ninguém. Me arrependo do que fiz, mas também podia ter sido eu o morto na história toda.

A auto-classificação negativa o colocava numa condição desprestigiada. Não queria ser assim. A possibilidade de ser perigoso não alimentava o seu interior. Ele não desejava ser prestigiado enquanto um sujeito perigoso, pois, parafraseando Barreira, *o prestígio é uma questão privada, decorrente de conquistas pessoais* (1998: 80-81) e o que ele sentia era um desejo de se livrar do seu passado, com novas conquistas, galgando um outro prestígio, longe de situações complicadas. Como o informante afirmou *enroladas*, onde viessem acarretar maiores prejuízos para a sua vida. A privação de liberdade traçando estereótipos no albergue

Além das informações contidas nas fichas de identificação, existia uma outra fonte de informações a respeito de adolescentes que haviam passado por privação de liberdade: os outros adolescentes do albergue. Estes sabiam de vários casos e falavam a respeito de adolescentes (ex-privados) que estavam no albergue e os que estavam na rua.

A passagem por uma privação de liberdade atribuía uma marca "perigosa" ao adolescente. E essa distinção, para além das teorias sobre o sistema prisional e disciplinador, consegui constatar entre os próprios adolescentes hospedados no albergue, quando faziam referência a outros adolescentes que já haviam sido internos do São Miguel, no caso dos de sexo masculino, e do Aldaci Barbosa, quando se tratava do sexo feminino:

O C., Deus me livre de confusão com ele. O bicho veio do São Miguel pior do que o que foi. Ele manda em todo mundo e num tem medo de voltar pra lá não. Ele bota o maió buneco aí, e ninguém diz é nada. Quando ele voltou da privação já foi logo fazendo assalto aí mesmo na Praça da Sé. O bicho é ruim ... (Grifo meu)

(Adolescente do sexo masculino, 17 anos)

O V., passou uns dias no São Miguel, até que voltou bonzinho, mas num deu um mês, pra ele ficar pior de novo, o cara num quer saber de nada não, só quer é ser o tal, agora é que tá, já fez assalto à mão armada, foi pro São Miguel, voltou mas já disse que vai fazer assalto de novo.

(Adolescente do sexo masculino, 15 anos)

A P. é uma menina legal, mas num mexa com ela não, ela é perigosa quando tem raiva dum aqui. Ela fica com mais raiva se agente diz assim: hei, tu é sapatão. Ela ficou assim lá no Aldaci, e depois do Aldaci, quando agente diz qualquer besteira, ela vai logo é com porrada. Ficou braba que só.

(Adolescente do sexo feminino, 16 anos)

Aqui é assim, ó tia, quem vai pra privação, volta bem gordinho, bem bonitinho, sem se drogar. Mas botou os pés na rua já quer ser o fodão, só por que foi pra privação. Olha tia, quem vai pro São Miguel, é por que matou alguém, ou se envolveu com as meca pôde, aí. .. assim, tráfico, assalto a mão armada e coisa e tal, já num é boa peça. Tem nego que vai e quando volta quer ajustá conta com quem escapou ou entregou. Tem educador aí que é sujo com menor só por que entregou eles pros cana. Aí ó o coitado do educador tá é lascado, por que pode é morrer de pedir pra num fazerem nada com eles, mas num escapa, não. Aqui tem até quem já esfaqueou o próprio pai, vai tê pena de educador? Eles passam o tempo lá na privação é só maquinando o que vão fazer quando saírem. Aqui na praça tá chei de líder de gangue que saiu do São Miguel e num quis nem saber de nada.

(Adolescente do sexo masculino, 17 anos)⁴⁵

O fator *pós-privação* é um determinante importante. Na medida em que o adolescente era reconhecido pela possível passagem num abrigo de privação de liberdade, ganhava uma marca, uma representação para os outros adolescentes

⁴⁵ Este adolescente me informou que estava dormindo no albergue por conta de ameaças de morte feitas por um jovem, líder de gangue na favela onde morava, e que havia sido liberado do São Miguel naquela mesma semana.

que o colocava numa condição de valente e temido. Entretanto ruim e "mais errado". Em alguns dos depoimentos aparece claramente a demonstração de medo das ações dos ex- privados. Eles passam a ter a "fama" (BARREIRA,1998: 79) de perigosos. E diante dessa fama construída delineiam estereótipos para si e se enveredam pelo interminável mundo das reincidências, onde o retorno à privação não tem uma data certa, mas existe uma certeza de retorno. Além do que os próprios companheiros de abrigo os consideram casos perdidos.

Assim é possível afirmar um confronto de representações (Goffman, 1996a) que os adolescentes nunca privados de liberdade fazem de si, e dos que já passaram por privação, refletindo classificações cujos sentidos fazem efeitos tanto para o grupo, no caso os albergados, quanto para a sociedade. Tais classificações, servem para evidenciar a existência de processos sociais os quais estabelecem marcas distintivas concretas, as quais podem nos impedir de colocar todos os adolescentes do albergue numa mesma classificação. Existem os "de bem", e os "perigosos", os que cometeram ou cometem infrações graves. Os que se encontram entre os primeiros ainda não passaram por privação de liberdade, e os do segundo grupo em sua maioria já passou. Aqui cabe uma nota: a característica ligada ao ser perigoso não se remete somente ao fato da privação de liberdade, pois existem também os perigosos que não tiveram tal experiência. Assim como também existem os ex-privados que não são vistos como perigosos. A privação é apenas um elemento para essa classificação, principalmente quando exposta.

As classificações "de bem" e "perigosos", transparecem dois aspectos importantes da vida dos adolescentes do albergue: o sentido de pertencimento em grupos distintos de acordo com as histórias de vida de cada um; o outro aspecto é que essa categorias de auto-referência e referência, utilizadas pelos adolescentes, são reproduções de classificações da sociedade para com eles. Tais reproduções se dão tanto no contexto da rua como da instituição, e servem como reforço para demarcar quem pode vir a "crescer", no sentido de poder ter uma vida melhor no futuro, e quem vai ser o eterno "sem futuro"⁴⁶,

⁴⁶ Ver capítulo IV.

O V. não quer nada com a vida só quer saber de se meter em enrolada. Já passou por todas as casa da FEBEM-CE, e depois dessa privação em vez de se ajeitar vai é roubar. Eu cheiro cola, me drogo mesmo, mas roubar não é comigo, gosto das ruas por que não quero voltar pra casa, e quando quero dinheiro faço bico ali no mercado. Qualquer coisa, mas não prejudico ninguém eu ainda posso arranjar um emprego. Já o V, dificilmente vai querer coisa séria na vida dele, é sem futuro ele.

(Adolescente 'do sexo masculino, 15 anos)

Ser "de bem" significa estar de acordo com valores considerados corretos pelos adolescentes, os quais podem não ser os mesmos da instituição. O fato de se drogar, por exemplo, pode ser considerada uma ação de bem, desde que não se junte a esta alguma ação visivelmente violenta, do ponto de vista dos adolescentes, como por exemplo, roubar ou agredir alguém fisicamente. Ações qualificadas como infrações graves pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Ser "perigoso" para os adolescentes equivale ao agente das infrações graves definidas pelo ECA.

Para os policiais essa classificação não tinha nenhuma validade. Eles consideram todos iguais na instituição, estavam naquele local pelo mesmo motivo: *eram da rua e isso já os colocavam na zona do perigo* (Depoimento de um Policial). Um dos policiais fez algumas considerações a respeito de alguns adolescentes relatando o seguinte:

Aqui tem menino de todo jeito, não dá pra dizer quem é pior do que os outros. Às vezes a gente se vê em situação que não dá pra acreditar, pois se a senhora for atrás tem menina que dá de porrada em menino aqui, tem adolescente que comete crime e nunca foi pro São Miguel, tem menino que já cumpriu privação e é melhor do que os que nunca foram pra privação. É muito difícil dizer realmente assim quem tem mais periculosidade. A gente sempre fica mais de olho nos que cometem infração grave, esses sim são os mais perigosos, mas tem deles aqui que só foram uma vez e a gente num vê eles nem circular muito nas ruas.

Para os educadores, pedagoga e coordenadora a diferenciação existe, mas não se evidencia enquanto um problema mais marcante e não pode ser superior às regras de convivência do albergue, onde todos devem viver harmoniosamente:

o ideal é que elas desapareçam, aliás que elas não se levantem, pois elas falam, mas não fazem disso um problema, senão o nosso trabalho ficará muito difícil (Pedagoga).

Apesar de tais classificações, não percebi conflitos entre os adolescentes "de bem" e os "perigosos", no sentido de que nenhum adolescente utilizasse desses atributos para atingir o outro. Mas eu sentia que essas classificações acabavam em representações que os adolescentes faziam de si próprios, assumindo, na verdade um *mecanismo de controle interiorizado* (GOLDWASSER, 1989:48). Uma espécie de identificador do "eu" e dos "outros" criando conflitos em relação a quem era mais ou menos beneficiado no abrigo. Este ponto será aprofundado no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

OS FILHOS DO PÓLO/ALBERGUE E OS FILHOS DA PRAÇA

O albergue é um abrigo onde não há espaço para moradia. Por isso além de abrigo de regime aberto, é também chamado de abrigo de passagem. O albergue serve de ponte para levar os adolescentes que passam os dias nas ruas ao Pólo de Atendimento, onde devem ser preparados para o mercado de trabalho e participam de atividades sócio-educacionais, tendo em vista o maior afastamento possível desses adolescentes da vida nas ruas. E, ao serem alocados no Pólo, são encaminhados para outros abrigos que lhes possam garantir um espaço de moradia, quando não têm mais vínculos com a família. Isto foi esclarecido no segundo capítulo.

O albergue serve então, para tentar fazer a reintegração social em meio aberto dos adolescentes em situação de rua. Após essa etapa eles não mais retomam às ruas e ainda podem "trabalhar", ou estar sendo preparados para tanto.

Assim, o albergue se constitui enquanto um lugar captador de adolescentes que estão nas ruas para o Pólo, passando por um processo de seleção, onde a obediência às regras da casa é o ponto mais privilegiado do processo de ressocialização. Alguns adolescentes se destacam e ganham privilégios sobre outros, fazendo com que se criem diferenciações de tratamento da parte da coordenação com relação aos que não se destacam.

No albergue um adolescente pode permanecer dormindo em suas dependências todos os dias no máximo por três meses, após esse período ele é encaminhado para outro abrigo. Tal permissão, só é concedida aos que resolvem dormir todas as noites no abrigo, seguir as regras do local e aceitar ser colocado nos cursos profissionalizantes ou mesmo, trabalhos oferecidos pelo Pólo de Atendimento. Esse processo acaba por tornar o adolescente um semi-interno,

mesmo podendo sair para a rua quando quiser. A rua nesse momento é que passa a ser o lugar de "passagem", pois se durante o dia o adolescente trabalha ou exerce alguma atividade no Pólo, à noite ele permanece no abrigo para dormir. Somente nos momentos de folga é que tem um tempo para "dar uma voltinha" na rua.

Acontece que nem todos os adolescentes entram nesse programa de atendimento, então vivem *circulando entre a rua e a instituição* (Coordenadora do albergue). E o trabalho desenvolvido com eles tende mais a protegê-los dos perigos a que se expõem estando nas ruas à noite, do que reintegração social de fato. Pois há um investimento maior nos que respondem às condições do albergue ainda com o acréscimo das atividades do Pólo. Eles se tornam "modelos" de moças e rapazes para os outros adolescentes, e verdadeiras exemplos de ressocialização para quem visita o albergue.

Durante o período desta pesquisa, pude acompanhar um grupo de oito adolescentes que entrou no quadro dos adolescentes mais "bem quistos do albergue" e que acabaram permanecendo no albergue por mais tempo que o permitido. Se tornaram espécies de "pratas da casa", e o albergue passou a ser para esses adolescentes, espaço de moradia propriamente falando. Segundo a coordenadora do albergue,

Eles estão aqui por não terem opções, e também por ser um meio aberto. Os outros locais não são. Além disso já estão quase completando dezoito anos e isso é muito ruim para eles ... Ter que passar novamente por outros abrigos. Eles já sabem mais ou menos o que querem e nós estamos nos responsabilizando por eles até os dezoito, e nosso projeto é que isso continue até mesmo depois.

Mas um outro fator que os fazia permanecer no albergue era estarem perto de completar dezoito anos, e por isto a coordenação do albergue estava se responsabilizando por eles evitando que tivessem de passar por mais um abrigo.

Certa vez um adolescente me abordou na entrada do albergue para pedir dinheiro dizendo estar com fome e não ter o que comer. Então lhe sugeri entrar para jantar no albergue, ele me respondeu que não entrava por que não era "filho

do Pólo", era "filho da praça", e *filho da praça não dorme ai dentro* se referindo ao abrigo.

De imediato notei que havia algum motivo muito forte para tais classificações. E comecei a fazer uma série de perguntas a respeito: por quem elas foram criadas e em que circunstâncias? O que significam? São códigos dos adolescentes ou da instituição?

Até o momento da "abordagem-revelação" que o adolescente promoveu, não tinha despertado para o que acontecia fora do albergue. Mais restritamente nos seus redores e na Praça da Sé.

Sempre que entrava e saía do abrigo notava um aglomerado de adolescentes, e às vezes me chamava a atenção a presença de crianças, nas calçadas do antigo Fórum Clóvis Bevilácqua, em frente ao abrigo, e nas escadarias da Igreja da Sé, ao lado do abrigo. E era comum ficarem de fora do albergue por estarem cheirando cola, ou mesmo por opção.

Algumas vezes, chegava no abrigo e estava praticamente vazio, e havia vários adolescentes na escadaria da Igreja, alguns até me chamavam, ou vinham em minha direção me cumprimentar, mas não entravam. Mas isso era uma opção que o próprio albergue proporcionava aos seus atendidos: *entram se tiverem vontade, a gente até faz os arrastões, mas eles só vêm se quiserem, a nossa obrigação é proporcionar a escolha pra eles, que sabem o que é melhor* (Pedagoga).

Porém, o que eu não sabia era da existência de um grupo de adolescentes que era proibido de participar das atividades do Pólo Central, e de dormirem no albergue. Esse grupo permanecia sempre nas escadarias da Sé. Eles eram uma espécie de "donos da praça", a qual denominavam de "nossas áreas", ou "nosso território". Nesse sentido, território vem significar tanto os limites geográficos de atuação desses sujeitos, como ter o sentido simbólico de *estar em casa* (Diógenes, 1998:37). A proibição dos referidos adolescentes no abrigo, segundo a coordenadora, se deu por indisciplina,

Tinham o Patricio e o Fernando⁴⁷, eles dormiam aqui, e até são bons meninos, mas se drogavam tanto. Na época aqui, nós recebíamos meninos drogados, mas eles eram demais. Chegavam aqui cheios da cola e eram agressivos. Os dois só andavam juntos, como ainda andam. O point deles é a Praça da Sé, foram dos primeiros adolescentes acolhidos no albergue, pois viviam pela Praça. E todo mundo que dorme na praça sabe quem são eles. Uma noite o Fernando chegou tão doido, que quis matar uma menina aqui dizendo que ela tinha tirado um objeto dele e pegou uma barra de ferro das janelas e correu atrás da menina. Foi um sufoco tão grande que a gente quase não conseguia dominar esse menino, daí ele foi suspenso e quando retornou continuava a entrar drogado e se juntava com Patricio pra implicar com os outros. Foi o jeito então não permitir a entrada dos dois à noite e deixar de receber adolescente drogado por que eles não se interessavam em participar das atividades, era totalmente improdutivo. Eles não queriam nada, a gente tava perdendo tempo com eles. E eles se aproveitando do que era liberado e até certo ponto deram um retorno, mas se desligaram das atividades, dos cursos, de tudo. Até no Pólo eles fizeram confusão. E todo menino aqui que é suspenso se junta logo com eles lá na praça.

Todos os adolescentes e crianças do albergue conhecem os "meninos da praça", como eles os chamam. E os "meninos da praça" de forma irônica chamam os adolescentes que freqüentam o albergue de "filhos do pólo". Mas essa atribuição segundo um dos adolescentes só serve para os que "moram" no albergue, pois eles *vivem dia e noite no Pólo, comendo e dormindo* (Adolescente da Praça, 17 anos).

Essa representação dos adolescentes da praça sobre os "filhos do Pólo" permitiram que se descortinasse um novo e crucial problema na pesquisa: um conflito gerado pelas produções simbólicas de dominação (BOURDIEU, 1998) da instituição entre os adolescentes que vivem no abrigo com os adolescentes que vivem fora dele. E no meio desse conflito há os adolescentes que transitam do albergue para a praça/rua.

⁴⁷ Nomes fictícios

Os filhos do Pólo

o grupo era composto por oito adolescentes, sete rapazes e uma moça. Neste grupo haviam dois adolescentes com experiência de privação de liberdade, enquanto os outros já haviam passado por vários abrigos da FEBEM-CE, com exceção da privação.

Numa noite dialogando com dois deles sobre relações de amizade, sentados no pátio esperando o jantar, pude ouvir o seguinte:

- Lá no Moacir Bezerra a gente nem se falava, nera? E aqui a gente faz tudo junto.
- Pois é, mas eu sou esquisito, num gosto de conversá com ninguém muita coisa, não. Lá no D. Bosco eu ia apanhando dum cara lá só por que eu ficava olhando pra ele e num dizia nada.
- E tu já foi pro D. Bosco?
- Já.
- Eu também era de lá antes de vim pra cá.
- Eu já passei em tudo que é de FEBEM-CE: Casa do menino trabalhador, Moacir, Irmão Sol Irmã Lua, Menino Nazareno, um bocado.
- Vixe! Eu também passei por essas aí tudinho, cara. Num sei como nós num se encontrou antes, por que aqui eu conheço quase todo mundo de outras casas da FEBEM-CE⁴⁸.

As regras institucionais já vinham sendo internalizadas há mais tempo, o albergue era apenas mais um abrigo, porém para o grupo dos oito adolescentes, a experiência no albergue poderia ser decisória em suas vidas, teria um destaque simbólico especial, pois todos eles estavam em vias de completar dezoito anos de idade, fato que os tornaria mais vulneráveis à marginalidade se não conseguissem se reintegrar ao mundo social "normal". Então o albergue em conjunto com o Pólo central de Atendimento seriam os preparadores para o momento da chegada à maioridade, a qual trazia em seu bojo a passagem para o mundo exterior à instituição, onde seria necessário todo um ritual disciplinar para que nada pudesse atrapalhar o destino desses adolescentes.

⁴⁸ Notas de diário de campo, outubro de 1998.

Neste processo disciplinar além das regras do albergue já descritas no segundo capítulo deste trabalho, havia as atividades do Pólo, as quais se distribuíam em atividades de trabalho, cursos profissionalizantes, atividades artísticas e atividades esportivas. As duas primeiras deveriam ser cumpridas à risca devido à importância que o trabalho tem na construção da cidadania; as duas últimas não tinham o mesmo caráter de importância por que dependem da estrutura física dos adolescentes, ou por uma questão de gosto mesmo. Um dos adolescentes, por exemplo, não gostava de praticar esportes, então se dedicava mais às atividades artísticas.

Foi através das atividades esportivas que quatro dos oito adolescentes foram catalizados para serem os "preferidos" do albergue. Os outros, um foi pelas atividades artísticas, a única moça foi pelas oficinas de hip hop e os outros dois foi pelo comportamento sempre calmo que eles mantinham, nunca causaram problemas para a coordenação, e foram ficando, essa era a explicação oficial.

Atividades de trabalho

As atividades de trabalho oferecidas pelo Pólo são realizadas nos períodos da manhã e da tarde e se distribuem em: trabalhar na cozinha como auxiliar de cozinheiro; fazer a faxina do abrigo, fazer serviços de pequenos consertos hidráulicos, no telhado, no assoalho, podar árvores, organizar o almoxarifado e manter a limpeza do abrigo. Essas atividades se adequam aos dias e horários dos cursos profissionalizantes, os quais têm prioridade sobre qualquer outra atividade.

Os cursos profissionalizantes oferecidos são: bombeiro hidráulico, mecânica básica para pequenos consertos, eletricista, computação, jardinagem, fabricação de salgados e doces, corte e costura, cabelereiro, manicure e pedicure. Esses cursos são ofertados em períodos diferentes, e dependem muito da liberação de verbas da Secretaria de Ação Social para serem realizados, pois os treinadores sempre são contratados de instituições privadas. Somente os cursos de cabelereiro, manicure e pedicure, são ofertados com uma maior frequência, devido haver no Pólo um salão de beleza - "a sala da beleza" - à disposição da

execução do curso, além de uma treinadora permanente no abrigo. É um curso mais direcionado às meninas. Como incentivo à participação nesses cursos a FEBEM-CE dá uma ajuda de meio salário mínimo aos adolescentes, e uma exige que estejam matriculados em escolas.

Os cursos profissionalizantes preparam os adolescentes para profissões que não exijam um grau de escolaridade avançado. No entanto profissões mal remuneradas no mercado de trabalho⁴⁹.

A maioria dos adolescentes participantes desses cursos não tinham concluído o curso primário, o que atualmente corresponde aos ciclos da educação fundamental. Dentre os oito adolescentes que "moravam" no albergue, três chegaram a freqüentar escola, e somente um havia concluído o primário. E como estavam fora da escola, a coordenação do Pólo exigiu que todos retomassem. A coordenadora do albergue se encarregou então de matriculá-las numa escola pública da Comunidade do Oitão Preto, uma favela que se localiza na parte antiga do centro de Fortaleza.

o retorno à escola causou certo impacto na vida desses adolescentes, pois já se sentiam desacostumados aos rigores da escola. Ter de estudar era novidade. Ganharam fardamento, livros, cadernos, lápis, canetas, e começaram a estudar. O primeiro dia de aula foi bastante comentado no albergue. Parecia a primeira vez que iam à uma escola e para alguns era. Devido à falta de informações corretas sobre o nível de escolaridade, todos foram matriculados na terceira série primária. Somente um foi matriculado na quinta série do primeiro grau, pois este afirmava ter concluído o primário, e fez um teste de nível que comprovou estar apto a cursar a quinta série.

o primeiro dia de aula foi bom demais. Nunca pensei que ia voltar a estudar de novo na minha vida. Agora eu vou estudar até inglês. Meu sonho agora é terminar os estudo pra arranjar um bom emprego, que só com esses cursos daqui a gente num vai muito pra frente não. Vou entrar no curso de computação e vou continuar no futebol e no atletismo que também são duas coisas importantes pra mim. Eu agora tô ganhando a bolsa de meio salário mínimo do Pólo, mas acho que posso ganhar mais arranjando um emprego.
(Adolescente do sexo masculino, 17 anos)

⁴⁹ Sobre a experiência de trabalho, há uma discussão no próximo capítulo

Eu num gosto dos cursos que dão aí pras meninas, não. Eu trabalho no Pólo e faço computação. Agora que voltei a estudar vou ver se arranjo emprego bom. A gente vê que só quem se dá bem na vida é quem estuda e trabalha, eu vou estudar pra ser alguém na vida.

(Adolescente do sexo feminino, 17 anos)

A frase da adolescente, *ser alguém na vida*, demonstra um desejo de ter uma vida diferente, em virtude de ter passado por muitas perdas, violências, desrespeitos, enfim, ser alguém com direitos, com trabalho, dinheiro. Não ser vista como uma *menina de rua*, como ela dizia. *Já sou uma moça e não sou mais da rua*. Comparei esta frase ao sonho de toda adolescente de se tornar adulta para ganhar mais liberdade, ser vista como responsável por si própria e ganhar a confiança de todos. A busca de um reconhecimento social⁵⁰.

A questão do trabalho e da escolaridade é importante como símbolos de garantia para "um bom futuro" no imaginário dos adolescentes do albergue. Todos estão sendo preparados para o mercado de trabalho com a consciência de não existir um desligamento do trabalho com a qualificação escolar. A instituição nesse sentido, faz com que os adolescentes passem a valorizar a escola, vendo nesta a possibilitadora de oportunidades de crescimento e melhora de vida no futuro. Porém essas "escolhas" não são feitas de livre arbítrio pelos adolescentes. Eles são capturados pela instituição e as opções são colocadas por circunstâncias regradas as quais têm de obedecer.

Ir para a escola, trabalhar não são opções feitas de iniciativa própria. Há sempre um pano de fundo de práticas controladoras da vida dos adolescentes. Pode-se entender que os profissionais que trabalham com os adolescentes passam idéias que os levam a enxergar um *campo de possibilidades* (Velho, 1994a) em todas as investidas que fazem com eles. A obediência a tais práticas representa um obstáculo simbólico para a volta às ruas. O movimento rua-abrigo tem hora de sair e de voltar. E isso era cumprido de forma pontual

⁵⁰ A respeito do reconhecimento social entre jovens, ver: BARREIRA, C. et all. **Ligados na galera:** juventude, cidadania e violência em Fortaleza. Brasília: UNESCO/FUNUAP/Fundação Demócrito Rocha. 1999.

pelos oito adolescentes que acompanhei, pois a quebra desta regra poderia colocá-los numa situação não exemplar para os outros adolescentes. Não existiam castigos físicos, mas existiam os castigos proibitivos simbólicos, por exemplo: ser suspenso das atividades esportivas, ou deixar de participar de um campeonato; não poder participar de atividades de lazer no final de semana.

Atividades esportivas

As atividades esportivas são: futebol de salão, voleibol, capoeira, atletismo e kung-fu. Não são praticadas por todos os adolescentes e dentre os que praticam existem os mais dedicados. Dos oito adolescentes acompanhados, a única moça praticava kung-fu e capoeira, os rapazes praticavam quase todos os esportes, porém se destacavam mais no futebol e no atletismo.

Dois deles se destacaram bastante nas duas modalidades esportivas que participaram de vários campeonatos de atletismo em Fortaleza e Natal (RN), chegando a ganhar medalhas e prêmios por boas colocações. O Professor de Atletismo, os definia da seguinte forma:

São meninos com um grande potencial físico e mental, por isso são vencedores. Eles se destacam em tudo o que eles fazem. São bons no futebol, no atletismo, no trabalho, enfim são bons. Eles se esforçam muito, procuram se disciplinar e pensam muito no futuro e no quanto isso pode contribuir para eles. O A., por exemplo, já joga futebol profissional mesmo, já jogou em time bom antes de vim pra cá, e agora tá interessado em atletismo e vôlei. Eu acho isso muito bom, ele nem se droga mais. Além do mais é um incentivo para o trabalho, dá muita disposição. Com certeza ele vai ser um campeão. (Grifo meu)

(Professor de atletismo)

Por outro lado de forma brincalhona, os adolescentes diziam ter toda a disposição para o atletismo devido as carreiras que já levaram da polícia: *Tia, eu já corri tanto da polícia que fiquei bom pra ser corredor de atletismo* (Risos).

(Adolescente do sexo masculino, 17 anos)

Quando a gente vai correr, eu sempre digo assim: lá vem os cana. E aí a gente começa a correr, num tem quem pegue. (Risos)

(Adolescente do sexo masculino, 16 anos)

Apesar desses dois destaques no atletismo o futebol é o maior responsável pelos sonhos e desejos dos adolescentes que freqüentam o albergue. Sonham em se tornar um "Romário" ou um "Ronaldo"⁵¹, tanto devido à forma de jogar quanto ao reconhecimento desses dois jogadores, fatores que lhes deram fama e muito dinheiro:

Eu só queria ter a sorte do Ronaldo, ele joga bem, mas foi tudo muita sorte. Agora o Romário, o baixinho se garante mais, ali joga mesmo, é rocha. Eu também queria ganhar ao menos a metade do dinheiro que eles ganham, ficava rico e famoso. Não trabalhava, ganhava muito dinheiro e ainda fazia o que eu mais gosto: jogar futebol.

(Adolescente do sexo masculino, 17 anos)

o esporte exige certa disciplina a qual garante o rigor físico, e a condição para que o adolescente se saia bem em um jogo. Para isso e é estritamente proibido o uso de drogas, todas as refeições (café da manhã, almoço, lanches e jantar) devem ser feitas. E constantemente são realizados testes de resistência com os adolescentes para que o professor de futebol tenha certeza de que não houve desvio das suas orientações. Os testes de resistência física eram feitos na praia, devido à dificuldade de realização é maior e para que os adolescentes resistissem os impactos dos testes teriam de seguir as orientações dadas pelo professor. Horas sem fim de corrida na areia. Saltos nas dunas e no final uma "batida de bola" só para *garantir a marra dos meninos* (Professor de futebol).

Os adolescentes não pareciam achar desagradável todos aqueles esforços. Pelo contrário, passavam a semana inteira se preparando para o teste, e sempre me convidavam para ir assistir. A primeira vez que fui fiquei impressionada com tanta exigência, mas os próprios adolescentes achavam que aquilo era normal:

Eu fico um bagaço, tia, mas todo jogador passa por isso. Num é facinho chegar a onde eles chegaram, não. Eu sei que talvez eu num chegue a ser um jogador profissional, mas eu me esforcei e tive ajuda pra isso. Quem quer ser bom tem que penar. Agora eu já tô mais acostumado, antes era pior, mas só em pensar em

⁵¹ Ídolos do futebol brasileiro ano anos noventa.

ganhar o campeonato da FEBFM, isso já me deixa doidinho, por isso eu treino e mostro resistência. Se eu num for um campeão brasileiro, vou ser ao menos o campeão das casas FEBEM-CE, já vai valer alguma coisa.

(Adolescente do sexo masculino, 17 anos)

Nesse momento eles estavam se preparando para o torneio de futebol da FEBEM-CE. Todas as "casas" da FEBEM-CE tinham o seu time de futebol e nos campeonatos os times concorriam a troféus e prêmios doados pela Secretaria de Ação Social. Os adolescentes do albergue faziam parte do time do Pólo, o que não deixava de representar o albergue. Assisti a um torneio, e era a maior euforia. Vinham adolescentes de outros abrigos da FEBEM-CE, com torcidas organizadas, músicas e gritos de guerra.

Era a maior agitação na quadra do Pólo. Para muitos era dia de festa. Para os craques do Pólo era dia de emoção, de "nervos à flor da pele". Era dia de mostrar o que sabiam.

Quando entravam na quadra a torcida do albergue ia ao delírio, pois era a maior das torcidas. Além do que segundo as meninas, *era o time que tinha mais gatinhos*. Até quem vinha de outras torcidas ficava torcendo pelos *gatinhos do Pólo*. Neste campeonato o time do Pólo foi campeão, mas segundo um dos jogadores, *mesmo não sendo campeão, só ter sido bilado pelas mina da casa da juventude, tinha sido massa* (Adolescente do sexo masculino, 16 anos). E a sensação de ser campeão se juntava ao poder de sedução dos meninos. Então não paravam de falar sobre as conquistas do dia.

De acordo com o professor de futebol:

Eles adoram futebol, é como se já nascessem para jogar. O que falta pra eles é um estímulo, uma força de alguém que possa dar condições para que esse lado se desenvolva. Aqui quando a gente fala assim: tá na hora do jogo, até os da rua entram pra bater bola. Mas, os que ficam na rua o dia inteiro, muitas vezes chegam aqui colado (drogado) e não rendem nada. A gente vê o esforço deles por que gostam de jogar futebol. Então eu incentivo muito que eles deixem as drogas, mas parece que a bicha é mais forte e eles são muitos fracos, e não conseguem resistir. Então tem uns aqui como é o caso desses quatro que a senhora sabe que conseguiram deixar a droga pelo esporte, quer dizer é um outro vício, mas um vício que vai dar bons rendimentos pra eles no futuro. Eu já levei o Alex⁶ aqui pro time juvenil do Fortaleza e gostaram muito dele, se

não fosse uma contusão que sofreu ainda estaria lá e seria o melhor goleiro do juvenil. Agora a gente tá vendo a possibilidade dele ficar no Uniclínic (time de futebol), e depois vamos ver no que vai dar. O importante é que a gente faz o possível pra eles se manterem como estão e que isso faça deles gente de bem, e não voltem pra marginalidade como eles viveram um dia.

Essas possibilidades de tornarem-se campeões, serem os melhores no esporte era o que seduzia os adolescentes. O desempenho era motivo de orgulho para os professores, para os educadores, a coordenação, os funcionários, para os adolescentes-atletas e para a torcida. Além disso, servia como estimulante como para esquecer os momentos conflitantes das suas vidas. Um dos adolescentes desportistas relatou o seguinte:

Quando pratico qualquer esporte, me esqueço de tudo na vida. E só eu e a bola, ou a pista de corrida. Diferente da cola que fazia eu pensar o tempo todo na minha família, no meu pai batendo em todo mundo, na rampa do lixo, na fome. Eu sofro muito quando me lembro disso. O esporte me dá assim, a alegria de achar que tudo ficou lá atrás e hoje eu posso viver sem aquilo, me lembrando, mas pensando que com o esporte eu posso conseguir coisa melhor, mesmo que seja só um emprego, mas me tirou daquilo, daquele pensamento que fazia eu cheirar cola em vez de confiar mais em mim. Aceitar eu do jeito que eu sou sem se desesperar. Eu não vou ser mais fraco como eu era. Eu vou é vencer e tirar os meus irmãos lá do lixo. O treinador uma vez me disse que as coisas podem acontecer se a gente quiser, e eu passei a confiar nisso e não tirar isso da cabeça. E agora sou um campeão nos jogos, e tenho um trabalho, às vezes me dá vontade de pegar uma colinha, mas aí eu penso no lixo e a vontade passa.

(Adolescente do sexo masculino, 16 anos)

Toda uma forma de disciplinarização estimulando a auto-estima, a valorização de si, através de cuidados com o corpo, de estímulos para o "auto-crescimento", mostrando capacidades "positivas". O estímulo à auto-estima é uma das primeiras etapas trabalhadas com os adolescentes,

eles não precisam se sentir por baixo, a gente faz questão de colocá-los lá em cima, de que eles podem tudo, e tudo vão conseguir se esforçarem. Eles na rua não se valorizam e a gente tenta mostrar pra eles o valor de suas vidas. A gente tenta fazer

com que eles se auto-estimem, se gostem, tentem viver com o que têm, mas procurando sempre o melhor para sair dessa. É por isso que a gente incentiva tanto a participação deles tanto nas atividades do albergue como nas do Pólo. Mas pra isso é claro que necessita de muita responsabilidade, disciplina, força de vontade.
(Educador do albergue)

Segundo Silva e Milito (1995), essa questão da auto-estima é a pedra-de-toque de projetos e programas que surgiram com a implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente. E trabalhar com o propósito de elevar essa auto-estima é antes de tudo estruturar personalidades de indivíduos que estão esboçadas amorfamente nas ruas. O problema é que nem sempre esses projetos estão preparados para dar uma sustentação concreta para tal empreendimento, principalmente pela questão financeira das instituições.

No albergue, por exemplo, os professores de esporte buscavam o patrocínio para as viagens em clubes esportivos, ou através de doações extra instituição,

Eu tiro até do meu bolso se for preciso, mas eu não deixo um menino desse se perder de novo. Ele acredita em si, acredita em mim, e eu acredito nele, é disso que ele precisa. Se a instituição não tem dinheiro para patrocinar um cara desses aí, eu corro atrás.

(Professor de futebol)

Os filhos da praça

Os filhos da praça eram os adolescentes proibidos de exercer atividades no albergue e no Pólo Central⁵², que tinham como ponto de concentração a Praça da Igreja da Sé. Eles passavam o dia "perambulando" pelo centro da cidade. Aterrorizavam as pessoas que passavam pela Praça, e se divertiam nas calçadas da Igreja. Andavam sempre em grupo, cometendo suas infrações. Lembravam muito os **apaches** de Michelle Perrot (1992), para os quais a vida era

⁵² Existem adolescentes que são suspensos das atividades do pólo, mas podem dormir no albergue e vice-versa. No caso dos adolescentes da praça, é que eles foram proibidos de participar de atividades em qualquer dos dois.

"vagabundear" nas ruas, não procuravam outras alternativas de sobrevivência. O tempo não importava, eram *de menor, quando fossem de maior, ai iriam procurar alguma coisa* (Adolescente da Praça, 17 anos)⁵³.

Ser "filho da praça" era preciso ter vivência na praça da Sé. Conforme um dos adolescentes (17 anos),

Todo mundo do albergue era filho da praça. Todo mundo vem pra cá e fica aqui. Aqui nós é conhecido como a galera da Sé e inclui os menino aí do Pólo, do albergue, nós daqui de fora. Nós somos é irmão da rua. Foi da rua que todo mundo aqui saiu. Hoje tem uns que não dormem aqui, mas não deixam de vim aqui, não. Ninguém é inimigo. Tem deles que já viveram aqui com nós, e nós participamos do albergue e do Pólo, e de outros abrigo da FEBEM-CE. Agora eles tão na boa lá dentro, graças a Deus, que eles conseguiu e ainda é de coração filho da praça. Mas tem os que nunca viveram aqui, esses num são. São só aí do Pólo. A gente nem liga muito pra eles não. Mas também tem outros que vem pro albergue, quando o pessoal do Dentro Fora⁵⁴ traz, aí eles dorme aí uns dia, e depois ficam aqui com a gente, e vira filho da praça também.

O grupo da praça tinha uma forte ligação com o grupo do albergue, pois muitos destes já dormiram na praça da Sé, e conseguiram depois ficar no albergue.

As denominações "filhos da praça" e "filhos do Pólo", traziam em si marcas de distinção entre universos de socialização diferentes. Conforme um dos adolescentes do albergue,

A diferença é que nós de dentro temos as garantia do abrigo, e os de fora, os da praça tão sem a garantia. Talvez a gente até nem se dê bem na vida, mas no momento de agora, tem alguém acreditando que a gente pode ser diferente do que eu já fui, e já passei tendo que roubar, apanhar da polícia e de outros marginal, ter que ficar detido, não ter minhas roupa, não viajar, dormir drogado nos esgoto, feder ... isso tudo é muito ruim, eu passei por isso e sei, e não quero isso de novo. Aqui a gente não tem tudo, mas tem ao menos um pouco melhor. Outro dia mesmo o

⁵³ Além de me concederem entrevistas, permitiram que eu ficasse várias vezes na praça no meio do grupo, e até mesmo conhecer alguns becos por onde andavam e se escondiam da polícia quando cometiam infrações.

⁵⁴ O adolescente refere-se ao programa "Criança fora da rua dentro da escola", que funciona com educadores sociais abordando crianças e adolescentes que estão nas ruas e as encaminham para suas famílias. Os educadores cadastram as crianças ou adolescentes e as famílias no programa e encaminham-nos às escolas e aos abrigos, onde serão incluídos nas atividades sócio-educativas.

Fernando me pediu uma roupa pra ir pra festa, e eu emprestei com o maior gosto, por que eu tinha pra emprestar, e sei que se ele quisesse, ele mudava. Mas ele não quer, e eu não acho que ele tá errado. Mas se eu posso, eu ajudo ele, que eu gosto dele, mesmo quando ele me chama de filho do Pólo, eu gosto dele.

(Adolescente do sexo masculino, 17 anos)

O grupo da praça⁵⁵ era o modelo de inversão e negação do trabalho realizado no albergue. Era o fracasso de socialização e de reintegração, pois os adolescentes que viviam na praça já haviam passado pelos abrigos da FEBEM-CE, alguns inclusive por privação de liberdade.

Muitas vezes apedrejavam as janelas do refeitório como revolta contra a coordenação do abrigo que colocou as telas de proteção para que os de dentro não lhes dessem comida. Furaram os pneus do carro da coordenadora do Pólo, ameaçavam alguns educadores, e às vezes subiam nos muros do albergue chamando adolescentes para fora, com o intuito de atingir os educadores e a coordenadora.

Eles eram "os desordeiros, os abomináveis" para a coordenação do Pólo e temidos para a coordenação do albergue. E de certa forma serviam como modelos "negativos" de jovens. Era comum os adolescentes do albergue ouvirem dos educadores: "viram o que aconteceu com fulano?", quando algum dos adolescentes era pego pela polícia cometendo algum tipo de infração.

Os filhos da praça constituíam um grupo de adolescentes que desafiavam à coordenação do albergue e do Pólo, apedrejando o abrigo, agredindo e ameaçando funcionários, praticando infrações na Praça da Sé, eram o que Schindler (1996) definiu enquanto *tutores da desordem*. E, de acordo com Balandier,

o debate ordem/desordem é constante em qualquer sociedade; é indissociável de sua própria existência, como a de todos ser: sítio de forças, de processos, de trocas contínua mente em movimento. A ordem social se alimenta incessantemente da energia nova que a desordem providencia, mesmo que através dos fracassos, quando o equilíbrio não se refaz ou não se estabelecem

⁵⁵ Os filhos da praça tinham uma espécie de líderes, que eram os dois adolescentes referidos pela coordenadora quando me colocou a para da situação do de dentro e dos de fora.

configurações diferentes. Os dispositivos que operam a domesticação dessa energia, criados com essa finalidade, não a dominam em todas as circunstâncias.

(1997: 132)

Entre a ordem e a desordem, existiam os adolescentes em trânsito do abrigo para a rua. Estes não se enquadravam nas classificações de filhos do pólo ou filhos da praça. Gozavam dos direitos dos dois. Para eles o albergue é o lugar do descanso e da refeição, a praça é o lugar da aventura, da diversão e do perigo:

Eu fico na praça quando aqui tá chato. Quando não tem ninguém legal pra conversar. A praça é massa. Os menino de lá são doidinho e eu gosto deles. Apesar dele serem perigosos, a gente se dá bem.

(Adolescente do sexo feminino, 15 anos)

Às vezes eu venho pro albergue só pra comer. Eu não gosto das atividades e nem da hora que a gente dorme. Eu gosto de dormir tarde e aqui a gente dorme é cedo. Na rua tem é muita gente, tem festa lá na 24 de maio.

(Adolescente do sexo feminino, 16 anos)

Aqui é legal e na rua também. Mas aqui não é perigoso de madrugada. Lá fora a gente fica vendo a hora vim alguém e matar, como mataram o Charles, na base da covardia. Ele tava dormindo, veio um cara com uma menina da praça e mataram o cara. Uns dizem que ele num tava dormindo, que a menina foi chamar ele pra transar, aí o cara lá foi e matou ele na traição. A menina foi só o cheiro do queijo⁵⁶.

(Adolescente do sexo masculino, 16 anos)

Ademais, para alguns os adolescentes do albergue os filhos da praça eram espécies de mitos. E quem estivesse com eles estaria protegido: os *menino da praça protege a gente. Eles não têm medo de ninguém, e aí de quem se meter a besta com eles.* (Adolescente do sexo masculino, 15 anos)

Eles ali é quem mandam. Não tem comerciante aqui que não conheça eles. Ninguém encosta n 'agente. Numa vez a gente deu foi uma surra nuns doidinho aí da Zé de Alencar [se referindo a adolescentes que vivem na praça José de

⁵⁶ Charles foi um adolescente assassinado num local próximo ao albergue, enquanto dormia.

Alencar] *Nunca mais eles vieram frescar com a gente aqui.* (Adolescente do sexo masculino, 14 anos)

Para a coordenadora do Pólo, o fascínio que os adolescentes da praça exercem sobre os outros adolescentes é algo "perigoso", eles conseguem atraí-los mais facilmente que o próprio albergue.

Não sei o que é que eles vêm tanto na rua. Não sei que vantagem leva dormir por ai de qualquer jeito. É só por causa da droga. Aqui na praça eles conseguem bem rapidinho. Até crack já tá rolando. E o que é pior, os meninos tão assaltando tanto, eles mesmos dizem pra nós, só pra comprar crack. Não é outra coisa. Tem gente ali que eu acho que nunca mais vai entrar aqui, vai ser só da praça mesmo.

(Pedagoga)

O fato de haver alguns adolescentes morando no albergue causava certo desconforto aos que não podiam permanecer, os quais faziam sérias críticas à coordenadora do albergue:

Aqui tem os queridinhos da coordenadora, ela só faz as coisas pra eles. Quando a gente vai pedir pra ficar aqui ao menos pra dormir, ela diz logo que não dá por que a gente já foi encaminhado. E é daqui que eu gosto. Meus amigos tão aqui. La no Moacir [se referindo ao abrigo Moacir Bezerra], ninguém é amigo de ninguém. Todo mundo só quer é a caveira do outro. Agora fui transferida pra casa das meninas, e lá é bom. Ao menos não tem ninguém me encarando. Mas se pudesse ficava aqui.

(Adolescente do sexo feminino, 16 anos)

Eu gosto muito daqui, é todo mundo unido, ninguém sacaneia com ninguém. Se dependesse de mim eu morava aqui como os outros que moram aqui, e já têm dezoito anos. Mas eu não sou escolhido, e ai tenho que ir todo dia pro Moacir Bezerra. Às vezes tenho raiva e nem vou, fico aí na praça mesmo.

(Adolescente do sexo masculino, 17 anos)

No caso dos adolescentes que vivem da rua para o albergue, não há um sentimento de pertença em um grupo, há um sentimento de ocasionalidade, eles pertencem a qualquer grupo dependendo da necessidade do momento.

CAPÍTULO V

A CHEGADA DA MAIORIDADE: E AGORA?

A chegada dos dezoito anos é um dos pontos mais tensos que pude observar na vida dos adolescentes na instituição. A partir desse momento, a sua vida passa a ter um outro significado: acabou a infância, a adolescência também chega ao fim, e junto a isso a assistência prestada pelo Estado. É hora de seguir caminho sozinho, sem o aparato das FEBEMS. Eis a questão central.

A maioria dos adolescentes do albergue já tinham várias passagens em abrigos da FEBEM-CE, como já foi colocado neste trabalho, fato que cria vidas institucionalizadas, vidas dependentes da "paternidade" do Estado e da "maternidade" da FEBEM, pois mesmo tendo ainda algum vínculo familiar, no momento em que, o adolescente ou a criança se encontram em situação de risco, e a família não puder contornar a situação, é o Estado o responsável pela "guarda" desse indivíduo. Essa "guarda" é garantida somente até os dezoito anos de idade, após essa idade o jovem ou a jovem deverá seguir outros caminhos não assegurados pelo Estado.

A grande questão a respeito desse momento na vida de adolescentes egressos de instituições assistenciais do Estado é: o que fazer quando completar dezoito anos? Na maioria dos casos, os adolescentes não têm opção. Voltam para as ruas e continuam a cometer infrações. *Eles não têm para onde ir. Nós não podemos nos responsabilizar por eles a vida inteira. Então, voltam para as ruas, se não tiverem um outro tipo de aparato.* (coordenadora do albergue)

No albergue acompanhei alguns casos de adolescentes chegando ao limite desta idade e entrando na idade adulta. Por isso resolvi neste capítulo abordar a

problemática dos "dezoito anos" no albergue e como esse fator interfere na vida dos adolescentes e do grupo que trabalha com eles.

Representações e rituais dos "dezoito anos"

A legislação brasileira para crianças e adolescentes, representada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), define a idade de dezoito anos como a idade que marca o fim da adolescência, iniciando assim a fase adulta do cidadão brasileiro. O desenvolvimento descrito pelo ECA, é a garantia de direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária⁵⁷. Esses direitos são legalmente garantidos a todas as crianças e adolescentes brasileiros, sem as distinções de raça, classe social e sexo.

No interím etário que vai da infância ao fim da adolescência⁵⁸, cabe à família e ao Estado as responsabilidades sobre o indivíduo, estando este de acordo com o artigo 6º, do ECA, *em condição peculiar como pessoas em desenvolvimento*. As crianças e adolescentes brasileiros viveriam estágios de socialização para o exercício pleno da vida adulta, segundo padrões de normalização do grupo familiar, num primeiro momento, e num estágio socializador secundário, estaria a escola transmitindo os valores sociais gerais, com a função de preparar o indivíduo para a divisão social do trabalho. E, a fase adulta, iniciada aos dezoito anos, é marcada pela efetivação das práticas apreendidas no processo de socialização escolar.

Enquanto ritual de passagem, os dezoito anos marcam o nascimento da maioridade, e a morte da menoridade. De acordo com Peirano (*apud* Turner, cap.III, 1995), *a noção de 'morte' está presente em todos os ritos e é complementar à noção de 'passagem': nos ritos de iniciação os noviços 'morrem' socialmente para renascer com status adulto*. E ainda, *a noção de eficácia é*

⁵⁷ Todos estes direitos estão dispostos enquanto Lei no Artigo 4º do ECA.

⁵⁸ De acordo com o Artigo 2º do ECA, considera-se criança a pessoa com doze anos de idades, incompletos. E adolescente aquela que tem entre doze anos completos e dezoito anos incompletos.

intrínseca ao ritual, o qual é visto enquanto um ato performativo, ou seja, *tem força persuasiva~convencional*. O adulto nasce reforçando papéis sociais existentes.

Assumindo posições e ações marcadas pela seriedade e maturidade, características reconhecidas como tipicamente adultas, o indivíduo se desliga do mundo adolescente, caracterizado socialmente como o mundo das irresponsabilidades legítimas, das ações impulsivas, e das inversões de valores já existentes. Ou seja, os papéis sociais se transpõem de ambiente de maneira radical (DAMATTA, 1990: 65) em um mesmo indivíduo.

Somando-se à mudança de papéis, aos dezoito, é obrigatório a retirada de vários documentos de identidade: título de eleitor, carteira de identidade, carteira de trabalho, CPF⁵⁹. Esses documentos simbolizam uma concepção da afirmação de ser cidadão para o cumprimento de deveres e garantia de direitos no Brasil.

É também aos dezoito anos que os jovens do sexo masculino prestam o serviço militar obrigatório, com o intuito de servir à Pátria. Permanecem por um ano servindo a uma das forças militares - Exército, Marinha ou Aeronáutica, aprendendo táticas militares de guerra, mantendo poucos contatos com o mundo civil. Os que não estão aptos ao serviço militar, recebem um documento chamado Carteira de Reservista, ou seja, um comprovante de dispensa do serviço militar. Esse documento é de porte obrigatório para os homens.

Há ainda a concepção de liberdade que os dezoito anos trazem para o adolescente dos preceitos e das regras familiares, quando este pertence a um grupo familiar de costumes conservadores, ou mesmo limitadores de ações e comportamentos ligados "à onda jovem", por exemplo: fumar, beber, formação de turmas, freqüentar locais como boates e bares, etc. Esse tipo de liberdade é assegurado pelo sentimento de independência que a idade adulta induz ao adolescente, que "só pensa em trabalhar para ter a sua própria vida", jargão muito

⁵⁹ O título e a carteira de identidade poder ser retirados antes mesmo da idade de dezoito anos. E a carteira de trabalho também, nos casos de trabalho com carteira assinada, o que vem a dar uma outra conotação no tocante a garantias.

utilizado entre os grupos adolescentes como um sentimento de revolta contra os limites da sua idade⁶⁰.

Enfim, os dezoito anos têm em seu significado a inserção do indivíduo em linhas de sociabilidade definidoras de uma nova identidade social, a qual o edificará numa densa rede de relações sociais mais potencializadas de determinações mais normativas, pois nós sempre somos preparados para nos tornarmos adultos responsáveis e promissores, úteis ao mercado de trabalho.

A maioria dos "di menor"⁶¹

No universo de significações dos dezoito anos, é possível dizer que é uma idade que não chega da mesma forma para todas as pessoas. Fazendo a análise dessa idade entre jovens de classes sociais diferentes, teremos, possivelmente, uma diversidade de representações pautadas nas condições de vida dos indivíduos, seus *habitus* (BOURDIEU,1998), enfim suas socializações que são diferentes e marcadas pelas condições específicas de cada grupo social.

Um jovem de classe alta terá, por exemplo, uma educação voltada para o reconhecimento social, desde que seus objetivos de realização pessoal sejam privilegiados. Enquanto os jovens das classes populares terão uma educação diretamente voltada para o mercado de trabalho, conseqüentemente, terão dificuldades na realização de seus objetivos de realização pessoal. Além do que o sistema educacional oferecido para os menos abastados socialmente é bastante precário.

Os adolescentes "de rua" têm sérias razões para pensar no que acontecerá com suas vidas a partir do dia em que completarem dezoito anos.

⁶⁰ Alguns desses dados foram constatados numa pesquisa realizada em Fortaleza no ano de 1998, pelo Laboratório de Estudos da Violência – LEV/UFC, em conjunto com a UNESCO, enfocando as representações dos jovens de Fortaleza sobre cidadania, violência e valores sociais, evidenciando a família, a escola e o trabalho, como valores sociais importantes para tal grupo.

⁶¹ Esse termo foi escrito na minha agenda por um adolescente do albergue que se aproximou muito de mim. Escreveu esse termo na folha da agenda que marcava a data de seu aniversário, justamente quando completou dezoito anos, desta forma: “deixei de sê um di menor”

Essa idade é um elemento passível de receios para os adolescentes que vivem em abrigos da FEBEM, pois é a idade limite para receberem os benefícios garantidos pelo Estado, conforme o ECA.

No período em que realizei a pesquisa no albergue vi diversos adolescentes entrarem em verdadeiro desespero por estarem atingindo à maioridade. Esse desespero se travestia em depressões, ataques dos adolescentes aos educadores e coordenadora, retorno à rua, e até mesmo um suicídio.

A dimensão das conseqüências da maioridade para os adolescentes do albergue era a dimensão do desprotecionismo institucional ao qual se acostumaram em virtude das diversas passagens por abrigos. Muitos deles tinham família, porém não voltavam mais para casa, adquiriam o que Hélio Silva e Cláudia Milito (1995) chamaram de "o vício da rua pra instituição".

Dentro do abrigo todo mundo é "menor", construção do Código de Menores de 1927⁶², que apesar do aparelho judiciário e das instituições de proteção às crianças e adolescentes brasileiras terem feito um grande esforço para mudar o termo, utilizando denominações que diminuem o sentido pejorativo da condição da criança e do adolescente, eles mesmos se auto-denominam assim: *Aqui todo mundo é de menor. De maior aqui só as tia, os educador, e os policial. Nós aqui como é de menor, da FEBEMCE.* (adolescente do sexo masculino, 17 anos).

A fala do adolescente deixa rastros de interpretações que nos remete a definir o "de menor" enquanto um "bem" da FEBEM-CE. E é enquanto um "bem", que ele se mantém na instituição. Aos dezoito anos o adolescente perde a sua patente de assistido, ou de "de menor", e segue caminho. O que acontecerá com ele, ninguém sabe ao certo, pois a marca "de menor" ultrapassa os limites da idade, e ela definirá em muitos casos, o destino desse indivíduo, que tem em sua trajetória a socialização na delinqüência e a rua como um *espaço público de realização da existência pessoal* (ADORNO, 1993: 201).

O estado emocional dos adolescentes foi o que mais me chamou atenção, dando continuidade ao que frisei num parágrafo acima. A tensão provocada pela

⁶² Sobre o Código de menores de 1927, ver: PILLOTI F. & RIZZINI, I. **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil.** Rio de Janeiro: Instituto Interamericano del Nino/Editora Santa Úrsula/AMAIS livraria e editora, 1995.

possibilidade falta era o que mais preocupava cada um dos adolescentes. Então se criava um ambiente de conflitos entre alguns adolescentes e o corpo técnico do abrigo devido à responsabilidade que os assistidos colocavam na instituição em alocá-los. Como falou um dos adolescentes no dia de seu aniversário,

Aniversário pra gente, não tem festa, não. Tem só os menino frescando aí com a gente, mas é só isso mesmo. E esse é o pior aniversário da minha vida. Nunca queria chegar nessa idade. Eu não tô feliz, não. Se eu fosse rico levava todo mundo daqui pra comemorar. Um dia vou ser mas hoje é dia de tristeza.

(Jovem do sexo feminino, 18 anos)

Ao ouvir isso lembrei de uma crônica de Rubem Alves sobre aniversários. Na crônica ele dizia que cada pessoa ao invés de apagar velas pela data, deveria acender uma vela por mais um ano de vida que nasceu. Fazendo uma analogia ao relato do adolescente, a crônica de Rubem perdia o encanto, pois naquele momento era como se a vida estivesse se apagando para ele. O aniversário não era vida, era morte.

Uma noite, quando adentrava as dependências do abrigo, me deparei com um adolescente ameaçando invadir a sala da coordenadora se ela não abrisse a porta para ouvi-la. Ele gritava e chorava, chamando a atenção dos outros adolescentes e dos educadores que tentavam acalmá-la. Nesta mesma noite ele saiu do abrigo e dormiu na praça. Conseguiu cola com os adolescentes que ficavam fora do abrigo, e só retomou dois dias depois, quando então a coordenadora conversou sobre um emprego que havia arranjado em uma padaria para ele. No dia seguinte foi à padaria e conseguiu ficar no emprego. À noite conversei com ele sobre o ocorrido, e ele justificava sua ação com as seguintes palavras:

Tia eu fiquei desesperado. E ninguém tava nem aí pra mim. Fiz os curso tudinho e quando é agora na hora que eu preciso deles: nada. Eu sei que ninguém tem culpa de eu ser daqui, mas na hora da gente ir pros canto aí (se referindo a participação em campeonatos de futebol), a gente é o melhor possível. Dá orgulho pra todo mundo e na hora do emprego, ninguém se lembra de nós.

A solução de imediato encontrada pelo albergue foi a de permanecer com os ex-adolescentes por um período de seis meses, além do permitido pelo ECA, e tentar colocá-los em empregos, que condissessem com as suas qualificações. Medida já tomada com a adolescente que faço referência no primeiro capítulo, e que deu origem ao Projeto Egressos, que serviria para beneficiar especificamente os oito já mencionados. Pois segundo a pedagoga,

o nosso objetivo é com a criança e o adolescente até dezoito anos. Após os dezoito anos não é mais da nossa competência. Os jovens adultos egressos desses projetos sociais é outra questão ... As vezes os meninos que não conseguem se tocar, e serem tocados pelos encaminhamentos, pelas oportunidades e diversas alternativas que a gente coloca pra eles, às vezes ele se transformam em pares de rua (moradores de rua).

Táticas de sobrevivência dos "di maior"

No capítulo anterior descrevo e analiso as diversas estratégias do abrigo para desviar os adolescentes da marginalidade. No presente capítulo, analiso o momento em que se tornam maiores de idade, e vão sendo aos poucos obrigados a elaborarem as próprias táticas de sobrevivência.

Segundo Certeau (1996), as estratégias seriam ações executadas com um planejamento, exigiria unia certa manipulação das relações de força, *que se torna possível a partir do momento em que o sujeito de querer e poder (..) pode ser isolado* (p.99). As táticas seriam ações planejadas, porém o sujeito não á autônomo, é astucioso, ou seja *aproveita as ocasiões e delas depende* (p: 10 1). Assim, a estratégia estaria mais ligada a um postulado de poder, enquanto a tática seria determinada pela ausência de poder, e pelos tipos de utilização, manipulação e alterações deste: as "maneiras de utilizar", criando uma pluralidade de efeitos imprevistos.

Dos oito adolescentes que acompanhei nas tentativas do abrigo em ressocializá-los, tive a oportunidade de continuar trabalhando diretamente com

seis, pois permaneceram no albergue por seis meses após terem completado dezoito anos. Os outros dois foram embora tão logo aniversariaram.

Os que foram embora:

Um dos rapazes tornou-se músico profissional, por influência de um educador que o ensinou a tocar teclado nos finais de semana em sua casa. Esse educador fazia serestas em churrascarias da cidade e passou a levar o adolescente para tocar e cantar com ele. A afinidade entre os dois foi tamanha que o educador, já não trabalhando mais no abrigo, continuou o trabalho de músico com o adolescente. E quando o adolescente completou dezoito anos, o ex-educador tratou de ajudá-lo, conseguindo para ele uma casa, além de lhe presentear com um teclado para fazer seus próprios shows. Certa vez, estava passando em frente a uma churrascaria no bairro em que moro e para minha surpresa o vi se apresentando, e ele me afirmou estar bem, pois já ganhava seu próprio dinheiro, tinha sua casa e não se envolvia mais com drogas.

O outro rapaz que logo foi embora, partiu de modo repentino, como me afirmaram os educadores e um dos seus companheiros. Eu não o vi indo embora, na verdade nem lembrava da data do seu aniversário. Tudo o que sabia é que era natural de Brasília, e havia passado por privação de liberdade. Na sua ficha de identificação não constava o nome dos pais, pois dizia ter sido abandonado ao nascer, e viver desde cedo nas instituições, e a causa da privação na ficha era assalto à mão armada. No entanto, segundo os educadores, no dia em que completou dezoito anos, se dirigiu à sala da coordenadora e lhe revelou coisas sobre sua vida, que até então ninguém, no abrigo, sabia. Ele revelou ter pais vivos e morando em Brasília, e que havia sido preso por ter morto à bala o assassino de sua namorada, a qual foi assassinada como alvo de vingança por dívidas dos dois com traficantes de drogas. Cumpriu sua reclusão e fugiu para Fortaleza. Chegando em Fortaleza ficou perambulando nas ruas, conheceu os meninos da

Sé, e foi como teve acesso ao albergue. Após fazer essas declarações para a coordenadora, se dirigiu ao dormitório masculino, pegou uma mochila de um dos seis companheiros de quarto organizou seus pertences, falou com alguns educadores e colegas, se despediu da coordenadora e foi embora, *sem deixar rastro*, como afirmou uma adolescente com quem estava "ficando"⁶³.

Os que permaneceram:

Aos que permaneceram no albergue, foi dado o prazo de seis meses para que a instituição os inserisse no mercado de trabalho, e a partir de então seguissem suas vidas com ou sem o apoio familiar. Desse momento em diante, não mais poderiam freqüentar o albergue.

Durante os seis meses, além de dormirem no albergue, puderam participar das atividades esportivas e das festas. Até por que, com exceção de um rapaz e da moça, os outros quatro praticavam esportes. Eram jogadores de futebol e praticavam atletismo.

A única moça do grupo, foi encaminhada para trabalhar com o Grupo de Apoio e prevenção à Aids (GAPA). Sua função seria auxiliar os membros do grupo nas palestras de esclarecimento e conscientização sobre sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis (DST's), que davam em diversas instituições públicas e privadas. O próprio albergue era um local onde o GAPA atuava. E foi através do trabalho desenvolvido pelo GAPA no albergue na forma de oficinas, que a jovem foi escolhida para trabalhar com o grupo, devido à sua atuação de desenvoltura. Ela sempre perguntava bastante sobre os assuntos explorados, ajudava os orientadores na execução de dinâmicas, e dizia ter o sonho de fazer um trabalho de conscientização como o dele.

⁶³ Termo usado pelos jovens para designar a fase compreendida entre a paquera e o namoro.

Foi então que o coordenador do grupo a convidou para trabalhar com eles auxiliando nas palestras e oficinas que davam. Ela seria a ajudante dos palestrantes como fazia nas oficinas do albergue, distribuindo folders, fazendo demonstrações dos métodos de prevenção, monitorando vídeo, cartazes, enfim, faria a parte mais prática das palestras.

E isso serviria como um treinamento para se tornar uma das palestrantes do GAPA, aproveitando da boa dicção que tinha, além de saber ler bem. Pelo trabalho receberia um salário mínimo e vales transportes.

Ela ficou por dois meses no GAPA, e durante esse tempo, conforme me informou, não realizou nenhum trabalho, e também não recebeu salário. Decidiu então sair do GAPA, e do albergue, voltando para a casa da mãe, com quem tinha conflitos pelo fato de ser homossexual e a mãe não aceitar,

Eu só vivo na FEBEM por que a minha mãe não gosta de mim, pelo jeito que eu sou ela não aceita. Mas aceita a minha irmã com uma penca de filho pra ela criar, e meu irmão que é maconheiro, envolvido com traficante da pesada, lá nas quebrada da Barra [Bairro Barra do Ceará]. Tem uma mulher lá que quer me matar, e eu tenho medo de voltar pra casa. Na última vez que fui ela puxou faca pra mim e eu fui dormir num quarto véi da minha mãe, lá perto do matagal Eu gosto de mulher e a minha mãe não quer isso em mim. Ela me expulsa de casa toda vez que eu arranjo namorada, mas eu gosto, o que é que eu posso fazer? Eu queria alugar uma casinha, um quartinho pra mim, mas o emprego que arrumei não me pagou.

Dois meses sem salário e sem fazer nada praticamente. O GAPA, era legal nas oficinas do albergue, mas lá não foi legal Ainda bem que eu sou do hip hop, e eles tão planejando uns shows aí e querem me levar pro Rio de Janeiro e pra São Paulo. Acho que vou viver é de música, hip hop. Desde quando completei dezoito anos, nunca mais a minha vida foi a mesma. Nunca mais dormi direito, tia. Olha Dio, a gente que já foi menor, é que sabe o peso de levar não na cara. No dia depois que saí do GAPA, eu mesma fui atrás de emprego pra num vim aqui pedir pras coordenadoras do Pólo, eu fui numa loja lá na Tristão Gonçalves e a mulher disse que eu mesmo que não ia me empregar ali só por causa do meu jeito assim trancado. Eu olhei pra ela e desejei que ela tivesse sempre o empreguinho dela, por que ela tava ali hoje, mas amanhã podia não tá, e pela cara dela, ela tinha filho pra criar. Eu ... eu não. mas agora vou voltar pra casa da mãe, e seja o que Deus quiser, aqui já era, eu não posso mais ficar não.

(Jovem, 18 anos)

Após essa conversa (gravada) que tivemos, nós nos vimos poucas vezes, e nos falamos várias vezes por telefone. Mas era ela sempre quem ligava pra mim, e na última vez que ligou me falou que estava trabalhando numa fábrica, não lembro de quê, e estava morando no quartinho "véí" que pertencia à sua mãe com uma namorada. Estava bem. Estava feliz. A última notícia que tive a seu respeito é que continuava trabalhando, e com a mesma namorada, mas morando com a mãe.

Dos cinco rapazes, quatro trabalharam no Pólo durante os seis meses recebendo uma bolsa de meio salário mínimo, e um foi trabalhar numa padaria como forneiro, e saiu do abrigo ainda neste emprego. Foi morar com uma irmã, pois não tinha mais pais, e hoje se encontra amaziado com uma ex-educadora do albergue.

Os outros quatro, permaneceram como funcionários do Pólo, porém recebendo a mesma bolsa que recebiam nas atividades profissionalizantes, e com as mesmas funções. Quando saíram, um foi trabalhar no IPEC, um órgão público Estadual, como ajudante geral, uma espécie de "office-boy". Este emprego ele conseguiu através de uma senhora que ele afirmava ser sua madrinha, e que mantinha contato com ela sempre. Também conseguiu moradia, num pequeno sítio, que pertence à mesma senhora, em um bairro um pouco afastado do centro, em troca da guarda do local no período da noite. Durante o dia trabalha no IPEC (Instituto de Previdência do Estado do Ceará), e à noite toma conta do sítio da madrinha. É o único que continua estudando.

Dos três restantes, um vive como garoto de programa. E depois que deixou o albergue já viajou para a Europa com um homem que ele me disse ser seu "protetor". Está morando num apartamento no centro, e complementa sua sobrevivência vendendo vale transporte nos pontos de ônibus do centro, e quando não consegue programas, ajuda alguns donos de bares da Praia de Iracema, na parte de limpeza. É ele que me dá informações sobre os outros jovens, pois sempre que pode, me faz visitas. Anda muito pelo centro da cidade, e de vez em quando encontra com seus companheiros de albergue.

Os outros dois se tornaram moradores de rua. Um vive aos redores da Praça da Sé juntando papelão nas ruas para vender aos depósitos de reciclagem; o outro voltou a roubar e a se drogar, não encontrando outra alternativa de vida.

A maioria também se apresentava enquanto problema para os "filhos da praça". Um deles, relatou-me o seguinte:

Eu não sou mais do Pólo, mas aí tem gente que só quer é prejudicar a gente. Eu também sei das minhas coisa, e sou assim mesmo [se referindo ao fato de ser considerado "barra pesada" e ser temido pelos outros adolescentes]. Mas eu sei que isso não é bom pra mim mesmo, por que quando eu completar dezoito anos, a polícia não vai perdoar nada que eu fizer. Então eu sempre peço à tia Celina⁶⁴, a coordenadora do albergue, pra me dar uma outra chance. Tem muita gente na minha cola, ela sabe disso. Mas ela disse que gosta de mim e que vai me ajudar se eu melhorar. O pior é que quando eu tá conseguindo, parece que o cão atenta e eu volto a apatolar⁶⁵ as coisas dos outros, a cheirar cola, fumar maconha. Dia, eu não sei o que é que vai ser de mim daqui a uns dois anos. Eu num sei nem d'amanhã ... Eu queria mudar, ser como a minha irmã⁶⁶, que todo mundo dá chance a ela. A minha mãe, ela é uma santa, sempre diz que a minha irmã vai ser alguém na vida, e eu nunca vou passar de marginal. Mas eu não tenho raiva nem da minha mãe, e nem da minha irmã. Eu sei como é que eu sou. Só que eu tenho medo de continuar assim e ir baixar lá no IP P S ou no IPPOO [Presídios para adultos do sexo masculino]. Já fui pro São Miguel e pro D. Bosco, mas consegui sair na boa, por que num tem esse negócio, quer dizer, tem a lei do mais forte, mas não é como no IPPS, que a negrada mata e o cara pra sair de lá tem que fugir. Os menino é que fizeram certo, quando viram que na rua não tinha futuro, foram mudar de verdade, e agora tão aí na boa. Minha vida de adolescente já morreu ... e a de adulto num sei nem se vai prestar pra alguma coisa.

(Adolescente do sexo masculino, 17 anos)

O relato é uma espécie de auto-análise que o adolescente faz, apontando principalmente os aspectos negativos de sua vida. A sua disposição para a delinqüência, a força de vontade de sua irmã, a previsão da mãe, que se toma uma pessoa sagrada para ele, o reconhecimento de que os adolescentes, os

⁶⁴ Nome fictício.

⁶⁵ Roubar.

⁶⁶ Era uma das adolescentes do albergue. Ela tinha 16 anos e foi encaminhada para outro abrigo, o Moacir Bezerra, e depois para a Casa das Meninas. Ganhava bolsa de trabalho e participava do curso de cabelereiro. Praticava atletismo e fazia um curso de teatro aos sábados, no Teatro Boca Rica, na Praia de Iracema.

quais em outro momento ele mesmo chama de "filhos do Pólo", estão certos em aceitar a disciplina como meio para evitarem as instituições prisionais no futuro, enfim, elementos que o fazem sentir-se na contra-mão do que gostaria de ser, determinam a seu ver, que seu destino é algo indefinido, sem projeção. Ao mesmo tempo fala em medo de ir para as prisões tendo em vista a violência de dentro dessas instituições, é um sentimento estranho como uma espécie de previsão do que lhe aconteceria. Os "campos de possibilidades" (VELHO, cap.II, 1994a), para ele estavam mais propícios para a delinqüência que para outras alternativas. E suas estratégias de sobrevivência circulavam em torno das infrações. Daí seu futuro se projetar nas instituições prisionais.

Um outro caso de "filho da praça" muito intrigante foi o de um adolescente que cometeu o suicídio, mesmo antes de completar os dezoito anos. Quando iniciei a pesquisa ele dormia no albergue, e fazia parte de um projeto da Secretaria de Ação Social do Estado⁶⁷ junto ao corpo de bombeiros, na tentativa de profissionalização e ressocialização dos adolescentes através da disciplinarização militar. A prefeitura de Fortaleza desenvolvia um projeto similar promovido em conjunto com o Exército. Mas, voltando ao adolescente, ele foi o primeiro com quem fiz entrevista no albergue. Eu fiz o convite para a entrevista e ele aceitou sem nenhuma resistência. E meu interesse nele era por estar passando por uma disciplinarização militar, o que não acontecia com os outros. E isso o diferenciava tanto em nível de preparo prático, como em nível de pensamento. Ele era muito rígido e ordeiro, além de se destacar por sua compleição física: era alto, forte, corpo talhado pelos exercícios de treinamento. Mas seu estágio no corpo de bombeiros chegou ao fim, por estar com um desempenho bem menor nos exercícios físicos. Recebeu por isto uma suspensão, e daí foi faltando no estágio, até que abandonou por completo. As suas faltas eram sempre justificadas por uma dor de cabeça forte e tonturas que sentia quando praticava os exercícios. Me disse ter avisado seu superior das tonturas logo que começou a senti-las, mas o superior não deu ouvidos.

⁶⁷ Tudo o que sei sobre esse projeto é baseado nas informações dos adolescentes, pois por pura distração não investiguei mais a respeito.

Então num final de semana, sentindo dor de cabeça, resolveu "pegar um baseado" para aliviar. Aliviou a dor, e passou a fumar um "baseado" sempre antes de ir pro quartel, até que foi descoberto e retirado do projeto.

Depois que saiu do corpo de bombeiros, passou pouco tempo no albergue. Pois foi proibido pela coordenadora do Pólo, de participar de atividades do Pólo e do albergue devido ter tentado agredi-la e ameaçá-la de morte, numa tarde quando entrou no abrigo drogado, e a coordenadora pediu aos policiais que o retirassem quando iniciava uma briga com um dos adolescentes que estavam trabalhando. A agressão à coordenadora foi cometida após a retirada do adolescente do abrigo, no final do expediente quando ela se dirigia ao seu carro já do lado de fora. A partir desse dia, passou a dormir na praça e alguns meses depois, veio a cometer o suicídio por enforcamento no seu próprio quarto num dia de natal, um dia após seu aniversário de dezessete anos.

A coordenadora do albergue considerou o acontecido como *um momento de desespero. Ele não via mais nenhuma saída*. Os adolescentes do albergue e os da praça ficaram muito chocados com o acontecido.

Quando fiz entrevista com ele, as duas maiores preocupações eram com o seu vício, e com a maioridade, coisas que estão a seu ver bem ligadas:

Eu tenho dezesseis anos de idade. Tenho vários cursos de aprendizado. Tenho, como eu já tive muita oportunidade que toda pessoa tem muita oportunidade. De certa maneira, mesmo a gente quando passa pelo uma faixa de dez anos abaixo, a gente fica dispensando as oportunidades que vêm. A gente fica deixando pra lá por que vem a brincadeira. Mas quando chega os quinze anos pra cima, quando chega a oportunidade, a gente tem que agarrar. Se não agarra, se a gente perde a oportunidade, da fé a gente não vai ser nada ... Eu tô levando, como eu tô falando, aqui eu levando essa minha vida pra quando eu chegar a di maior. Quando eu chegar a di maior, eu vejo várias pessoas dizendo: a pessoa que era drogado, quando chega a di maior fica desprezado. Eu não quero .ficar desprezado, eu quero trabalhar, seguir minha profissão. Certo que eu sou analfabeto, mas eu quero. Aliás eu só sei ler e escrever, mas estudo alto eu não tenho ... Frequentei uma escola e tudo, mas o vicio batia. Eu ia pra escola, e o vicio da droga batia e eu tinha que tomar aquela droga, e ainda hoje eu sou perturbado da cabeça. O meu ouvido esquerdo não ouve direito por causa das drogas Minha cabeça é só o oco ... Na minha idade se eu tiver que namorar, é só quando eu tiver numa boa

vida. Com casa, dinheiro no bolso, trabalhando, com tudo, com tudo. Não basta ter uns quatro tijolos, quatro telhas e um palmo de terra. Eu quero construir uma família, ter mulher, filhos e assumir uma responsabilidade como homem.

Nesta entrevista ele ainda conta que já havia tentado o suicídio por conta das drogas, quando viva em outro abrigo da FEBEM-CE: *No Moacir Bezerra eu quis me suicidar se não um menor não me segura se não segurasse, eu tinha me tacado em cima do ferro ... Eu me drogava muito.*

No abrigo, o suicídio desse adolescente repercutiu de forma negativa, foi colocado como mais um modelo de *fracasso de vontade, tanto da parte dele, como da parte da instituição* (Educador).

Entre os adolescentes o sentimento que pairava era a preocupação com o "vacilo", o abandono das atividades do Pólo, causado pelo consumo de drogas: *Ele vacilou muito. Perdeu todas as chances. Vacilou!* (Adolescente do sexo masculino que vivia na praça, 17 anos).

A droga matou ele. Ele ficou ai vacilando na praça, e ela acabou com ele. Eu não quero isso pra mim. (Adolescente do sexo feminino, 17 anos).

A maioria trás em si a possibilidade de uma reforma na vida de cada adolescente, como nos mostra os depoimentos acima. Porém eles nem sempre dão certo como deveriam. Também podemos perceber que o trabalho é o pano de fundo do tema. Pois o trabalho *é um elemento legalizador e, ao mesmo tempo normalizador de comportamento, introjetado como desviante* (BARREIRA, 1998: 105).

É o trabalho que dará o reconhecimento social aos adolescentes e será o organizador da vida social, dando significado à vida e ao tempo, indo além de sua visão instrumental, como verificamos no depoimento de um dos adolescentes acima.

O simbolismo do trabalho é significativo para a garantia do viver bem, "ser de bem". Tanto para os adolescentes do albergue como para os da praça é um valor considerado de forma evidente, e traveste enquanto tática para se abrirem

os "campos de possibilidades", que conforme Gilberto Velho (op. cit.), seria a viabilização de realizações individuais que dependem de interações com outros indivíduos. Para além do discurso de reprodução das imposições institucionais, estaria em xeque a própria condição social de existência de um egresso da FEBEM-CE.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Descrever o albergue enquanto um espaço onde regras são exercidas dá margem a entendê-lo também enquanto um espaço de interações múltiplas entre os seus integrantes. Falar em interações significa falar em relações e trocas simbólicas existentes no interior do abrigo com algumas diferenciações que demarcam um nível de proximidade, e mesmo, autoridade entre os adolescentes e o corpo técnico: adolescentes-coordenação, adolescentes-educadores, adolescentes-pedagoga, adolescentes-policiais. Cada um desses pares tem uma diferenciação própria a partir dos seus significados e presença no cotidiano dos adolescentes.

Os educadores e a pedagoga, não tendo o mesmo poder de autoridade que a coordenadora, mantêm uma relação permitida pelos adolescentes de maior aproximação, e em alguns casos de intimidade. Enquanto os policiais são os "objetos" de maior rejeição para os adolescentes, pois são símbolos de repressão: *a gente fica sempre com o pé atrás com os policiais*, (Adolescente, sexo masculino, 17 anos). A coordenadora sempre passível de ser "amada" ou "odiada" quando se faz presente e voz dos adolescentes, ou quando não se priva de negar pedidos e concessões aos adolescentes.

É possível dizer que mesmo sendo o albergue um espaço de regime aberto a lógica da obediência se dispõe enquanto um valor social básico do abrigo. Embora a execução desse processo seja algo que gera uma divisão de opiniões entre os próprios educadores do abrigo, quando uns acham que o regime aberto só dá margem para a continuidade do adolescente nas ruas, e outros já o vêem enquanto a melhor maneira de conquistá-los, deixando-os à vontade nas suas escolhas, *podendo assim experimentar e desenvolver o que é melhor para eles* (Educador).

No que tange às atividades sócio-educativas, as oficinas de saúde e sexualidade e as de hip hop provocavam um maior interesse a nível pessoal para os adolescentes. As oficinas de saúde e sexualidade por corresponder a interesses de cunho íntimo, de descoberta do corpo, de sensações que eram

verbalizadas sem maiores considerações no grupo de adolescentes, mas nas oficinas ganhavam um tom de importância e sentido para os adolescentes, como por exemplo, sentir prazer, ou mesmo saber como ocorre o processo de fecundação.

Todas as questões a respeito do que sentiam e faziam eram de grande valia tendo em vista a valorização do corpo e às práticas não conhecidas da sexualidade acarretadas pelo desconhecimento. Além de sérios riscos que corriam, devido ao aparecimento de adolescentes portadores de HIV⁶⁸.

As oficinas de hip hop, tinham o seu cunho de importância principalmente por enfatizar o trajetória de exclusões dos adolescentes enquanto mote para a sua própria conscientização. Eles utilizavam os próprios códigos de socialização nas ruas para montarem as suas reflexões, diferente das outras atividades que colocavam sempre algo externo da vivência dos adolescentes. O hip hop trabalhava com a linguagem própria das ruas, ou seja, uma linguagem não-rebuscada, com constante uso de gírias e frases de efeito como *vamo detonar essa sociedade fodida ai, mano* (integrante do hip hop).

Ainda é possível dar destaque à abertura que o hip hop dava para a criação de raps. Os adolescentes podiam dentro de seus limites de conhecimento compor os seus raps, as suas *músicas, fazer o que a cabeça manda e o coração sente* (adolescente, sexo masculino, 16 anos). Isso dava margem para momentos de reflexão do adolescente sobre a sua própria vida, pois as letras de rap sempre evidenciam a história da marginalidade de jovens pobres, aspecto não trabalhado em outras atividades sócio-educativas, que ao contrário os distanciava de suas próprias vidas com o objetivo de *esquecer* a rua, de colocá-la como o "lado negro" de suas histórias.

A análise da chegada à maioridade é o que concentra as maiores possibilidades de inquietações encontradas no abrigo, pois é com esse "marco etário" que se faz forte as promessas do campo da ressocialização: a transformação das subjetividades, o espaço das escolhas (quem quer ficar no albergue - os de "dentro"; quem quer ficar de "fora" do albergue) e as

⁶⁸ Esse dado foi recolhido de fonte não oficial, que pediu para não ser identificada.

conseqüências acarretadas. No caso dos adolescentes do albergue, quem ficou de "dentro" - os filhos do Pólo - teve algumas alternativas para escapar do legado à marginalidade. Os que ficaram de "fora" seguiram o "legado da marginalidade", de forma que inicialmente serviram como "modelos negativos" para os que escolheram seguir o caminho da ressocialização. Posteriormente, já maiores de idade, tive notícias de um no Instituto Penal Professor Olavo Oliveira (IPPOO), preso por assalto a uma loja em Fortaleza. Era como se o destino estivesse se cumprindo da forma como um deles ainda enquanto adolescente me falou: *Eu sei que não vou ter muito tempo na rua, ou vão me prender, ou vão me matar. Assim eu prefiro ficar aqui do lado de fora.* (Adolescente que vivia na Praça, do sexo masculino, 17 anos).

Os adolescentes que optaram pelo albergue foram capacitados para o "mundo do trabalho", mas devido ao baixo nível de escolaridade que tinham, nenhum havia concluído o ensino Fundamental, tiveram que optar por empregos "desqualificados", e com baixos salários, mesmo com os certificados comprovando a "qualificação" em cursos profissionalizantes. No momento em que estão se profissionalizando, os adolescentes tecem sonhos, planejam se casar, ter filhos, viajar, enfim, fazem projeções para um futuro tentando se compensarem com as garantias do emprego. Sonhos e ambientados na instituição, onde passaram o maior tempo de suas vidas e onde estão seus maiores referenciais: alegrias, tristezas, prazeres, sofrimentos.

A história do assistencialismo brasileiro para crianças e adolescentes pobres, é uma história de violências. O Estatuto (ECA) nasce para sanar essa história, no entanto tornou um elemento de crítica social devido às novas práticas ressocializadoras que impunha. É comum ouvirmos das pessoas que o ECA só serve para "proteger mirim"⁶⁹. Bem verdade que o índice de criminalidade entre jovens aumentou nesses últimos dez anos. Entretanto, é justo afirmar que as oportunidades para essa categoria de jovens não, também minguaram.

⁶⁹ Denominação pejorativa que os fortalezenses usam para designar crianças e adolescentes em situação de rua.

A sociedade foi se desenvolvendo, e o Estado, enquanto "tutor" dos pobres, não oferece um programa de desenvolvimento para os jovens carentes como determina o ECA. Zaluar (1994c), diz ser muito mais fácil e sedutora a vida de bandido, onde os "lucros" são imediatos. A mesma coisa me dizia um dos adolescentes que vivia fora do albergue. Os que conseguiram se render à instituição também têm consciência disto. Porém, apostaram em projeções diferentes de vida. Alguns estão indo "bem", outros não. E o dilema das "marcas" de suas vidas continuam nos Institutos penais da vida. Apesar desse pesar, um dos adolescentes que "morava" no albergue, me afirmou ter sido a rua o melhor lugar que já viveu.

E mesmo dando por finalizada a pesquisa, continuei mantendo contato com alguns dos adolescentes do albergue, com a preocupação de saber o que estão fazendo de suas vidas, já que não têm mais a FEBEM-CE. Posso até dizer que não concluí a pesquisa, apenas deixei de ir ao albergue.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Rubens de Camargo F. **Crianças e jovens em trânsito para a rua:** um cenário urbano. São Paulo, s/d, mimeo.
- ADORNO, Sérgio. A prisão na ótica dos seus protagonistas: itinerário de uma pesquisa. **Tempo Social**. Rev. de Sociologia da USP. São Paulo, v. 03, n. 1-2, pp. 07-40, 1991.
- _____. A experiência precoce da punição. In: MARTINS, José de Souza (Org.). **O massacre dos inocentes**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1993.
- ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon. **Instituição e poder**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- ALVES, Alba J. (Org.). **O trabalho e a rua:** crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80. São Paulo: Cortez, 1991.
- ALVES, Rubem. **Sobre o tempo e a eternidade**. 6 ed. São Paulo: Papyrus; Campinas: Speculum, 1995.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 5ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BALANDIER, Georges. **A desordem:** elogio do movimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BARREIRA, César. **Crimes por encomenda:** violência e pistolagem no cenário brasileiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- BARREIRA, C. et all. **Ligados na galera:** juventude, cidadania e violência em Fortaleza. Brasília: UNESCO/FUNUAP/Fundação Demócrito Rocha, 1999.
- BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. **Poder Simbólico**. 2 ed. Rio de Janeiro: Difel, Bertrand Brasil, 1998.
- _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre (org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.
- CADERNOS DE SOCIOLOGIA: Metodologia de pesquisa. Porto Alegre, v. 03, n. 03, jan-jul, 1995.
- CEARÁ, Secretaria de Trabalho e Ação Social, fundação e Bem Estar do Menor – FEBEM-CE. **Proposta de atendimento sócio-educativo às crianças e adolescentes do albergue**. Fortaleza, 1995.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 2 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.
- COELHO, Marcelo. **Adolescentes sofrem de idiotia profunda**. Folha de São Paulo, 25 de out., 1995, c. 05, p. 09.
- COHEN, A. A delinquência como subcultura. In: BRITO, Sulamita de (Org.). **Sociologia da Juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, v. 03, pp. 133-146.
- COSTA, Antônio Carlos G. **De menor a cidadão**. Cartilha do Ministério da Ação Social. s/d.

DAMASCENO, Francisco José G. **movimento hip hop organizado do Ceará/MH₂O-Ce (1990-1995)**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 1996.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua**. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.

_____. **Carnavais, malandros e heróis**. 5 ed. Rio de Janeiro, 1990.

_____. Raízes da violência no Brasil: reflexões de um antropólogo. In: _____ e vários autores. **Violência brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1982, pp: 11-43.

_____. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

DAS, Veena. Fronteiras, violência e trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 40, São Paulo, jun. 1999.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História da criança no Brasil**. 4 ed. São Paulo: Ed, Contexto, 1996.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto do Estado do Ceará, 1998.

DUARTE, Nestor. **A ordem privada e a organização social: contribuição à Sociologia Política Brasileira**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1939.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

_____. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, v. 01.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei Federal 8.069 de 13 de junho de 1990.

FERREIRA, Diocleide L. O assassinato do índio pataxó Galdino: brincadeira que virou tragédia. In: BARREIRA, Irllys e VIEIRA, Sulamita (Orgs). **Cultura Política: tecidos do cotidiano brasileiro**. Fortaleza: EUFC, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 10 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993.

_____. **A Microfísica do Poder**. 11 ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1993.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE – SEADE E NÚCLEO DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA – NEV/USP. O jovem e a criminalidade urbana em São Paulo. São Paulo, janeiro de 1995.

GADELHA, Sílvio de Sousa. **Subjetividade e menor-idade: acompanhando o devir dos profissionais do social**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e do Desporto do estado do Ceará, 1998.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEREMEK, Bronislaw. **Os filhos de Caím: vagabundos e miseráveis na literatura européia 1400-1700**. São Paulo: Cia. das Letras 1995.

GIDDENS, Anthony. Confiança e modernidade. In: _____. **As conseqüências da modernidade**. 2 ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

GOHN, Maria da Glória. Movimento de meninos e meninas de rua no Brasil e as políticas sociais para a infância e a adolescência. In: _____. **Os sem terra, ONGs e cidadania**. São Paulo: Ed. Cortez, 1997.

GOLDWASSEN, Maria Júlia. “Cria fama e deita-te na cama”: um estudo de estigmatização numa instituição total. In: VELHO, Gilberto (Org.). **desvio e divergência**: uma crítica da patologia social. 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 7 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996a.

_____. **Estigma**. 4ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

_____. **Manicômios, prisões e conventos**. 5 ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1996b.

LEAL, Regina Barros. **Proposta pedagógica para adolescentes privados de liberdade**: reflexões iniciais. Fortaleza: UNICEF, 1998.

LEITE, Lígia Costa. **A magia dos invencíveis**: os meninos de rua na Escola Tia Ciata. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1991.

_____. **A razão dos invencíveis**: o rompimento da ordem 1554-1994. Rio de Janeiro: E. UFRJ/IPUB, 1998.

LINHARES, Ângela Maria B. **O tortuoso e doce caminho da sensibilidade**: um estudo sobre arte e educação. Rio Grande do Sul: UNIJUI, 1999.

MAFFESOLI, Michel. **A dinâmica da violência**. São Paulo: Vértice, 1987.

MÉNDEZ, Emílio Garcia. **Infância e cidadania na América Latina**. São Paulo: Instituto Ayrton Senna; Hucitec, 1998.

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 3 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de história da PUC-SP**. São Paulo: 1981.

NUNES, Brasilmar F.; MEDEIROS, Ana Elisabeth; NASCIMETO, Renato Carvalheira. Imaginário sobre a infância no Brasil. **Série Sociológica**, n. 145, Brasília, 1997.

NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na Pesquisa Social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OLIVEIRA, Alaíde Moura de. **Manual de orientação**: referências bibliográficas. 2 ed. São Paulo: Escola de Enfermagem/Serviço de Biblioteca e Documentação da USP, 1997.

OLIVEIRA, Paulo Salles de. **Vidas compartilhadas**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 1999.

PASSETI, Edson (Org.). **Violentados**: crianças, adolescentes e Justiça. São Paulo: Editora Imaginário, 1995.

PEIRANO, Mariza. **A favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PERALVA, Angelina. **Juvenização da violência e angústia da morte**. Trabalho apresentado no XX Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1996. (mimeo)

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PILOTTI, Francisco e RIZZINI, Irene. **A arte de governar crianças**: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Interamericano Del Niño/Ed. Universitária Santa Úrsula/AMAIS Livraria e Editora, 1995.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social 1860-1930.** Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf editora Ltda, 1993.

PRATA, Marinina G. B. **Entre a ovelha negra e o meu guri: a construção da identidade do delinqüente juvenil pobre no processo de socialização da família.** Dissertação de Mestrado. Fortaleza: UFC, 1996.

QUEIROZ, José J. (Org.). **O mundo do menor infrator.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 1987.

RAMALHO, José Ricardo. **O mundo do crime: a ordem pelo avesso.** 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Cia. da Letras, 1995.

RIFIOTIS, Teophilos. **Nos campos da violência: diferença e positividade.** Florianópolis, 1997. (mimeo)

RODRIGUES, José Albertino (Org.). **Durkheim.** 5 ed. São Paulo: Ática, 1990. (Coleção Grandes Cientistas Sociais. Sociologia)

ROURE, Glacy Q. de. **Vidas silenciadas: a violência com crianças e adolescentes.** Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 1996.

SANTOS, Luis A. Félix dos. **Diário do diabo: quando os anjos se prostituem.** Porto Alegre: Artes e ofícios editora, 1996.

SCHINDLER, Norbert. Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna. In: LÉVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude. **Hist'ria dos Jovens: da Antigüidade à Era Moderna.** São Paulo: Cia. das Letras, 1996, v. 01.

SILVA, Hélio R. S. e MILITO, Cláudia. **Vozes do meio-fio: etnografia sobre a singularidade dos diálogos que envolvem meninos e adolescentes ou que tomam a adolescência e a infância por tema e objeto na ruas da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

SILVA, Roberto da. **A trajetória da institucionalização de uma geração de ex-menores: o processo de constituição da identidade criminosa em crianças órfãs e abandonadas.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1996.

SIMMEL, Georg. La lucha. In: _____. **Sociologia 1,** Biblioteca de La Revista de Occidente. Madrid, 1997, cap. 05.

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua. Novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social.** Revista de Sociologia da USP. São Paulo, v. 05, n. 1-2, pp: 161-178, 1994.

STRAUS, Martha B. **Violência na vida dos adolescentes: como encontrar saídas para o jovem na difícil realidade contemporânea.** São Paulo: Ed. Best Seller, 1994.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea.** 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. **Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994a.

VELHO, Gilberto (Org.). **Desvios e divergências: uma crítica da patologia social.** 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

VELHO, Gilberto. A dimensão cultural e política do mundo das drogas. In: ZALUAR, Alba (Org.). **Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos (Orgs.). **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

VIANNA, Hermano (Org.). **Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 1997.

VIOLANTE, Maria L. **O dilema do decente malandro**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1983.

ZALUAR, Alba. **A maquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

_____. **Cidadãos não vão ao paraíso: juventude e política social**. São Paulo: Escuta, 1994b.

_____. **Condomínio do diabo**. Rio de Janeiro: Ed. Revan/UFRJ, 1994c.